

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

ADINÓIA DA CONCEIÇÃO LIMA

CULTURAS POPULARES, CIDADE E TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O LARGO DA
GENTE SERGIPANA (ARACAJU/SE)

SÃO CRISTÓVÃO-SE
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES

CULTURAS POPULARES, CIDADE E TURISMO: UM ESTUDO SOBRE O LARGO DA
GENTE SERGIPANA (ARACAJU/SE)

ADINÓIA DA CONCEIÇÃO LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) – Mestrado da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Culturas Populares.

Orientadora: Prof^ª Dra. Rosana Eduardo da Silva Leal

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

L732c Lima, Adinóia da Conceição
Culturas populares , cidade e turismo : um estudo sobre o Largo da Gente Sergipana (Aracaju/SE) / Adinóia da Conceição Lima ; orientadora Rosana Eduardo da Silva Leal. – São Cristóvão, SE, 2021.
145 f. : il.

Dissertação (mestrado em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Cultura popular - Sergipe. 2. Identidade social na arte. 3. Paisagens culturais. I. Leal, Rosana Eduardo da Silva, orient. II. Título.

CDU 39(813.7)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CULTURAS POPULARES

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Às 09h, do dia 28 de agosto 2021, no ambiente virtual Google Meet em razão do Plano de Contingência adotado pela UFS, por conta do Covid-19, foi realizada a defesa da dissertação "Culturas Populares, Cidade e Turismo: um estudo sobre o Largo da Gente Sergipana (Aracaju/SE)", da mestranda Adinóia da Conceição Lima, com a banca constituída pelos professores Denio Santos Azevedo (PPGCULT/DTUR/UFS) e Joab Almeida Silva (DTUR/UFS). A professora orientadora Rosana Eduardo da Silva Leal abriu os trabalhos e, em seguida, a mestranda teve trinta minutos para apresentar sua defesa da dissertação. Na sequência, os examinadores arguíram a mestranda que respondeu aos questionamentos. Com base nas normas do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe e após as deliberações da banca, a orientadora procedeu a leitura desta ata informando que a mestranda foi considerada **aprovada** na defesa da dissertação. Nada mais havendo a tratar, os membros da Banca Examinadora e a mestranda assinaram a presente ata.

São Cristóvão, Sergipe, 28 de agosto de 2021

Assinaturas:

DocuSigned by:
Rosana Eduardo da Silva Leal
ORIENTADORA

Denio Santos Azevedo
Examinador Interno

Joab Almeida Silva
Examinador Externo

Adinóia da Conceição Lima
Mestranda

Aos que apreciam o turismo e as culturas populares

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Rosana Eduardo da Silva Leal pela dedicação, paciência e credibilidade no meu trabalho. Cada lauda escrita nessa dissertação é significativa, fruto do conhecimento compartilhado durante as orientações.

Ao PPGCULT por todo aprendizado, bem como o seu corpo docente, em especial, Neila Dourado Gonçalves Maciel por conduzir o programa com maestria e Ana Maria São José pelo carinho com a pesquisa dos Bonecões!

A Talia Brito, Secretária do PPGCULT por todo suporte e atenção concedida.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida.

Ao Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo (ANTUR/UFS) pela minha inclusão e contribuição na minha trajetória acadêmica.

Aos amigos de turma 2019.1 e os alunos especiais que conheci na disciplina de Culturas Populares e Linguagens Artísticas, especialmente André Luiz Santos Valença, Jeane Carozo Rocha e Itania Mara Santos.

Aos membros da Banca Denio Santos Azevedo e Joab Almeida Silva, que estiveram presentes desde a Banca de Qualificação até a Defesa Final com suas preciosas contribuições.

Aos entrevistados pela contribuição com as entrevistas:

Mariana Michelle Nascimento Santos, Adonnys Diniz Santos, José Carlos Santana Santos, Gerson Luiz Rodrigues Almeida (Batucada, Estância/SE); Maria Acácia, Maria de Lurdes, Lúcia Santos (Caceteiras do Rindú São Cristóvão/SE); Daniel Santos, Wilker Félix, Jadielson Vieira e Kleyson Barreto, Jackson Teixeira (Quadrilha Junina, Aracaju, Carmópolis/SE); André Valença, Beto Lima, Cristina Santos, Irma Karla, Maria Divani, Vera Lúcia Albina, Nilsylaine Barbosa (Guias de Turismo); Marilene dos Santos Moura, Enildes Gonçalves dos Santos e Vilma da Conceição Araújo Guimarães (Reisado São José, Japaratuba/SE); Antônio Carlos dos Santos (Cacumbi Mestre Deca, Laranjeiras/SE); Bárbara Cristina dos Santos (Taieira, Laranjeiras/SE); Maria Ione do Nascimento (Parafusos, Lagarto/SE); Jadson Lorian

(Lambe-Sujos e Caboclinhos, Itaporanga D'Aduda/SE); Sueli Santos Leite (Samba de Roda, Japaratuba/SE); Valdeliso Bernadino Silva (Bacamareiros, General Maynard/SE); Karlla Jamyle Souza e Bruno Silva Lima (colaboradores do Museu da Gente Sergipana), Ezio Christian Déda de Araújo e Josevanda Mendonça Franco.

Por fim, a conclusão do mestrado significa uma realização pessoal que chega ao fim após uma trajetória de renúncias, percalços e aprendizado. Nesse termos, só tenho a agradecer ao Universo por essa conquista e as pessoas que contribuíram de alguma forma para torná-la possível, incluindo meus pais Noêmia da Conceição Souza e Antônio Lima.

*A avenida Ivo do Prado
Vai chamar sua atenção:
A Cultura Popular
Ilustra o calçadão
Nossa Sergipanidade,
Folclore e tradição...*

*Largo da Sergipanidade,
Assim foi denominado
Esse grandioso feito
Para deixar registrado,
Também imortalizado,
Proteger e resguardar
A cultura do Estado...*

*Barco de Fogo, Taieira,
Cacumbi, Boi de Reisado,
Lambe Sujo, Parafuso,
Caboclinho representado.
No Largo, o Bacamarteiro
Foi visto e também lembrado...
(Chiquinho do Além Mar)*

RESUMO

O presente estudo buscou analisar a relação entre culturas populares, cidade e turismo, considerando o papel do Largo da Gente Sergipana enquanto equipamento público urbano; representação simbólica e identitária do estado e atrativo turístico e cultural da capital sergipana. Trata-se de um nova construção urbana presente no Centro Histórico de Aracaju, que absorve distintos usos e práticas cidadinas, integrando também a paisagem turística da cidade. Nesse sentido, a pesquisa buscou ainda: a) averiguar os processos de criação e curadoria, inauguração e repercussão do Largo da Gente Sergipana, considerando-o enquanto representação simbólico e identitária do estado; b) compreender o papel do Largo como espaço público urbano, que está integrado às novas dinâmicas culturais e turísticas do Centro Histórico de Aracaju, a partir da inauguração e revitalização de equipamentos culturais; c) investigar o Largo enquanto atrativo turístico e urbano, considerando sua relação com o Museu da Gente Sergipana e sua presença na paisagem turística da cidade de Aracaju. O estudo foi conduzido por meio do arcabouço teórico da Antropologia Urbana, tendo como base os pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa, por meio do método etnográfico e netnográfico, fazendo uso da pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A investigação está imersa em um processo indutivo de pesquisa, utilizando-se da observação participante, entrevista semi-estruturada, uso de diário/caderno de campo, grupos focais, bem como registro fotográfico. Diante dos resultados, o estudo apontou que o Largo da Gente Sergipana desempenha importante papel na paisagem turística da cidade de Aracaju, contribuindo para a divulgação dos elementos simbólico-identitários do estado, bem como no processo de fortalecimento da capital enquanto destino turístico e cultural, por meio da associação das culturas populares com a capital sergipana. O Largo da Gente Sergipana foi construído, estrategicamente, no centro histórico da cidade, estando próximo a outros equipamentos culturais da capital sergipana, seguindo uma tendência mercadológica dentro de um circuito urbano com características turísticas e culturais. Nesse contexto, o referido espaço absorve práticas que intensificam a interação com a cidade, possibilitando estabelecer vivências cidadinas pautadas nas culturas populares do estado. O Largo funciona como extensão do Museu Gente Sergipana, englobando diversos usos e práticas, bem como absorvendo funcionalidades turísticas, culturais, artísticas, lúdicas, educativas e patrimoniais.

Palavras-chave: culturas populares; cidade; equipamento público; identidades; paisagem turística.

ABSTRACT

This study sought to analyze the relationship between popular cultures, the city and tourism, considering the role of Largo da Gente Sergipana as an urban public facility; symbolic representation and identity of the state and tourist and cultural attraction of the capital of Sergipe. It is a new urban construction present in the Historic Center of Aracaju, which absorbs different uses and city practices, also integrating the city's touristic landscape. In this sense, the research also sought to: a) investigate the processes of creation and curation, inauguration and impact of Largo da Gente Sergipana, considering it as a symbolic representation and identity of the state; b) understand the role of Largo as an urban public space, which is integrated with the new cultural and tourist dynamics of the Historic Center of Aracaju, from the inauguration and revitalization of cultural facilities; c) investigate Largo as a tourist and urban attraction, considering its relationship with the Museu da Gente Sergipana and its presence in the touristic landscape of the city of Aracaju. The study was conducted through the theoretical framework of Urban Anthropology, based on the methodological assumptions of qualitative research, through the ethnographic and netnographic method, making use of bibliographical, documental and field research. The investigation is immersed in an inductive research process, using participant observation, semi-structured interviews, use of diary/field notebook, focus groups, as well as photographic record. Given the results, the study indicated that Largo da Gente Sergipana plays an important role in the tourist landscape of the city of Aracaju, contributing to the dissemination of the symbolic-identity elements of the state, as well as in the process of strengthening the capital as a tourist and cultural destination, through the association of popular cultures with the capital of Sergipe. Largo da Gente Sergipana was built strategically in the historic center of the city, being close to other cultural facilities in the capital of Sergipan, following a marketing trend within an urban circuit with tourist and cultural characteristics. In this context, the aforementioned space absorbs practices that intensify the interaction with the city, making it possible to establish city experiences based on the popular cultures of the state. The Largo works as an extension of the Museu Gente Sergipana, encompassing various uses and practices, as well as absorbing tourist, cultural, artistic, recreational, educational and heritage features.

Keywords: popular cultures; city; public equipament; identities; tourist landscape.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO.....	06
1. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	10
2. DIMENSÕES CONCEITUAIS.....	17
2.1 Cidade.....	17
2.2 Instação Artística urbana.....	18
2.3 Cultura e identidade.....	21
2.4 Culturas populares, folclore, tradição e folguedo.....	25
2.5 Paisagem Turística.....	32
3. O LARGO DA GENTE SERGIPANA.....	36
3.1 O processo de criação, curadoria e trajetória da obra.....	36
3.2 Inauguração.....	44
3.3 Repercussão.....	50
3.4 As Manifestações Culturais representadas no Largo.....	53
4. AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DO LARGO DA GENTE SERGIPANA.....	56
4.1 Usos, Práticas e Contra-usos.....	56
4.2 Dimensões Patrimoniais e Educacionais do Largo.....	60
4.3 Recurso Educativo em Tempos de Pandemia.....	63
4.4 O Drive Thru Solidário.....	69
4.5 <i>Tour</i> virtual no Museu da Gente Sergipana e Largo da Gente Sergipana.....	74
5. PERCEPÇÕES SOBRE O LARGO DA GENTE SERGIPANA.....	77
5.1 A presença do Largo no Centro Histórico de Aracaju.....	77
5.2 Netnografia do Largo.....	86
5.3 Análise das entrevistas com Grupos Focais.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	119
APÊNDICES.....	132

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Aracaju/SE. Traçado sinuoso da Av. Ivo do Prado, 2014	37
Figura 02: Imagem aérea do Largo da Gente Sergipana, 2018	39
Figura 03: Salvador/BA. Dique Tororó, 2019.....	39
Figura 04: Maquete do Largo da Gente Sergipana, 2017.....	42
Figura 05: Convite de inauguração, 2018.	45
Figura 06: Aracaju/SE. Retirada de fitas de inauguração, 2018.....	46
Figura 07:Aracaju/SE. Grupo Parafusos, 2018.....	48
Figura 08: Placa Bacamarteiro, 2021	49
Figura 09: Aracaju/SE. Projeto Batendo Perna em Aracaju, 2020	57
Figura 10: Contra-usos no Largo da Gente Sergipana, 2019.	58
Figura 11: A pesca como contra-uso no Largo da Gente Sergipana, 2019	59
Figura 12: A pesca como uso e prática no Largo da Gente Sergipana, 2021.....	60
Figura 13: Aracaju/SE. Inserção de máscaras nas esculturas, 2020	66
Figura 14: Aracaju/SE. Ação COVID-19, 2020.....	68
Figura 15: Aracaju/SE. Campanha Solidarize SE, 2021.....	71
Figura 16: Aracaju/SE. O Largo em tempos de pandemia, 2021	72
Figura 17: <i>Tour</i> virtual 360°, 2021.....	74
Figura 18: Panoramas <i>Tour</i> virtual 360°, 2021.....	74
Figura 19: <i>Tour</i> virtual, Largo da Gente Sergipana, 2021	75
Figura 20: Aracaju/SE, Mercados Municipais, 1992-2020.....	79
Figura 21: Do antigo prédio da Alfândega ao Centro Cultural de Aracaju/SE, 2010 – 2016.....	81
Figura 22: Aracaju/SE. Do antigo Terminal Hidroviário ao Espaço Zé Peixe, 2012- 2015.....	82
Figura 23: Aracaju/SE.Ponte do Imperador, 2006.....	83
Figura 24: Aracaju/SE. Vista aérea da Praça Fausto Cardoso, 2016.....	84
Figura 25: Aracaju/SE. Do antigo prédio Atheneuzinho ao Museu da Gente Sergipana, 2007- 2016.....	85
Figura 26: Demonstrativo <i>TripAdvisor</i> , 2021	88
Figura 27: Nuvem de palavras extraídas dos comentários do <i>TripAdvisor</i> , 2021	91
Figura 28: Entrevista com Grupo Focal Estância/SE, 2020.....	97
Figura 29: Entrevista com Grupo Focal Quadrilha Junina, 2020	98
Figura 30: São Cristóvão/SE, Caceteiras do Rindú, 2020.....	98
Figura 31: Japarutuba/SE, Sueli Santos Leite, 2020	103
Figura 32: Esculturas Lambe-sujo e Caboclinhos, 2020.....	105
Figura 33: Placa Lambe-Sujo e Caboclinhos, 2021	105
Figura 34: Itaporanga/SE, Lambe-Sujo e Caboclinhos, 2018	106
Figura 35: Entrevista com Guias de Turismo, 2021.	107

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRAJET – Associação Brasileira de Jornalismo de Turismo

ADEMA – Administração Estadual do Meio Ambiente

ANA – Agência Nacional de Águas

ANTUR – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

COVID – Corona Vírus *Disease*

CUT/SE – Central Única dos Trabalhadores de Sergipe

CUFA – Central Única das Favelas

EMURB - Empresa Municipal de Obras e Urbanização

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MGS – Museu da Gente Sergipana

IMD – Instituto Mardelo Déda

MTUR – Ministério do Turismo

PRODETUR – Programa nacional de Desenvolvimento e Estruturação do Turismo

PPGCULT – Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Culturas Populares

SPU – Secretaria de Patrimônio da União

SINGTUR – Sindicato dos Guias de Turismo

SEDUC – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

O presente trabalho constitui o tema de pesquisa desenvolvida no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe, estando vinculado ao Grupo de Pesquisa em Turismo e Antropologia (ANTUR). A escolha do Largo da Gente Sergipana como objeto de estudo surgiu da necessidade de refletir sobre um novo espaço do centro de Aracaju, que evidencia elementos identitários do estado, por meio de esculturas que representam algumas manifestações culturais populares de Sergipe, integrando parte do patrimônio cultural da cidade da capital sergipana.

O interesse pela área de estudo em questão foi motivado, sobretudo, por identificação pessoal oriunda da minha formação em Turismo e naturalidade aracajuana. Contudo, o primeiro contato com o campo ocorreu no trajeto que fazia de casa para o trabalho, que permeou desde o início da construção até a conclusão do Largo da Gente Sergipana. Como desejo pessoal, pretendia fazer parte do curso de mestrado mas ainda não havia encontrado o campo de estudo para minha pesquisa. Então, alguns meses após a inauguração do Largo decidi participar do processo de seleção do PPGCULT buscando pesquisar o referido equipamento.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares, as oportunidades que surgiram no decorrer do curso contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa em seu formato atual, como as discussões em sala de aula, as atividades desenvolvidas durante as disciplinas, as leituras sugeridas, a participação no Grupo de Pesquisa em Antropologia e Turismo (ANTUR/UFS), que resultou em algumas produções científicas e participação em alguns eventos¹. Nesse sentido, esta pesquisa tem como campo

¹ O Largo da Gente Sergipana como Recurso Educativo em Tempos de Pandemia. Dossiê Cultura em Foco: Distanciamentos e aproximações culturais em tempos de pandemia. 1ª ed. Foz do Iguaçu: CLAEAC, p. 64-74, 2021.

Cidade, Espaço Público e Paisagem Turística: reflexões sobre o Largo da Gente Sergipana em Aracaju/SE *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, CIDADES E PATRIMÔNIO (UFMA), ambiente virtual, 2020.

Festejos Natalinos e Culturas Populares no Natal da Gente Sergipana *In*: IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TURISMO DA UFS – SEMANA INTEGRADA DE TURISMO UNIVERSITÁRIO (SITU), ambiente virtual, 2020.

Cultura Popular, Cidade e Turismo: um estudo sobre o Largo da Gente Sergipana em Aracaju/SE. *In*: 12º Encontro de Pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, 2020.

Cidade, Patrimônio e Turismo: um estudo sobre o Largo da Gente Sergipana. *In*: IV SEMINÁRIO MUSEUS, CIDADE E PATRIMÔNIO (SEMUCIPA), Aracaju, 2019.

empírico o Largo da Gente Sergipana, que desde 2018 passou a fazer parte como novo equipamento público de Aracaju, integrando-se também à paisagem turística da capital. Trata-se de um espaço entregue a população em comemoração aos 163 anos da cidade, resultado de uma parceria entre o Instituto Banese, o Governo do Estado e o Banco do Estado de Sergipe. E que conta com algumas esculturas representativas de algumas manifestações culturais, festas e folguedos presentes no estado. Como problemática o estudo busca compreender se os brincantes de grupos folclóricos reproduzidos no Largo da Gente Sergipana, bem como os que não estão lá retratados nas esculturas se sentem ou não representados de alguma forma e a percepção deles em relação a esse equipamento.

A partir desse questionamento, o trabalho tem como objetivo principal analisar a relação entre cultura popular, cidade e turismo, considerando o papel do Largo da Gente Sergipana enquanto equipamento público urbano; representação simbólico e identitária do estado e atrativo turístico e cultural de Aracaju.

Como objetivos específicos, buscamos

- a) Averiguar os processos de criação e curadoria , inauguração e repercussão do Largo da Gente Sergipana, considerando-o enquanto representação simbólico e identitária do estado;
- b) Compreender o papel do Largo como espaço público urbano, que está integrado às novas dinâmicas culturais e turísticas do Centro Histórico de Aracaju, a partir da inauguração e revitalização de equipamentos culturais;
- c) Averiguar o Largo enquanto atrativo turístico e urbano, considerando sua relação com o Museu da Gente Sergipana e sua presença na paisagem turística da cidade de Aracaju.

A escolha do tema é justificada pela carência de pesquisas sobre a relação entre cultura popular, cidade e turismo em Sergipe, a partir de um atrativo turístico inserido no contexto aracajuano. Sendo assim, a escolha do Largo da Gente Sergipana como campo empírico se deu pela sua relevância turística-cultural. Além disso, trata-se de uma proposta de estudo pertinente para o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares inserido

na região Nordeste, sobretudo, no estado de Sergipe, bem como para os estudos do turismo no estado.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos, além de introdução e considerações. O primeiro capítulo é uma seção dedicada a metodologia da pesquisa, descrevendo como foi operacionalizada a investigação. Como arcabouço teórico temos Lakatos; Marconi (2003), Gil (2008), Mattos (2011), Lima *et al* (2007), Mesquita *et al* (2018), Bauer (2008), Angrosino (2009), Leal (2010), Geertz (2008), Ribeiro; Gandara (2019), Rios *et al* (2016), Fantinel; Silva, (2014), entre outros.

O segundo capítulo elencamos algumas categorias de análises para o presente estudo, que pautam nas dimensões conceituais sobre cidade, equipamento público, instalação artística urbana, identidades, cultura popular, folclore, tradição, folguedo e paisagem turística. Para tanto, usou-se como referencial teórico Arantes (1990), Alencar (1998), Barreto (1997), Cavalcanti (2001), Canclini (1983), Carneiro (2008), Hall (2003), Azevedo (2014), Burke (2010), Velho (2009), Magnani (2013), Magnani (1996), Oliven (2007), Rocha (2009), Laraia (2001), Zucon; Braga (2013). Silva (2019), Polon (2015), Andrade (2015), Souza (2010), Paulino (2015), Lima (2003), Milagres; Souza (2012), Maximiano (2004), Silva (2004), Oliveira (2018), Rayel (2016), Sotratti, 2011), Pimentel (2010), Trzaskos *et al* (2011), Franzen *et al* (2010), Brenner; Lopes (2010), Barreto *et al* (2006), entre outros.

O terceiro capítulo explica sobre o processo de criação, curadoria e trajetória da obra de construção do Largo da Gente Sergipana, revelando como ocorreu o processo de escolha e seleção das esculturas. Para tanto, será necessário abordar questões referentes ao planejamento e instalação do Largo, assim como a sua inauguração e a repercussão na mídia, tanto positiva quanto negativa, na tentativa de compreender o processo de aceitação e/ou rejeição do equipamento.

O quarto capítulo aborda algumas possíveis multifuncionalidades do Largo da Gente Sergipana por meio dos usos, práticas e contra-usos desenvolvidos através de atividades turísticas, lúdicas, educativas, solidárias, patrimoniais, comerciais, bem como a possibilidade de um *tour* virtual. Dessa forma, o capítulo contará com reflexões embasadas em autores como Michel de Certeau (1994), Leite (2004), Melo (2020), Varella (2018), Telles (2018), Oliveira (2020), entre outros.

O quinto e último capítulo discorre sobre a presença do Largo da Gente Sergipana no Centro Histórico de Aracaju, analisando as mudanças decorrentes do processo de revitalização na área central da cidade. Realizamos uma breve análise sobre alguns comentários extraídos da página oficial do *TripAdvisor* com o propósito de perceber a reputação *online* do Largo a partir dos comentários de locais e turistas. Nesse mesmo capítulo, mostraremos alguns conteúdos sobre entrevistas realizadas. Como referencial teórico nessa etapa utilizamos Diniz (2009), Silva (2009), Pinheiro; Santos (2013), Leite (2004), Silva (2019), Santos (2020), Rocha (2017), Zettermann (2016), Carvalho (2010).

Por último, serão apresentadas as considerações obtidas com a realização da referida pesquisa, com o propósito de contribuir como produção científica sobre o Largo da Gente Sergipana, provocando possíveis reflexões sobre a relação entre cultura popular, cidade e turismo no contexto aracajuano, através de uma perspectiva interdisciplinar.

1. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Este capítulo esclarece o sobre a escolha do método, os percursos metodológicos e os procedimentos escolhidos para operacionalização da pesquisa, bem como os percalços vivenciados e resultados obtidos.

A pesquisa foi conduzida com base nos pressupostos teóricos metodológicos da pesquisa qualitativa que “utiliza um método de investigação capaz de compreender significados, crenças e intencionalidades inerentes aos atos e às relações sociais dos sujeitos” (ALVES *et al*, 2019, p.154), por meio do método etnográfico, pois “a pesquisa etnográfica pode ser realizada onde quer que haja pessoas interagindo em cenários naturalmente coletivos” (ANGROSINO, 2009, p.43).

Por esse motivo, Leal (2010) trata da importância do uso da etnografia aplicável no Turismo, a partir da compreensão socioantropológica, considerando seus entraves para o desenvolvimento da pesquisa. Conforme salienta a autora, “o trabalho de campo antropológico não consiste em coletar informações, mas de impregnar-se do contexto social pesquisado, como estratégia do conhecimento sobre a cultura estudada” (LEAL, 2010, p. 04).

É justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática etnográfica, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento (GEERTZ, 2008, p.04). A escolha da prática etnográfica como método aplicado aos estudos que envolvem as culturas populares e o turismo são fundamentais para promover um diálogo entre a produção científica e a realidade, pois,

A cultura popular, em sua maioria e principalmente nos projetos de preservação e resgate cultural, é tratada meramente como folclore. Isso deve-se ao caso de que os folcloristas procuram tratar o popular como algo isolado, dessa forma o popular se traduz em algo determinado e por isso os estudos folclóricos procuram colocar uma certa ‘redoma de vidro’ em volta da cultura popular, para que essa não pudesse ser “contaminada” com as novas formas de atuação cultural da modernidade. Tratando a cultura popular dentro de uma visão folclorista, esta passa a se separar do cotidiano, uma vez que esta é apenas expressão e não cotidiano (ANDRADE, 2015, p. 36-37).

Para tratar do uso da etnografia como método de pesquisa utilizada neste estudo é necessário considerar suas especificidades socioantropológicas e saber que,

o olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e o registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamento: são experiências humanas - de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade e que só aparecem como exóticas,

estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido (MAGNANI, 1996, p. 03).

Nesse estudo também utilizou-se da netnografia, que serviu para estudar a percepção dos turistas sobre o Largo da Gente Sergipana, por meio da página do *TripAdvisor*. Segundo Mesquita *et al* (2018, p.135), “diante da habitualidade com que as ações do espaço físico são substituídas por ações no ambiente virtual, elementos culturais também avançam para o ciberespaço, culminando com o surgimento da assim chamada cibercultura”. Dessa forma, os referidos autores nos informam que a netnografia é resultado de uma variação da etnografia originada na Antropologia Social. Nesse contexto, Gondim *et al* (2020, p. 21), salienta que “a netnografia consiste em um método qualitativo e interpretativo, adaptado a partir de técnicas, procedimentos e padrões metodológicos da etnografia, que auxilia na investigação da cibercultura e do comportamento das comunidades virtuais”. Por esse motivo, a netnografia utilizou-se como método de pesquisa que endossa a análise realizada na página da *TripAdvisor*, que nos permite analisar a percepção dos turistas sobre o Largo da Gente Sergipana enquanto atrativo turístico urbano, que abarcou o período de março de 2018 à julho de 2020.

Em nosso estudo, a netnografia surgiu motivada pela necessidade de adaptação da pesquisa ao atual cenário impactado pela pandemia do novo COVID-19. Nesse sentido, buscamos suprir a ausência da investigação *in loco* durante esse período devido a pandemia. Para tanto, a consulta da página do *TripAdvisor* foi operacionalizada através do modelo adotado por Ribeiro e Gândara (2019, p. 92-93), por meio das seguintes divisões: local de origem (cidade ou país do usuário), título do comentário (título que o usuário utilizou), comentário (comentário do usuário), data (dia, mês e ano dos comentários, sendo que nem todos possuem data completa), nível do colaborador (classificação do site para os usuários que comentam) e número de estrelas (classificação utilizada para o atrativo quanto a significância). Como considerações de suas pesquisas pautada na experiência com *TripAdvisor*, os autores salientam: “viu-se que a reputação *online* é responsável na decisão da escolha (decisão) ou não de um destino turístico, portanto, manter-se competitivo no mercado turístico, requer do destino ampliar a qualidade e a experiência para o visitante” (RIBEIRO; GÂNDARA, 2019, p 103).

Diante do exposto, consideramos a relevância da consulta e análise das informações coletadas sobre as diversas percepções publicadas na página da *TripAdvisor* e como a referida página pode contribuir com a atividade turística e o estudo dos atrativos turísticos, considerando os

pontos fortes e fracos dos mesmos, a partir das opiniões publicadas pelos usuários da *TripAdvisor*. Para essa parte da pesquisa, foi utilizada a microanálise etnográfica. Mattos (2011, p. 55-57) afirma que “a microanálise etnográfica é um instrumento da etnografia, frequentemente utilizada nos estudos da linguagem”. Entretanto, pode ser aplicada em outras áreas como no caso da nossa pesquisa em questão. Assim, a autora salienta que na microanálise etnográfica é necessário realizar uma investigação por um longo tempo “para depois particularizarmos um processo interacional ou um fato que consideramos micro analiticamente relevante”. Dessa forma, a autora ressalta que “a microanálise etnográfica leva em consideração não somente a comunicação ou interação imediata da cena, como também a relação entre esta interação e o contexto social maior, a sociedade onde este contexto se insere”. Com isso, os dados coletados no campo físico e virtual da pesquisa foram analisados e interpretados por meio da construção de uma triangulação entre as dimensões teóricas, conceituais e empíricas, que resultaram em categorias de análise.

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica abrange a bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, de forma escrita ou até mesmo através dos meios de comunicação em geral. Por esse motivo, utilizamos a pesquisa bibliográfica através da consulta à livros, artigos, dissertações e teses.

A pesquisa documental foi empreendida através da consulta em matérias de jornais locais, sites, blogs de notícias e documentos escritos e fotográficos. Por essa razão, “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias” (LAKATOS e MARCONI, 2003 p. 174). Nesse contexto, é necessário recorrer a análise de recursos audiovisuais que tratam da repercussão tida com a instalação do Largo da Gente Sergipana, sob a ótica crítica dos visitantes, artistas, intelectuais e brincantes dos grupos folclóricos representados nas esculturas. Isso explica porque os documentos não escritos se inserem na investigação.

A produção do conhecimento científico contemporâneo no campo socioantropológico, mais especificamente para este estudo, pauta-se na discussão sobre cultura popular e turismo no espaço urbano, considerando a pluralidade de sentidos sobre a cidade como espaço de cultura e arte. Assim, em função do caráter socioantropológico da explicação do fenômeno pesquisado, optamos por utilizar algumas técnicas para coleta de dados como diário/caderno de campo, registros fotográficos, observação participante, entrevistas direcionadas a grupos focais específicos detalhados ao longo da dissertação. Salientamos que o período

compreendido para operacionalização dos procedimentos aqui elencados ocorreram entre novembro de 2019 à julho de 2021, sendo a pesquisa desenvolvida em quase toda sua totalidade durante a pandemia da Covid-19, cuja crise está entre os anos de 2020 e 2021.

O diário/caderno de campo nos permitiu construir uma escrita não-formal e detalhada dos fatos observados. “Pode-se considerar que as informações, tanto de natureza descritiva como reflexiva, imprimem um caráter genérico ao diário de campo, tornando-o retrato de todo o processo de desenvolvimento de uma pesquisa” (LIMA *et al.* 2007, p.101). Para isso, foi integrado, ao mesmo, relatos sobre a participação da pesquisadora em atividades e eventos realizados no Museu da Gente Sergipana, observando como ocorre a interação entre as atividades executadas e a visitação ao Largo da Gente Sergipana. Além disso, foi realizado também um levantamento das atividades lúdicas, educativas, comerciais, artísticas e culturais realizadas durante a pesquisa de campo no Largo. Também foram inseridos observações captadas durante os grupos focais e as entrevistas.

O estudo está imerso em um processo indutivo de pesquisa. “Nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles” (GIL, 2008, p.11). Nesse sentido, “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.86). Portanto, o processo indutivo de análise elaborado por meio da construção etnográfica, nos permite identificar categorias teóricas, simbólicas e temáticas envolvendo cidade, espaço público, paisagem turística, culturas populares e representação identitária para pensarmos macro questões, que envolvem o campo pesquisado.

O mundo em que vivemos é crescentemente influenciado pelos meios de comunicação, cujos resultados, muitas vezes dependem de elementos visuais, consequentemente, o “visual” e a “mídia” desempenham papéis importantes na vida social, política e econômica (BAUER, 2008, p.138). Assim, para complementar a construção etnográfica, o recurso audiovisual foi utilizado como instrumento metodológico. Teve como base consultas e análises de registros audiovisuais jornalísticos disponíveis na internet gravados antes, durante e depois da inauguração do Largo.

Seguindo uma abordagem com uso do recurso imagético, o Largo da Gente Sergipana tem como uma de suas funcionalidades o convite à fotografia, seguindo a lógica de novo cartão postal da cidade e atrativo turístico. Para tanto, na análise da pesquisadora, o registro de imagens não se constitui simplesmente pelo ato de fotografar, uma vez que pautou-se na observação do fenômeno. Nesse sentido,

Fundam-se novas bases teórico-epistemológicas nas ciências sociais mediante incorporação de novos temas, objetos e estratégias nesse campo científico. Essa importância atribuída a ‘ler’, produzir e interpretar criticamente a linguagem visual permitiu transformar a perspectiva imagética em mais do que simples ‘realidade objetiva’, porém instrumento do cientista social para entender os significados engebrados pelas imagens, suas formas de produção e mediação de sentido (RIOS *et al.*, 2016, p.103).

Alves (2019) cita a pertinência do uso da fotografia como inclusão na coleta de dados, tendo como principais benefícios o “incentivo de reflexões e criatividade, rompimento com a formalidade nas entrevistas, captação de impressões subjetivas e significados, [que] potencializa discussões [...] fortalece o engajamento e o protagonismo dos participantes na pesquisa, entre outros” (ALVES *et al.*, 2019, p. 162). Nessa investigação realizamos consulta ao material fotográfico retirado do blog Sergipe em fotos (2014) que nos revelou como era o espaço onde hoje está instalado o Largo da Gente Sergipana em busca de informações para compreensão de como se davam os usos e práticas naquela época, relacionando com o cenário atual.

A observação participante “é o caminho para se alcançar o que não está explícito”, ou seja, o pesquisador desenvolve questões reflexivas sobre suas ideias pré-concebidas porque não é o pesquisador apenas quem interfere no campo, considerando que o campo também pode causar transformações para o curso da investigação (FANTINEL; SILVA, 2014, p. 04). Deste modo, conforme análise antropológica, o trabalho de campo não se limita apenas a observar, mas também tem a necessidade de interação com os envolvidos, porque “o que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’ (GEERTZ, 2008, p.04). Exatamente por partilhar desse pensamento optamos também pela observação participante pautada na síntese de que “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo” (LAKATOS, 2003 p. 193). Nesses termos, a observação participante se deu pela interação com dois colaboradores do museu durante ação solidária, dois guias de turismo, um pescador, um grupo de visitantes presentes no Largo durante algumas visitas ao campo.

Lamentavelmente com a pandemia as visitas *in loco* foram parcialmente prejudicadas com o fechamento do Museu da Gente Sergipana (MGS) e o cumprimento do distanciamento/isolamento social estabelecidos. Nesse sentido, houve a impossibilidade de acesso à infraestrutura física do (MGS) como estacionamento, banheiros, consumo de água, espaço gastronômico (Café da Gente) e comercialização de produtos locais (Loja da Gente) disponibilizada para os visitantes do Largo da Gente Sergipana. Com efeito, o MGS inoperante resultou na redução do público no equipamento, considerando que o turismo foi um dos setores mais afetados pela atual pandemia.

Operacionalização da pesquisa:

A pesquisa de campo foi formalmente iniciada em novembro de 2019 com 12 visitas *in loco*, alternadas entre manhãs e tardes em dias úteis e finais de semana na tentativa de obter uma análise mais consistente dos fenômenos observados.

Foram realizadas também as entrevistas. Nesse âmbito, consideramos que “a entrevista qualitativa fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre atores sociais e sua situação” (BAUER, 2008, p.65). Por causa das restrições que nos deparamos no decorrer da pesquisa causada pela atual crise sanitária proveniente da pandemia da COVID-19, foi necessário ir além do espaço geográfico que configura o campo empírico para adentrarmos o ambiente virtual na forma de investigação *online*. Por essa razão, as entrevistas semiestructuras foram realizadas e adaptadas conforme a necessidade. Dessa maneira, realizamos quatro encontros em ambiente virtual através da plataforma *Google Meet*. Estes foram executados da seguinte forma: Ezio Deda em 06/07/2021 às 15h; Guias de Turismo em 07/05/2021 às 19h; Componentes de Quadrilha Junina em 27/11/2020 de 2020 às 19h30; Representantes de Batucada em 27/11/2020 às 14h.

Foram realizados também:

Encontro presencial com brincantes do grupo Caceteiras do Rindú em 29/12/2021 às 14h no povoado Pedreira em São Cristóvão/SE.

Aplicação de formulário on-line elaborado para Josevanda Mendonça Franco com retorno das respostas no dia 18/06/2021.

Aplicação de formulário on-line para Karlla Jamyle Souza e Bruno Silva Lima (colaboradores do Museu da Gente Sergipana) com retorno das respostas nos dias 21 e 26 de 05/2021.

Envio de roteiro de perguntas por *Whatsapp* direcionado aos representantes de alguns grupos folclóricos com respostas recebidas de: Jadson Lorian (Lambe-Sujo e Caboclinho) 15/06/2021; Marilene dos Santos Moura, Enildes Gonçalves dos Santos e Vilma da Conceição Araújo Guimarães (Reisado São José, Japarutuba/SE) 28/06/2021; Maria Ione do Nascimento (Parafusos) 04/07/2021; Sueli Santos Leite (Samba de Roda) 05/07/2021; Bárbara Cristina dos Santos (Taieira) 10/07/2021; Antônio Carlos dos Santos (Cacumbi Mestre Deca) 15/07/2021, Valdeliso Bernadino Silva (Bacamareiros, General Maynard/SE) 23/07/2021.

Buscamos nesse estudo desenvolver um trabalho etnográfico baseado na sensibilidade e compreensão do universo que percorre as culturas populares. Por isso, diante do cenário da atual pandemia, consideramos as dificuldades com tecnologia de alguns entrevistados, que perpassaram desde habilidades no manuseio até o acesso a internet e equipamentos eletrônicos, além da necessidade em manter um distanciamento social. Com efeito, o distanciamento/isolamento social inviabilizou parcialmente o contato direto com alguns interlocutores. Diante disso, buscamos maneiras de operacionalizar as entrevistas e com o propósito de obter alguns resultados para investigação, adaptando à realidade de cada um(a). Nessa condições, justificamos o uso de entrevistas via *WhatsApp* aqui apresentadas como alternativa, minimizando os impactos na pesquisa oriundos desse afastamento.

2. DIMENSÕES CONCEITUAIS

Neste capítulo estabelecemos algumas categorias de análise como forma de organização a partir das dimensões conceituais propostas pela fundamentação teórica selecionada. Deste modo, as referidas dimensões ligadas a fatos, fundamentos, contexto histórico, entre outros, ajudou na compreensão das discussões acerca da pesquisa.

2.1 Cidade

A perspectiva sobre o conceito de cidade pode ser desenvolvida a partir de várias possibilidades de análises, no entanto, para este estudo optamos pela Antropologia Urbana com foco nos usos e práticas desenvolvidas no espaço urbano para tentar compreender as dinâmicas e especificidades que compõem esse cenário. Nesse contexto, Velho (2009) chama atenção para o fato de que a Antropologia Urbana é inter e multidisciplinar, que, devido à complexidade da cidade moderno-contemporânea levou ao surgimento desse campo de investigação. Por esse motivo, Oliven (2007) esclarece que a Antropologia Urbana surgiu do ofício que os antropólogos desenvolviam em várias partes do mundo para pesquisar sociedades simples, majoritariamente em tribos e no campo, entretanto, no Brasil e em outros lugares é crescente as pesquisas no meio urbano, o que justifica a origem do termo Antropologia Urbana. Dessa forma, Magnani (1996) destaca a cidade como campo de experiência para estudos antropológicos, apresentando uma nova abordagem para investigação do “outro”, que se distancia da antiga visão antropológica sobre a pesquisa com povos “primitivos” vistos como exóticos. Para tanto, “basta uma caminhada pelos grandes centros urbanos e logo entra-se em contato com uma imensa diversidade de personagens, comportamentos, hábitos, valores (MAGNANI, 1996, p. 03). Assim, Magnani (2013) propõe uma análise a partir da imersão no campo de estudo com a finalidade de investigar a cidade “de perto e de dentro” em oposição a uma abordagem “de longe e de fora”, que busca o entendimento da dinâmica urbana a partir de variáveis econômicas, demográficas e político-institucionais. Assim, ao analisar a cidade “de perto e de dentro” está considerando a diversidade dos atores sociais presentes no cotidiano. Esse mesmo autor, também aborda a diferença entre fazer antropologia da cidade e na cidade e como entrave pontua a construção das unidades de análises. O referido autor explica que a origem dessa oposição quanto ao uso das referidas contrações (da/na) é oriunda da obra de Clifford Geertz, no livro “A Interpretação

das Culturas” publicado em 1978, ao afirmar que “o lócus do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...), eles estudam nas aldeias” (GEERTZ, 1978, p.32). Em seguida, o autor trata da importância da Antropologia Urbana no Brasil, que encontrou na Escola Sociológica de Chicago sua principal fonte de referência. Dessa maneira, a partir da década de 1970, a Antropologia voltou a ter maior visibilidade e servir de referência na investigação de grandes centros urbanos. Magnani (2013) chama atenção para um perigo intitulado por ele de “a tentação da aldeia”, que busca transpor para as cidades a percepção clássica dos estudos etnográficos em aldeias, concentrando-se em pequenos grupos, nos contatos face a face no interior de um bairro, de uma festa, dentre outros, deixando em segundo plano o contexto mais amplo na qual essas relações se desenrolam. Dessa maneira, ao fazer um recorte para iniciar uma pesquisa utilizando o método etnográfico é necessário considerar dois lados. Um está relacionado ao agente que considera sua prática e o que lhe faz sentido e, outro é de responsabilidade do pesquisador que reconhece esse sentido e os descreve utilizando seu conhecimento teórico e conceitual. Assim, “uma antropologia na cidade, com sua multiplicidade de recortes empíricos, pode caminhar na direção de, ou contribuir para uma nova e instigante perspectiva da cidade” (MAGNANI, 2013, p. 67).

Certeau (1994) não analisa a cidade a partir de conceitos, mas pelos usos e práticas realizados pelos indivíduos no espaço em que estes definem como um lugar praticado. Dessa forma, o autor chama atenção para pluralidade existente na cidade, a partir de uma visão socioantropológica pautada nas ações praticadas no cotidiano em que se tem a presença das astúcias desenvolvidas por seus habitantes, que contribuem para a construção da imagem da cidade. Enquanto Certeau (1994) trata da cidade a partir dos usos e práticas, Leite (2004) chama atenção para os contra-usos da cidade como por exemplo a prostituição, o comércio ilegal de drogas, o comércio informal, atores sociais marginalizados como pedintes e/ou moradores de rua, protestos e manifestações, eventos sem autorizações, etc. Dessa maneira, os usos e práticas, bem como os referidos contra-usos se complementam promovendo vitalidade aos espaços urbanos.

2.2 Instalação Artística Urbana

De acordo, com a página oficial do Museu da Gente Sergipana (2018) “o Largo da Gente Sergipana é uma instalação artística urbana integrada à paisagem natural do rio Sergipe e ao Centro Histórico de Aracaju, potencializando uma experiência sensorial marcada pela

valorização de nossa identidade cultural. Partindo desse pressuposto, resolvemos investigar a respeito do conceito de instalação artística, bem como sua relação com a localização onde está inserida. Dessa forma, “o termo instalação é incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando *assemblage* ou ambiente construído em espaços de galerias ou museus” (ENCICLOPEDIA ITAÚ CULTURAL, 2020). Nesse sentido, pode ser comparado a uma exposição por seu caráter provisório. Contudo, “as instalações também foram criadas fora de galerias e museus, principalmente nas obras de Christo (nascido em 1935) e Jeanne-Claude (1935-2009). O casal americano criou obras de arte em terrenos vazios e paisagens urbanas ao redor do mundo” (FARTHING, 2011, p.505). Com isso, “a partir das décadas de 1960 e 1970, vários artistas foram muito além do espaço da galeria, extrapolando a questão espacial em ambientes sem limites pré-determinados” (SILVA, 2009, p.07). Mesmo o conceito de instalação artística estando pautado na característica provisória da ação, nada impede de um artista ou coletivo destes conceituarem suas próprias obras de arte. Pois, “assim como boa parte da produção artística contemporânea, a Instalação não permite uma rotulação única, já que é, por princípio, experimentação.

O conceito, a intenção do artista ao formular sua obra, é em grande parte a essência da própria obra” (SILVA, 2009, p.06), assim, “cada vez mais, as instalações têm apelo sensorial, não apenas visual” (FARTHING, 2011, p. 505). Isso pode ser percebido com o coletivo das esculturas no Largo da Gente Sergipana, que vem acompanhada de suas funcionalidades turísticas, culturais, artísticas, educativas, lúdicas, patrimoniais e históricas, como também sensoriais, por está integrada a paisagem natural do Rio Sergipe. Tal espaço busca chamar atenção para aspectos da identidade cultural sergipana integrada ao cenário urbano, possibilitando um diálogo com o imaginário das manifestações culturais encontradas no interior do estado e a cidade aracajuana. Dessa forma,

a instalação artística, em termos abstractos, poderia ser a síntese entre a arquitectura – no sentido em que parte do cheio e do vazio espacial e transforma o espaço – e a arte – em que existe uma dimensão, muitas vezes imaterial de um conceito, mas que está subjacente ao espaço [...], ou seja, a instalação artística poderia ser complementaridade, na sua essência, entre a arte e a arquitectura (PINA, 2012 p.51).

Propondo uma reflexão a partir da estética encontrada no Largo da Gente Sergipana, podemos defender o uso do termo “instalação artística” se associarmos o coletivo de esculturas com a dimensão artística, bem como o espaço de convivência com a arquitetura, que se utilizou da arte para intervir no espaço urbano.

As esculturas foram produzidas pelos artistas plásticos Félix Sampaio e Tatti Moreno, este veio a Sergipe diversas vezes, visitou os grupos e mestres dos grupos culturais com o intuito de atingir com fidedignidade os traços, cores, formas, movimentos, gestos e a atmosfera deste universo cultural tão rico e diversificado (CLICKSERGIPE, 2018).

Durante entrevista, Ezio Déda (julho, 2021) esclareceu que após o escultor visitar as manifestações culturais, realizar registros fotográficos e gravações para confecção das esculturas,

cada cor, textura e forma que está ali foi passado pelo crivo e aprovação da historiadora Aglaé Fontes para que retratasse de forma muito fidedigna a originalidade das manifestações cabendo-lhe o papel de curadoria da nova instalação. Então houve sim essa relação e esse contato *in loco* na comunidade com os grupos, mestres e brincantes (EZIO DÉDA, julho/2021).

Nesse contexto, identificamos que foi realizado um trabalho, em parte, etnográfico para que o artista pudesse estimular seu processo de criação artística. No que se refere ao uso das expressões originalidade e fidedignidade das manifestações, trata-se da referência estética das esculturas.

Ao ser indagado sobre o uso do termo “instalação artística urbana”, Ezio Déda (julho, 2021), esclareceu que o Largo da Gente Sergipana é um monumento, entretanto, o uso do termo instalação tem sido frequentemente utilizado em museus para se referir as instalações temporárias e permanentes, tornando-se uma linguagem cotidiana. Contudo, “O Largo é uma instalação externa do museu, ele não é só um monumento, ele é uma instalação do museu ocupando um espaço urbano externo” (EZIO DÉDA, julho, 2021). Diante do exposto, ressaltamos que de acordo com Le Goff (2013, p.462) “atendendo a suas origens filosóficas o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”. Portanto, o Largo dialoga com o uso de ambos os termos, enquanto monumento pelo seu aporte histórico em alusão a memória dos mestres e brincantes das culturas populares e suas práticas, bem como enquanto instalação artística que remete a uma linguagem mais contemporânea nos espaços urbanos. Uma vez que o Largo é também um local onde a arte se faz presente por meio das expressões entre arquitetura e artes plásticas. No âmbito do turismo, o Largo pode ser tratado como um equipamento público com finalidades turísticas. Deste modo, Silva (2019, p. 31) compreende equipamentos fixos como infraestrutura, construções, alimentos e produtos diversos.

No tocante a localização, o Instituto Banese enquanto investidor majoritário fez a escolha sobre aquele ponto específico do rio Sergipe, que está situado em frente ao Museu da Gente

Sergipana, cuja decisão foi tomada juntamente com o idealizador da instalação e Presidente do referido Instituto, o arquiteto Ezio Déda. Deste modo, compreendemos que essa escolha tem relação com o poder institucional e a predileção do Estado com a área favorecida.

2.3 Cultura e Identidade

Zucon e Braga (2013, p. 12), ao tratar sobre cultura a partir do arcabouço antropológico destaca que “no senso comum, o termo cultura confunde-se com a ideia de sabedoria, conhecimento ou condição social”. Dessa forma, os mesmos autores salientam que “uma das importantes visões da antropologia é desfazer esse tipo de perspectiva, levando-nos a compreender que qualquer indivíduo ou grupamento humano é, antes de tudo, cultural”. Nesse contexto,

A expressão popular aplicada à cultura, em princípio, de uma perspectiva etnocêntrica: desde o surgimento dos Estados Nacionais, que se formaram na Europa a partir do final da Idade Média, as preocupações com a cultura se voltavam ao conhecimento dito “erudito”, das classes dominantes, colocado em oposição aos saberes dos estratos sociais considerados “incultos” e, portanto, inferiores (ZUCON; BRAGA, 2013, p. 24).

Atualmente essa abordagem se perpetua sobre a cultura popular considerando que são mal interpretadas, julgadas por valores atribuídos pelo etnocentrismo motivado pelo preconceito. Laraia (2001) ao discorrer sobre os antecedentes históricos do conceito de cultura, considera que “no final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo” (LARAIA, 2001, p. 25). Por isso,

muitas vezes a palavra cultura é empregada para indicar o desenvolvimento do indivíduo por meio da educação, da instrução. Nesse caso, uma pessoa ‘cultu’ seria aquela que adquiriu domínio no campo intelectual ou artístico. Seria ‘inculta’ a que não obteve instrução. Os antropólogos não empregam os termos culto ou inculto, de uso popular, nem fazem juízo de valor sobre esta ou aquela cultura, pois não consideram uma superior à outra. Elas apenas são diferentes em nível de tecnologia ou integração de seus elementos. Todas as sociedades – rurais ou urbanas, simples ou complexas possuem cultura (MARCONI e PRESOTTO, 2010, p. 21).

Cultura frequentemente é associada a literatura e as artes causando a impressão de que cultura é aprendido apenas em sala de aula, quando na verdade, todos os indivíduos possuem traços culturais de acordo com o ambiente em que reside. Cultura é transmitida entre os indivíduos de uma mesma sociedade, constituída de regras básicas de convivência e costumes próprios.

Por tanto, a cultura existe independente da legitimação da intelectualidade, em que é possível a troca de experiências sociais.

Com uma abordagem mais contemporânea a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), associa a cultura com a diversidade cultural entre os povos. Dessa maneira, declara que,

a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 1982, p. 01).

De acordo com essa definição a cultura deve ser amplamente compreendida por diversos aspectos e significados que perpassam a religião, as formas de expressão e oralidade transmitidos por gerações, os costumes, dentre outras possibilidades. Dessa maneira, a cultura é caracterizada pela pluralidade que pauta na diversidade cultural como alternativa para o desenvolvimento social.

No Brasil, a Constituição (1988) estabelece que “ o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988). No entanto, esses direitos são questionáveis por diversos motivos, haja vista que não atinge a todos.

Cultura e identidades estão ligadas de alguma maneira, por isso, compreendemos que a identidade é construída ao longo do tempo a partir das experiências individuais considerando sua dinamicidade que possibilita ao indivíduo se identificar ou não com determinadas características.

Hall (2006), em sua obra, buscou demonstrar como o conceito de identidade sofreu mudanças ao longo do tempo a partir da análise de três tipos de sujeitos, sendo eles: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e por último, o sujeito pós-moderno. Dessa maneira, Hall define como sujeito do Iluminismo o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa, acreditando que cada indivíduo já nascia com a própria identidade numa concepção individualista; sujeito sociológico sofre influência de relações interpessoais com pessoas afins mediando valores, sentidos e símbolos - a cultura- do mundo onde habitavam. O sujeito ainda tem núcleo ou essência interior que é o “eu” real, que é formado e transformado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

Ao seguir esse pensamento, o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Nesse sentido, tem-se o sujeito pós-moderno, que está sempre em transformação por absorver influências culturais e sociais de outros sujeitos. O autor salienta que o fenômeno da globalização contribui para construção das identidades, impactando no modelo de identidade unificado para satisfazer uma identidade nacional em detrimento das particularidades locais. Ao compartilhar desse pensamento, Velho (2009) afirma que “o multipertencimento, a fragmentação de papéis e contextos, assim como outras análises e perspectivas, às vezes tendem a reduzir e minimizar a noção mais convencional de identidade individual a ponto de quase dissolvê-la, diluindo-a” (VELHO, 2009, p. 15).

Polon (2015) trata sobre a construção da identidade em uma sociedade de consumo a partir do pensamento de intelectuais considerados por ele como “pós-modernos”. O autor salienta que “a busca pela identidade permeia as relações de consumo, de modo que qual identidade escolher torna-se a contradição do momento” (POLON, 2015, p. 39). Dessa maneira, a discussão sobre a influência que o consumo exerce nesse processo de construção é relevante para o entendimento do tema nessa sociedade movida pelas variadas formas de consumo. O autor sugere que a relação entre identidade e consumo não deve ser naturalizada, uma vez que existe um sistema econômico envolvido nesse processo que, apesar da divisão de classes imposta pelo capitalismo, estimula que todos devam se tornar os consumidores em potencial.

Azevedo (2014), em seu estudo, desenvolveu o conceito de identidades consumo. Dessa forma, o autor afirma que “a identidade sergipana transformada em atrativo turístico se torna um produto para consumo de turistas, portanto, uma identidade consumo”. Assim,

as identidades consumo não podem ser percebidas como um conceito fechado, objetivo e estático, estas é complexo, dinâmico, marcado pela subjetividade e relações de poder. Elas são construídas a partir de um contexto, com fins específicos, vinculados diretamente ao seu objetivo central, o consumo. Tais construções são feitas por atores sociais que representam instituições públicas e/ou privadas e estão diretamente envolvidos com o mercado e o consumo de bens simbólicos (AZEVEDO, 2014, p. 19).

Ao considerar a relação entre identidade e consumo entendemos que a produção de alguns símbolos defendidos como característicos de determinado lugar fazem parte do processo de construção de identidades com finalidades mercadológicas, que são marcadas pela concorrência entre lugares com potencialidades turísticas, influenciando na escolha de

determinados destinos. Por isso, identificamos que o Largo da Gente Sergipana possui características peculiares das identidades consumo propostas por Azevedo (2014), por meio da construção de um símbolo-identitário inserido no Centro Histórico de Aracaju, incentivando o turista a conhecer as manifestações culturais típicas do estado. Nesse sentido,

As identidades são formadas por um conjunto simbólico de bens e práticas culturais e representações da natureza. Portanto, possui uma carga simbólica extremamente interessante para os potenciais consumidores. Quando utilizada pelos planejadores turísticos esta se torna uma marca atrelada aos variados produtos turísticos ou uma mercadoria consumida simbolicamente, ou seja, contemplada, desejada, comentada, fotografada ou manipulada. Tal 'cultura de consumo' satisfaz os desejos e necessidades estabelecidos no período pré-consumo. Vale ressaltar que ela é mercadoria para quem a transformou em objeto de consumo, para quem a vende como mercadoria e para quem a consome como mercadoria. Para muitos residentes ela faz parte do seu acervo cultural, da sua memória, da sua história e do seu patrimônio (AZEVEDO, 2014, p. 18).

De acordo com o conceito de identidade consumo desenvolvido pelo autor o Largo da Gente Sergipana possui características peculiares ao referido conceito, haja vista, que os turistas e visitantes acreditam que as manifestações culturais retratadas no Largo são autênticas do estado. Com isso, percebemos que o Largo da Gente Sergipana foi construído estrategicamente para atração de turistas e visitantes que consomem simbolicamente o espaço. Então, interpretamos que o consumo não é apenas alimentado pela materialidade, mas também pela representação simbólico-identitária presente em nosso campo de empírico. Vale ressaltar que para os atores sociais ali representados através das esculturas, existe um sentimento para além da representação imagética simbolicamente consumida. Concordamos com Velho (2009) quando o autor salienta que,

a identidade individual do sujeito é construída através da memória—visão retrospectiva e de projetos—visão prospectiva. 'Olhando' para trás e para frente, o agente individual que denominamos de sujeito reinterpreta, com maiores ou menores 'ilusões' o seu passado e o seu futuro (VELHO, 2009, p.15).

O autor parte de premissas antropológicas para compreender a construção da identidade individual e, com isso as transformações sociais decorrentes desse processo, considerando as experiências individuais e coletivas, as práticas cotidianas e as relações interpessoais.

2.4 Culturas populares, folclore, tradição e folguedo

As culturas populares não possuem um conceito definido, entretanto, sua compreensão perpassa as manifestações culturais e artísticas, literatura, dança, música, artesanato, crenças, entre outras possibilidades de criação.

Como dificuldades observadas no cotidiano com temas ligados a cultura popular percebemos que estão comumente associadas, por uma parcela da sociedade, com uma cultura inferior. Nesse sentido, “para algumas pessoas, ter cultura era manter distanciamento entre classes. Cultura era algo que se podia aprender como forma de distanciamento entre a elite e as culturas subalternas” (SOUZA,2010, p. 02). Dessa maneira,

A cultura popular, em sua maioria e principalmente nos projetos de preservação e resgate cultural, é tratada meramente como folclore. Isso deve-se ao caso de que os folcloristas procuram tratar o popular como algo isolado, dessa forma o popular se traduz em algo determinado e por isso os estudos folclóricos procuram colocar uma certa ‘redoma de vidro’ em volta da cultura popular, para que essa não pudesse ser ‘contaminada’ com as novas formas de atuação cultural da modernidade. Tratando a cultura popular dentro de uma visão folclorista, esta passa a se separar do cotidiano, uma vez que esta é apenas expressão e não cotidiano (ANDRADE, 2015, p. 36-37).

É preciso salientar sobre a importância na desconstrução de uma análise sobre cultura popular pautada na interpretação folclorizada e considerar que a sua importância está para além disso, pois faz parte do processo identitário de uma comunidade, estando em constante transformação.

Burke (2010) discorre sobre cultura popular do início da Europa moderna de 1500-1800 e define por cultura “um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados” (BURKE, 2010, p.09). O respectivo autor chama atenção para o fato das culturas populares serem tratadas inicialmente de forma negativa como a cultura não oficial e a cultura da não elite (artesãos e camponeses). Esse mesmo autor relata ainda que as transformações econômicas, sociais e políticas desenvolvidas no período trouxeram consequências para cultura, como o crescimento populacional que ocasionou o processo de urbanização, impulsionando parte dos camponeses para as cidades em busca de trabalho. Dessa forma, a agricultura sofreu mudanças, ocorrendo a migração da cultura de subsistência para uma cultura destinada ao abastecimento do mercado urbano, causando o aumento de preço dos alimentos, que foi repassado para população. Em decorrência desse processo, a cultura popular sofreu interferências em seu ambiente regional e sua forma de vida. Nesse contexto,

os objetos artesanais manualmente elaborados foram sendo substituídos pelos objetos padronizados fabricados por máquinas e em massa. A expansão do mercado afetou também as apresentações artísticas. Com isso, o declínio das feiras afetou o trabalho de artistas ambulantes modificando a forma de promover entretenimento, que em contrapartida encontraram nas cidades outras oportunidades. Burke (2010) descreve que no final do século XIX ocorreu uma ascensão aos estudos sobre cultura popular. Nesse contexto, “em países como Inglaterra, França e Alemanha durante o período romântico (final do século XVIII e durante o século XIX) iremos encontrar as reflexões iniciais a respeito de uma cultura popular associada a produções simbólicas e saberes do povo” (PAULINO, 2015, p.259). Assim, Burke (2010), relata que a partir de 1800 as classes mais privilegiadas composta pelo clero, nobreza e comerciantes mudaram suas concepções da palavra povo, que anteriormente era utilizada para se referir a toda população, e começaram a referenciar povo para a população com menor poder aquisitivo. Por causa desse distanciamento de sentido, a classe privilegiada se afastou do povo e de suas diversas produções artísticas que envolviam festas, comunicação oral e escrita, arte circense, dentre outras possibilidades.

Hall (2003) trata da cultura popular entre os períodos de 1880-1920, uma vez que considera mais relevante para estabelecer uma conexão da cultura popular com a contemporaneidade. O autor trata a cultura popular em oposição a ideia de cultura de massa. Hall salienta quanto ao uso do termo “tradição”, que é um elemento essencial da cultura, entretanto, está mais relacionado com antigas formas de manifestações culturais do que a simples transposição e manutenção desses conhecimentos. A tradição empreendida de forma equivocada remete a ideia de que a cultura popular é autossuficiente e isenta de interferências. Nesse contexto, “não existe uma cultura popular íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e de dominação culturais” (HALL, 2003, p.254). O autor salienta ainda que “o termo ‘popular’ indica esse relacionamento um tanto deslocado entre a cultura e as classes. Mais precisamente, refere-se a aliança de classes e forças que constituem as ‘classes populares’” (HALL, 2003, p.262). Nesse sentido, o popular está vinculado ao consumo das massas, e suas adaptações influenciadas pela indústria cultural que promove alterações nas atividades desenvolvidas pelas culturas populares e, por esse motivo, não cabe associar as culturas populares com uma visão ultrapassada pelo fato de possuírem características que pautam na transmissão do conhecimento por gerações.

Barreto (1997, p. 49), relata que “a cultura popular é um documento. Um completo, original e permanente documento, que funciona como armadura coletiva, a proteger os feitos e as ações populares no contexto das sociedades”. O autor versa sobre a cultura popular como a cultura do povo manifestada de diversas formas, considerando sua tradição e importância. Segundo Pessoa (2019), a cultura popular não é fundamentada e nem explicada por conceitos definidos, no entanto, pode ser compreendida por gestos desenvolvidos pelos participantes das diversas formas de manifestação populares presentes através de músicas, danças, dentre outras práticas culturais. O autor exemplifica e defende que os gestos antecedem as palavras. Nesse sentido,

a cultura popular difere da cultura dominante, regida antes de tudo pelo mercado e pela subordinação daqueles que vêm de outra experiência cultural e social. É assim que a escola, representante máxima da cultura oficial, conscientemente ou não, tenta apagar as marcas comunitárias, instaura a competição em vez de promover o auxílio mútuo, cria distanciamentos do que é oral e popular, estabelecendo, desde cedo, juízos de valor em que a cultura popular aparece como curiosidade exótica, além de criar preconceitos e relações de subordinação (AYALA e AYALA, 2015, p. 52).

Canclini (1983) busca analisar a cultura popular a partir de uma visão global de suas diversas manifestações, direcionando sua investigação para o entendimento da mesma pautado na compreensão, reprodução e transformação do sistema social. Assim, o autor pontua que a modernidade exerce influência sobre a cultura popular, o que não significa sua anulação, mas sua adequação ao contexto atual. Por isso, Leal (2006, p. 120) salienta que,

a primeira precaução a ser tomada é distanciar-se da perspectiva conservadora, que compreende como sinônimo das classes rurais oprimidas, vista como resquício do original, do autêntico e do puro, em que a cultura popular é vista como sendo o resultado da absorção passiva das ideologias dominantes.

Por esse motivo, é importante não reproduzir o erro de associar a cultura popular como conhecimento tradicional de pessoas simples e iletradas sem capacidade de inovação e adaptação da atualidade. Conforme Barreto (2012, on-line):

É certo que as culturas regionais transitam no acostamento da vida social, sufocadas, quase sempre, pelo domínio hegemônico que a tudo afeta. O povo, contudo, resiste e ao seu modo guarda as manifestações mais autênticas, que são a vida, nem sempre fácil, dos grupos sociais subalternos.

De certo, os atores sociais que integram os grupos das manifestações culturais estão frequentemente em desvantagens por diversos motivos, sobretudo, financeiros. Ao longo do tempo muitos grupos desaparecem pela falta de interesse dos mais jovens motivada pela carência de ações e políticas públicas voltadas para sustentabilidade da cultura popular.

Entretanto, existem grupos resistentes que sobrevivem independente da anuência do poder público ou privado.

Nessa perspectiva, é interessante destacar que o entendimento da cultura popular a partir da visão antropológica se faz necessária, assim como vincular o seu uso através da atividade turística, promovendo um entendimento mais completo acerca do tema. “Pensar o fenômeno turístico através do olhar antropológico constitui-se um exercício de apreensão diferenciada de territórios, culturas e sociedades presentes nessa dinâmica” (LEAL, 2014, p.11). Nesse sentido, a cultura popular é uma prática característica de saberes e fazeres desenvolvida por meio da interação entre indivíduos que resulta em folclore, literatura, música, dança, artesanato, gastronomia, religião, entre outras possibilidades. Por essa razão, apesar das semelhanças nem toda cultura popular é folclórica (ROCHA, 2009). Uma menor incidência em temas relacionados com a cultura popular dificulta os esclarecimentos acerca do assunto. Com efeito, facilita “o poder econômico expansivo dos meios de comunicação parece ter abolido, em vários momentos e lugares, as manifestações da cultura popular, reduzindo-as à função de folclore para turismo” (BOSI, 1992, p. 328). Nesse sentido, “o turista vê as manifestações populares como produto, já alguns residentes têm uma visão de que as manifestações populares existem, mas não dão tanta credibilidade e a mídia local destina pouco espaço para a divulgação das manifestações, só divulgando-as como notícias” (LOSSIO; PEREIRA, 2007, p. 08). Por essas razões, o turismo precisa ser um aliado da cultura popular enquanto fenômeno social capaz de contribuir com os atores sociais responsáveis pela manutenção e produção da cultura popular em suas diversas formas de expressão cultural anteriormente citadas.

Segundo Arantes (1990), a cultura popular está longe de ser um conceito definido pelas ciências humanas, sobretudo, pela Antropologia Social dedicada aos estudos sobre práticas culturais. O autor aborda o tema a partir de duas premissas: uma examina a cultura popular em uso corrente e outra sob a constante associação da cultura popular como tradição por parte de alguns folcloristas. O autor relata que essa visão folclorista exerce influência sobre opiniões a respeito da cultura popular, entretanto, informa que alguns intelectuais “concebem essas manifestações culturais “tradicionais” como resíduo da cultura “cultura” de outras épocas (às vezes, de outros lugares), filtrada ao longo do tempo pelas sucessivas camadas da estratificação social (ARANTES, 1990, p. 16). Assim, o autor defende que associar a cultura popular com a tradição é pensar que seus melhores momentos remetem apenas ao passado

dificultando a compreensão das sucessivas modificações, concepções e práticas desenvolvidas ao longo do tempo, que resultam em visões desfavoráveis sobre o entendimento da cultura popular. Arantes (1990) chama atenção para a separação entre “fazer” e “saber”, uma vez que essa dissociação resulta em diminuição de valores e estabelece relações de poder sobre o labor de outros, o que ocasiona a desvalorização da cultura popular que detêm saberes e fazeres em sua imaterialidade. Para o autor, é preciso compreender a cultura no plural e no presente, uma vez que a cultura popular é dinâmica e diversificada, que dialoga com o contexto contemporâneo.

Carneiro (2008, p. 8) ressalta que “ainda não ultrapassamos, na prática, o *traditional learning* de William John Thoms”. Isso porque, “em 1846, William Thoms endereçou carta à revista *The Atheneum*, de Londres, sob o pseudônimo de *Ambrose Merton*, com a finalidade de pedir apoio para um levantamento de dados sobre usos, tradições, lendas e baladas regionais na Inglaterra” (LIMA, 2003, p. 11). A mesma autora relata que os principais tópicos da carta, divulgada no número 982 da publicação ocorreu em 22 de agosto do mesmo ano com os primeiros registros da palavra *folk-lore*, aportuguesada para folclore. Por esse motivo, Rocha (2009, p. 219) afirma que “desde então, folclore tornou-se sinônimo de “cultura popular”, embora nem toda cultura popular seja folclórica. Mais recente, porém não menos complexa, é a relação do folclore e a cultura popular com o conceito de patrimônio cultural imaterial”. O mesmo autor, trata da formação do conceito de cultura popular no Brasil a partir de uma abordagem “histórico-estrutural”, dessa forma

A primeira fase, compreendida entre as décadas de 20 e 60, é marcada por grande disputa metodológica, entre os estudos folclóricos e a emergente sociologia paulista, a respeito da autoridade e legitimidade científica do campo. A segunda, desenvolvida no período que vai dos anos 60 até os 80, caracteriza-se pela ampla divulgação do conceito de cultura popular com um sentido acentuadamente político e ideológico. A terceira fase, a partir dos anos 90, coincide com a revitalização do conceito de patrimônio cultural, principalmente no sentido de patrimônio imaterial quando então, efetivamente, a cultura popular parece adquirir significado etnográfico *tout court* (ROCHA, p. 221, 2009).

Para Cavalcanti (2001, p.69), “folclore e cultura popular são categorias de nosso pensamento, integram uma forma de organização social, um certo modelo civilizatório, e foram forjadas por uma tradição de estudos datada. Sendo assim, “a associação do folclore à tradição transformou-o no porta-voz de um mundo anacrônico, incompatível com o projeto de construção da nação moderna que, por sua vez, prescindia cada vez mais da sua contribuição para o progresso” (ROCHA, p. 223, 2009). Portanto, a “cultura popular interpreta as noções de tradicional e moderno dentro de seu próprio universo de relações. Estabelece assim

distinções internas, nunca absolutas ou imutáveis, que buscam controlar e refletir sobre as mudanças sociais em curso com as quais inevitavelmente se depara” (CAVALCANTI, 2001, p.76). De acordo com Paulino (2015, p. 258), ao tratar sobre conceitos atribuídos as culturas populares ressalta que, “no Brasil, em uma abordagem do senso comum, o termo folclore possui um sentido fortemente ligado a manifestações populares específicas da cultura: folguedos populares, culinária, artesanatos, lendas e mitos”. Com efeito, Leal (2006) destaca,

A expressão folclore está muitas vezes permeada por uma visão reducionista e discriminatória da cultura popular, dando uma dimensão não-dinâmica, engessada e arqueológica das manifestações populares, como se os bens culturais populares estivessem fixados no passado e não no presente (LEAL, 2006, p. 119).

Os costumes se modificam de acordo com dinâmicas coletivas e/ou individuais de acordo com os grupos que as produzem. Dessa maneira, cultura popular e folclore não é completamente ligado ao passado das tradições, haja vista, sua capacidade de criação, adaptação e inovação.

O conceito de folclore estabelecida pela Carta do Folclore Brasileiro adotada no I Congresso Brasileiro de Folclore (1951), passou por significativas mudanças com a releitura² da referida Carta em 1995, estabelecendo que,

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1951).

Dessa maneira, a nova dimensão conceitual do folclore compreende a interdisciplinaridade preservando a essência que o tema envolve que pauta na transmissão de uma sabedoria popular que resulta em narrativas compartilhadas entre um grupo praticante, nas crenças, costumes e na linguagem. Como parte integrante do folclore temos os folguedos que se caracterizam por festas populares.

Carneiro (2008) explica que “todo folguedo está associado a um conjunto de costumes religiosos e profanos, a certos tipos de comidas e doces, a tais ou quais vestimentas, ao comércio destes e daqueles artigos populares” (CARNEIRO, 2008, p. 112). Dessa maneira, um folguedo precisa de brincantes em sua composição ligados a um manifesto religioso (sagrado) e profano (a festa, a música e dança). Por essa razão, Alencar (1998, p. 43) relata que “muitos dos nossos folguedos têm um aparato religioso ou estão ligados a um ciclo”. A

² Recomenda-se a releitura da Carta do Folclore Brasileiro (1995) *In*: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2021.

autora, ressalta sobre as etnias presentes nos grupos folclóricos considerando a influência negra, indígena e portuguesa que refletem em particularidades das danças, festas e formas de louvação de alguns grupos folclóricos sergipanos. Para tanto, a preservação dos festejos que possuem os folguedos como parte integrante das comemorações, a autora salienta que “quem faz a cultura é o povo e quando ele decide que uma festa tem que acontecer ele se mobiliza para sua realização e cria as formas de permanência” (ALENCAR, 1998, p. 47). Esse fato retrata os esforços empreendidos pela cultura popular para sustentabilidade de suas tradições e a capacidade de inventar e se reinventar para manutenção das suas práticas. Nesse sentido,

Os folguedos expressavam a cultura popular como um todo integrado, inseparável da vida cotidiana. Eram o folclore em ação, aberto e contraditório, ligado ao passado e continuamente adaptado ao presente; um caminho privilegiado para captar a originalidade do processo de formação da cultura brasileira e seu movimento. (CAVALCANTI, 2001, p.72).

As manifestações populares por meio dos folguedos revelam a importância dessas celebrações populares para compreensão da dinamicidade presente nesse universo. Segundo Nobrega (2009, p.88), “normalmente, a cultura popular e seus conteúdos são, de certa forma, compreendidos como circunscritos àquele universo folclórico. Raramente temos um olhar de transcendência para ela”. Nobrega é músico, dançarino, cantor e ator que utiliza elementos da cultura popular em diálogo com elementos da “cultura não popular” no universo contemporâneo em seus espetáculos para retratar a diversidade brasileira. Assim,

apesar de ‘culturas populares’ fazer alusão ao que antes era chamado folclore, o primeiro termo passa a ser preferencial por fazer referência às novas dinâmicas com as quais o *folclore* passa a adquirir nas últimas décadas, à novas concepções e formas de imaginar a nação, agora tendo diversidade cultural como ideal central, e, por fim, pela relação que estabelece com termos mais contemporâneos (culturas tradicionais e patrimônio imaterial), provenientes, principalmente, do contexto das políticas culturais (GOULART, 2020, p.03)

Nesse sentido, compreendemos que embora cultura popular e folclore estejam tão próximos e muitas vezes vistos como sinônimos, existem diferenças entre ambos apesar de algumas mudanças terem contribuído para melhores esclarecimentos sobre o significado de folclore. Dessa forma, as políticas culturais têm contribuído com algumas intervenções sociais que dialogam com a diversidade cultural existente, ampliando o campo de discussão sobre o universo da cultura popular e suas nuances.

2.5 Paisagem Turística

O conceito de paisagem, considerando a sua complexidade, permite várias possibilidades interpretativas. Dessa forma, “entre os geógrafos há um consenso de que a paisagem, embora tenha sido estudada sob ênfases diferenciadas, resulta da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos. E que ela não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana” (MAXIMIANO, 2004, p. 87). Portanto, para este estudo trataremos especificamente sobre a relação entre a paisagem e o turismo, sobretudo a partir do nosso campo de estudo, que trata da integração entre a paisagem natural do Rio Sergipe com o Largo da Gente Sergipana. Nesse sentido, abordaremos a alteração da paisagem ocorrida com a instalação do Largo, refletindo sobre o papel desse novo espaço enquanto cartão postal da cidade e sua funcionalidade.

Segundo Milagres e Souza (2012), nas décadas de 1950 e 1960 as interpretações sobre paisagens passaram a considerar uma série de signos conectados com o mundo, decorrentes das inovações técnicas e tecnológicas, evolução nos meios de transportes, deslocamento humano, maior acesso às informações e aquisição de mercadorias.

Barreto *et al* (2006) relata que a partir da década de 1970, por meio da geografia humanista, foi introduzida análise subjetiva sobre a representatividade da paisagem, uma vez que, até então, a geografia cultural não tratava da paisagem numa abordagem sociocultural. Posteriormente, na década de 1980, houve a incorporação do aspecto simbólico à paisagem, com destaque para o aporte de Cosgrove que definiu a compreensão da paisagem a partir do entendimento que seus significados representam para os grupos sociais (BARRETO *et al*, 2006, p. 145).

Para Oliveira (2018), “paisagem é um termo apropriado e discutido pela Geografia, atribuindo-lhe tamanha importância e cientificidade, que foi estabelecido como um dos principais conceitos-chave e categorias de análise desta ciência, assim como espaço, território, região e lugar”(OLIVEIRA, 2018, p. 280). Por essa razão, a “paisagem envolve as associações dinâmicas, em sua historicidade, por destacar as interconexões e gradientes de interdependência entre os sujeitos e o meio em que vivem, sob a ótica das transformações culturais” (RAYEL, 2016, p.630). Dessa forma,

pesquisadores na Geografia Humana que analisam a paisagem numa perspectiva subjetiva, levando em conta a construção mental que os sujeitos fazem a partir da percepção e vivência. Na evolução da compreensão sobre a paisagem, outros

pesquisadores passaram a atribuir à paisagem as preocupações com os processos socioeconômicos e culturais (OLIVEIRA, 2018, p. 281).

“A paisagem só se tornou e se torna possível quando acontece um encontro, onde alguém a observa e reconhece o valor dos elementos que a compõem” (TRZASKOS, *et al*, 2011, p. 03, 2011). Nesse sentido,

toda paisagem pode ser considerada turística, só depende de como o turista a aceita e de como a população local a protege e nela desenvolve alguma atividade, o que muitas vezes dificulta trata-se exatamente dos moradores locais que não conseguem perceber o valor que tem em seu território, pois estão acostumados a vê-la de forma utilitária e rotineira (TRZASKOS, *et al*, 2011, p. 04, 2011).

Os autores fazem referência em seu trabalho, especificamente, sobre a paisagem no meio rural, entretanto, tal citação pode ser aplicada ao cenário urbano onde os residentes percorrem a cidade sem se dar conta da paisagem contida, nem perceber muitas vezes as modificações ocorridas com o tempo de forma natural ou pela interferência humana. Dessa forma,

a mesma paisagem pode provocar diferentes reações para aqueles que a apreciam, para um visitante de um atrativo turístico ela poderá provocar uma excitação, pois é algo novo, diferente daquilo que o cerca em seu cotidiano. Para o morador dessa determinada localidade a paisagem passará despercebida, pois ela não é algo novo que desperte curiosidade (FRANZEN *et al*, 2010, p.04).

“O surgimento da paisagem, no Ocidente, como forma de relação da sociedade e o ambiente, foi um dos pressupostos para a prática conhecida como Turismo” (PIMENTEL, 2010, p.66). As paisagens turísticas então, geralmente são associações de elementos naturais (clima, vegetação e formas de relevo) e de elementos culturais (festas populares, museus, arquitetura e monumentos públicos) acrescidos de apelo e valor econômicos (MILAGRES; SOUZA, 2012, p.58). Nesse contexto, o uso da paisagem em cartões postais ocorre desde os primórdios e por esse motivo conclui que “é a paisagem a geradora dos cartões postais e das fotografias” (FRANCO, 2004, p.06). Assim, são apropriadas pelo turismo na comercialização dos seus destinos que também exerce influência na escolha e preferência dos turistas por determinados lugares.

“A pluralidade e diversidade de interpretações acerca do entendimento do que seja paisagem é que nos permite e impõe uma análise interdisciplinar da sua relação com o turismo” (MILAGRES; SOUZA, 2012, p. 51). Por esse motivo,

a paisagem é a porção visível do espaço, a partir da qual ele pode ser estudado, discutido, interpretado ou analisado. Contudo, ela possui identidade passada e/ou presente, sendo necessário conferir ao seu conceito considerações sobre ecossistemas, ações atópicas, tempo, mutação, evolução, biodiversidade,

conservação e preservação para que tenhamos um conjunto de informações que possam ser trabalhadas sob o olhar científico do pesquisador (MILAGRES; SOUZA, 2012, p. 50).

“A paisagem cenarizada do patrimônio requalificado é valorizada pelo seu conjunto, através de representações simbólicas ligadas a seu valor histórico e estético, mas nitidamente percebe-se que essa significação acaba se reduzindo a um pano de fundo para o consumo turístico” (SOTRATTI, 2011, p.17). O autor faz referência a um processo de modificação da paisagem por ação humana geralmente presente em cidades históricas, responsável pelo distanciamento da população local no acesso ao consumo e lazer.

Silva (2004) discorre sobre cidades turísticas a partir das identidades e cenários de lazer. Para a autora, cidades turísticas são aquelas em que a renda local está baseada essencialmente no turismo, ocorrendo o surgimento de cenários de lazer a partir da apropriação de imagens na composição de repertórios de lugares turísticos. Assim,

as paisagens turísticas são cenários intencionalmente construídos no território, não apenas pela apropriação visual de panoramas, mas também pela reprodução de padrões de beleza e qualidade culturalmente estabelecidos, frequentemente, versões de uma realidade idealizada (SILVA, 2004, p. 27-28).

Brenner e Lopes (2010) tratam da transversalidade da cultura e da paisagem turística utilizando como exemplo brasileiro a cidade de Goiás, no Estado de Goiás, que detém o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Dessa forma, os autores endossam a ideia de agregar valores humanos dos seus residentes na comercialização da atividade turística desenvolvida na cidade, por meio da relação entre comunidade local e políticas públicas. Assim, a construção da imagem da cidade é apoiada na preservação da cultura local através da inclusão de seus residentes em atividades econômicas, que contribuem na preservação de bens e do patrimônio cultural, estabelecendo uma simbiose entre eles. Com isso,

a transição dos valores culturais na paisagem para valores turísticos surge quando a indústria do turismo redimensiona o valor original da paisagem, atribuindo a ela novas funções e finalidades. Através da introdução de valor agregados em função determinadas características específicas da paisagem, o turismo leva a um processo de redefinição em determinar o seu valor comercial. Não implica em apenas ‘vender’ a paisagem, mas também em adicionar o elemento humano nativo na região no seu valor comercial, ‘vendendo’ seus valores sociais, culturais, patrimoniais e de identidade (BRENNER; LOPES, 2010, p. 161).

No tocante a paisagem turística cabe a reflexão de que essa categoria está para além da fotografia inserida em um recorte paisagístico, porque o turismo enquanto fenômeno implica na ação humana sobre determinado espaço. Deste modo, a paisagem turística do Largo da

Gente Sergipana dialoga com elementos históricos, culturais, patrimoniais, simbólicos, entre outros, que transcendem o recurso visual, cabendo ao observador a percepção e interpretação do cenário criado.

3. O LARGO DA GENTE SERGIPANA

Para este capítulo reservamos um momento para tratar sobre os esclarecimentos acerca do projeto de criação, construção e curadoria do Largo, a partir dos depoimentos dos entrevistados responsáveis por esse processo. Mostraremos alguns momentos da inauguração e a repercussão da obra perante os locais, bem como algumas críticas tecidas pela sociedade. Apresentaremos também um breve resumo sobre as manifestações culturais presentes nas esculturas.

3.1 O processo de criação, curadoria e trajetória da obra

Inicialmente, para tratarmos sobre a trajetória do Largo da Gente Sergipana entrevistamos o idealizador do monumento Ezio Christian Déda de Araújo (julho, 2021) para narrar como se deu o processo de criação do projeto até a sua conclusão.

Conforme publicação na página oficial do Governo de Sergipe, “a ideia do Largo da Gente Sergipana foi um projeto amadurecido ao longo de seis anos, durante o processo de restauração do antigo Atheneuzinho (2009 - 2011), onde atualmente funciona o Museu da Gente Sergipana”. Ainda conforme a referida página

Das autorizações e licenciamentos compreenderam: o projeto arquitetônico e de urbanização, o estudo das marés, a sondagem de solo para o projeto estrutural e os estudos elétrico e luminotécnico, licença ambiental, autorização pelo Conselho Estadual de Cultura, Empresa Municipal de Obras e Urbanização (Emurb), Capitania dos Portos, Secretaria de Patrimônio da União (SPU), Administração Estadual do Meio Ambiente (Adema), Agência Nacional de Águas (ANA) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) (GOVERNO DE SERGIPE, 2018, on-line).

Durante a nossa entrevista, Ezio Déda (julho, 2021) mencionou que as autorizações já estavam sendo providenciadas, junto aos órgãos competentes, bem antes da construção, conforme depoimento:

Entre a ideia e a materialização existe uma distância imensa. Eu tenho a vantagem de aproximar as duas coisas, mas existe uma distância grande porque o processo da execução requer que lide com vários vetores, e muitas vezes entra vaidade, jogo de interesse... Então, é realmente uma coisa complexa, mas nesse caso específico eu passei seis anos da minha vida dedicada exclusivamente a aprovar todos os projetos, porque eu sabia que era um projeto polêmico e quando chegasse a possibilidade de ser construído iria gerar polêmica. Mas eu acho que a vantagem foi que as pessoas acharam que ele não seria construído, então, fui ganhando tempo, conseguindo as aprovações de todos os órgãos competentes (Ezio Déda, julho/2021).

De acordo, com divulgação na página oficial do Museu da Gente Sergipana,

trata-se de um projeto que buscou dialogar conceitualmente com o Museu da Gente Sergipana, e se justapor em consonância com o traçado urbano sinuoso pré-existente no trecho de intervenção. Faz referências também aos movimentos das fitas das indumentárias da nossa cultura popular e às ondulações das águas. Mas era necessário avançar mais sobre o Rio, numa perspectiva de imersão para que a visualização das esculturas pudesse ter melhor ângulo de percepção urbana. Nesse contexto, foi realizado um estudo de proporção para balizar o dimensionamento das peças – a altura de 7m que permite que o conjunto artístico tenha a escala urbana compatível para ser apreciado à distância, marcando significativamente a paisagem local. [...]. A concepção do projeto está balizada em referências conceituais e formais cujos arquétipos são representados e atemporais da identidade cultural sergipana – integrando natureza, arte, cultura, arquitetura e urbanismo (MUSEU DA GENTE SERGIPANA, 2018).

Durante a investigação descobrimos que o referido “traçado urbano sinuoso pré-existente”, trata-se de uma demarcação do início do Centro Histórico de Aracaju. Dessa forma, buscamos demonstrar visualmente para que o leitor compreenda o sentido essa delimitação, conforme figura 01.

Figura 01: Aracaju/SE. Traçado sinuoso da Av. Ivo do Prado, 2014



Fonte: Sergipe em fotos, 2014

A imagem acima mostra a Av. Ivo do Prado antes da instalação do Largo da Gente Sergipana em que é possível observar o avanço sobre o rio, que serviu de inspiração no processo de

criação do Largo, conforme depoimento do arquiteto, idealizador da obra e também Presidente do Instituto Banese, Ezio Déda:

Durante as obras do Museu da Gente Sergipana, como eu sou arquiteto e meu escritório foi responsável pelas obras de restauração e adaptação do prédio para funcionamento do museu. Eu estava aqui cotidianamente e, em uma das visitas com o então governador Marcelo Deda, eu me lembro que no pavimento superior onde está hoje a midiateca do museu tem duas janelas e uma porta que se abre para o estuário do rio. Então, em uma das visitas, eu mostrei a ele que do outro lado do museu no estuário do rio havia um avanço no calçadão. O calçadão vinha e quando chegava exatamente em frente ao museu tinha um alargamento, um avanço sobre o rio como se fosse um mirante. E aí eu descobri que aquela área tinha sido construída na época da gestão de João Augusto Gama para marcar o início do centro histórico. Então aquele local era o local que demarcava a saída do bairro São José e a entrada do Centro Histórico de Aracaju. E nessa visita, a gente olhando de cima eu cheguei para ele e disse: governador eu acho que do outro lado ali merecia um projeto, alguma intervenção e ele perguntou - mas o quê? Eu respondi não sei, vou pensar ainda. Ele disse: se concentre na inauguração do museu e depois você pensa nisso. Depois que o museu inaugurou eu continuei com essa inquietude de tentar traduzir o que poderia ser instalado do outro lado da fachada do museu e, após vários croquis que eu comecei a fazer e esboçar, comecei a pensar e entendi que o que fosse instalado deveria dialogar conceitualmente com o museu, porque como esse museu é um espaço que celebra as manifestações da cultura popular, da oralidade, da música, do repente, do cordel, da culinária, da cultura popular como um todo, dos grupos de cultura popular que estão no interior do estado. Então, eu entendi que essa instalação que seria proposta para ser colocada do outro lado deveria ter esse diálogo com o museu e assim comecei a estudar escalas, alturas dessas esculturas e entendi também que era necessário um processo de curadoria para selecionar quais seriam essas manifestações. E entrei em contato com a professora Aglaé que tem um conhecimento extraordinário sobre cultura popular sergipana. Eu disse olha professora tem que ser oito manifestações porque são quatro de um lado e quatro do outro para o tamanho que se tem a área de intervenção tem que ser no máximo oito. Depois acabou entrando o barco de fogo que encontramos uma solução e ele ficou no meio fazendo um pórtico de entrada para o rio, no píer. Então, o processo foi assim, veio de uma provocação durante obra do museu e depois que o museu inaugurou eu comecei a correr atrás para tentar viabilizar. Então a ideia surgiu nesse momento ainda durante as obras do Museu da Gente Sergipana (Ezio Déda, julho, 2021).

Nesse contexto, conseguimos identificar o marco no processo de criação da obra, bem como a justificativa para uma seleção de apenas um recorte com nove manifestações culturais e folguedos sergipanos.

Figura 02: Imagem aérea do Largo da Gente Sergipana, 2018



Fonte: Assessoria Instituto Banese, 2018

A imagem anterior (figura 02) mostra sobre outro ângulo a proeminência pré-existente onde foi construído o Largo da Gente Sergipana para que o leitor possa ter um melhor entendimento sobre o marco no processo de criação dessa obra.

Figura 03: Salvador/BA Dique Tororó, 2019



Fonte: Uber Blog, 2019

Comumente o Largo da Gente Sergipana é comparado com as esculturas dos Orixás expostas no Dique Tororó em Salvador/BA, conforme mostra a figura 03. Sobre essa associação Ezio Déda respondeu:

Eu confesso que quando comecei a pensar não me veio o Dique, me veio a questão de ter o avanço do outro lado do museu e o que fosse instalado lá teria que ter um diálogo com o museu. Não pensei em momento algum em homenagear personalidades como os heróis da história ou da política. Eu queria homenagear a cultura popular. Então, ali não está manifestação de homenagem ao poder, né? Ali está uma homenagem as pessoas, são os arquétipos que homenageiam essa cultura que foi da miscigenação indígena e negra com o europeu que aqui chegou e acabou criando esses grupos que estão aí sobrevivendo há séculos independente da ajuda do poder público. Há uma sucessão, uma passagem de cultura de pais para filhos independente da anuência do poder público. E aí quando eu decidi que seria manifestações da cultura popular do estado instaladas lá, eu fui atrás de um escultor que tivesse reconhecimento em grandes esculturas dentro d'água. No caso do Dique Tororó é uma represa de água parada, ele não tem correnteza, no nosso caso é um rio que tem uma correnteza forte, a incidência do vento é maior, é próximo ao litoral, tem maresia. Então nossa situação é bem mais complexa que a do Dique Tororó, bem mais profunda também porque tem regiões ali que em alguns momentos a maré enche. A associação ao Dique que as pessoas fazem é porque está dentro d'água e porque o escultor é o mesmo e, o escultor foi o mesmo porque eu precisava de alguém que já tivesse a expertise, que já tivesse domínio em estruturas com esse tipo de material e dentro d'água (Ezio Déda, 07/ 2021).

As figuras 02 e 03 mostram as semelhanças existente entre o Largo da Gente Sergipana e o Dique Totoró caracterizado pela imersão das esculturas em água, características técnicas e estéticas das esculturas confeccionadas pelo mesmo artista, bem como suas diferenças simbólicas e visuais que abrangem as esculturas e o ambiente em seu entorno. No caso, do Largo da Gente Sergipna foi instalado em formato de deck viabilizando a aproximação das esculturas, permitindo percorrer o espaço e ler um resumo sobre cada manifestação cultural representada pelas esculturas, enquanto que as esculturas do Dique Tororó só podem ser contempladas a distância.

Inclusive, o arquiteto revelou que apresentou o projeto para construção do Largo com investimento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) através do Programa do Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) sendo sugerido, na ocasião, que o Largo fosse instalado nas emediações do lago da Orla Pôr do Sol em Aracaju, sendo liberado recursos monetários para execução da obra se fosse executada nesse espaço. Segundo depoimento, Ezio Déda recusou porque queria que o Largo servisse de instalação externa do Museu da Gente Sergipana. O propósito de manter um diálogo entre ambos, direcionando um novo olhar para o Centro Histórico de Aracaju, que embora concorde com

alguns avanços ainda encontra-se em estado de abandono pela deficiência de iluminação, segurança pública, entre outras problemáticas comuns a áreas centrais das cidades.

Ezio Déda, ao mencionar sobre a requalificação aplicada em outros centros urbanos como exemplificou Recife e Rio de Janeiro salienta que,

eu queria que o Largo fosse um vetor desse novo olhar para o centro histórico e, hoje eu vejo que não estava enganado. O local era aqui mesmo que dialoga com o museu e com esse lugar e não na Orla. Então, eu resisti que fosse na Orla e preferia que ele não fosse realizado se tivesse que ser na Orla, porque eu entendia que ele dialogava realmente com essa manifestação que já pulsa aqui no centro (Ezio Déda, julho, 2021).

De acordo com Ezio Déda (julho, 2021), o Museu da Gente Sergipana é um museu etnográfico. Dito isso, ele idealizou um largo constituído por um deck aproveitando o espaço pré-existente que dialogasse conceitualmente com o referido museu em local estratégico inserido no centro histórico da cidade.

Durante a pesquisa sentimos necessidade de compreender o significado do termo largo. Assim, conforme Robba e Macedo (2002), “as praças eram denominadas de largo, terreiro e rossio e permitiam a interação dos vários estratos da sociedade colonial” (ROBBA e MACEDO, 2002, p. 22). Dessa forma, atividades civis e militares dividiam o mesmo espaço nas praças coloniais.

Largos podem ser conceituados também como “espaços livres públicos definidos a partir de um equipamento geralmente comercial, com fim de valorizar ou complementar alguma edificação como mercado público, podendo também ser destinado a atividades lúdicas temporárias” (SÁ CARNEIRO e MESQUITA, 2000, p.29). De acordo com a definição das autoras, compreendemos que o Largo da Gente Sergipana é uma área externa do Museu da Gente Sergipana ao ar livre e aberta ao público, podendo ser apropriada de diversas maneiras.

A dimensão conceitual do projeto e a curadoria sobre culturas populares ficou sob os cuidados da escritora, pesquisadora e historiadora Aglaé D’Avila Fontes e a curadoria em pesquisa histórica ao encargo da historiadora, pesquisadora e escritora Josevanda Mendonça Franco. Por essa razão, entrevistamos Josevanda Mendonça Franco para compreender como ocorreu o processo de seleção e escolha das manifestações culturais representativas da cultura sergipana exposta nas esculturas do Largo da Gente Sergipana. Infelizmente, após algumas tentativas a entrevista com Aglaé Fontes não se concretizou como havíamos planejado.

Conforme esclarecimentos, Josevanda Franco (junho, 2021) informou que o processo de curadoria se deu por meio de uma ampla pesquisa das manifestações, festas e folguedos envolvendo os 75 municípios presentes em Sergipe. Nesse contexto, a entrevistada salientou que para escolha das esculturas foram observados dois aspectos relevantes como “a relação de pertencimento da manifestação, festa ou folguedo com a comunidade e a sua expressividade histórica local e no Estado”. Dessa forma, ao ser indagada sobre dúvidas e/ou dificuldades para definir essa seleção durante o período de curadoria, a mesma esclareceu que foi “a própria necessidade de escolha de um pequeno número para exposição no Largo, que comportaria apenas nove representações. Foi preciso adotar critérios lineares para definição dos que deveriam ser representados”. Diante do exposto, percebemos que a escolha das esculturas não foi pautada apenas em grupos folclóricos, mas no contexto festivo e histórico que concerne esses grupos e seus municípios. Nesse sentido, surge uma questão sobre a representatividade do barco de fogo, incluído posteriormente no Largo.

Figura 04: Maquete do Largo da Gente Sergipana, 2017



Fonte: Divulgação, 2017

A figura 04 mostra como seria o Largo sem a inclusão do barco de fogo, incluído após reivindicações dos barqueiros do município de Estância/SE. Sobre esse fato, a entrevista esclareceu que:

No processo de curadoria, o barco de fogo estava entre as 22 manifestações, festas e folguedos da seleção semifinal. Entretanto, havíamos decidido que as representações seriam humanas ou da expressão maior: brincantes ou personagens. Recebemos, então, uma representação dos barqueiros, que defenderam a presença do barco de fogo, visto que seus artífices se expressam através do mesmo. Inserimos o barco de fogo reconhecendo a sua representatividade do São João de Estância (Josevanda Franco, junho/ 2021).

Segundo Ezio Déda, ao tratar da inclusão posterior do barco de fogo nos informou que embora reconhecesse a importância, o mesmo não estava no projeto original porque não estava ornando esteticamente com o referido projeto, até que, após as reivindicações começou a pensar em alternativas para integrá-lo. Conforme depoimento, esclarece:

Eu tinha dificuldade em entender o barco de fogo, não que eu não o amasse, tanto que já o trouxe aqui diversas vezes em festejos juninos e até final do ano. O que aconteceu é que ali são seres, são imagens de pessoas ou de animais, no caso do boi, mas até o boi tem uma pessoa por baixo. Então ali tem uma representatividade física e o barco ele é um objeto. Por isso, esteticamente eu não via como em cada plataforma daquela ter uma figura alta, esguia na vertical e depois ter um barco na horizontal. Então, esteticamente não iria compor, embora eu soubesse da importância do barco de fogo enquanto patrimônio cultural imaterial do estado. Eu entendia que esteticamente ele não combinava ali. Quando começou o processo de construção, Estância começou a se manifestar e me liga o governador, [que disse]: Ézio e o barco de fogo? Eu disse: não dá, não tem como, não vai ficar bom, não vai ornar, vai ficar desequilibrado. Mas aí vinha pressão e eu já ficando irritado porque eu amava o barco de fogo e ele não encaixava. Foi quando um dia eu disse: quer saber de uma coisa? E parei para pensar...O barco de fogo, o lindo dele não é ficar em uma base, o lindo dele é ficar no ar. A diferença do barco de fogo é que ele voa, aí eu entendi que ele poderia voar no deck e, aí encontramos aquela solução para ele ficar no meio unindo os dois eixos onde se criou um pórtico. E ele flutua sobre o deck tendo o estuário do rio sobre o fundo, como se ele voasse sobre o Largo, mas as águas do rio Sergipe estão atrás como moldura para ele. Aí sim eu encontrei a poética e o conceito para encaixá-lo, então eu não coloquei por pressão, mas porque eu entendi que ele era necessário, desde que eu encontrasse um local adequado para ele poder brilhar (Ezio Déda, julho/ 2021).

O barco de fogo está vinculado ao processo de patrimonialização, registro e indicação geográfica. Por essas razões, os fogueteiros temiam que o barco de fogo fosse reproduzido por outros grupos sociais. Desta maneira, Leal (2019) destaca que

O barco de fogo constitui uma das manifestações culturais mais significativas do estado de Sergipe. Sua produção envolve um considerado número de pessoas, que estão presentes no processo de confecção, passando pela solda (estopim) e chegando à apresentação. Sua confecção se dá nos barracões existentes no município, estando embasada em um trabalho coletivo, associado a uma mistura de carpintaria, engenharia e artesanato. Tal manifestação cultural resulta de um saber-fazer construído por meio de criatividade e engenhosidade de seus artesãos, conhecidos como fogueteiros (LEAL, 2019).

Mediante o exposto, percebemos a importância do barco de fogo enquanto manifestação cultural, que fomenta uma identidade local do município de Estância/SE em alusão aos festejos juninos. Não por acaso, o barco de fogo é reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe, cujo título ratifica a relevância dessa prática das culturas populares.

Essa discussão sobre a inclusão do barco de fogo abre espaço para outra discussão direcionada à reprodução do boi do reisado em uma das esculturas presentes no Largo. Dessa maneira, uma das críticas envolvendo o Largo da Gente Sergipana está em torno desse fato. Por isso, foi questionado sobre a escolha do boi do reisado em uma das esculturas ao invés da figura humana de um brincante dessa manifestação cultural. Sobre essa questão, a entrevistada salientou que “a decisão pelo boi levou em consideração dois aspectos: ele é materializado por um brincante; é o personagem mais importante do folguedo e por fim, há uma diversidade de representações no reisado sergipano. O boi é comum a todos, inclusive visualmente” (Josevanda Franco, junho, 2021). De fato, é possível encontrar diversos grupos de reisado no estado e cada um com suas particularidades como indumentárias, músicas, dança e apresentações.

O Largo da Gente Sergipana é alvo de várias críticas tecidas pela sociedade, entretanto, no que compete a elegibilidade das manifestações culturais e folguedos sergipanos que compõem o equipamento, precisamos levar em consideração a formação e atuação profissional das responsáveis pela referida curadoria.

3.2 Inauguração

Inaugurado em 17 de março de 2018, data em que a cidade de Aracaju completou 163 anos, o Largo da Gente Sergipana foi resultado de um projeto em parceria com o Instituto Banese, o Governo do Estado e o Banco do Estado de Sergipe. O dia 17 março representa um marco histórico para a capital sergipana, haja vista que se comemora sua fundação datada em 1855. Não por acaso, a escolha de inauguração do Largo da Gente Sergipana ocorreu nessa data com a justificativa de presentear Aracaju com esse novo equipamento público.

Figura 05: Convite de inauguração, 2018



Fonte: Divulgação, 2018

O convite de inauguração do Largo da Gente Sergipana foi divulgado pelos meios de comunicação digital para que a população e os visitantes da cidade pudessem prestigiar o evento, conforme publicação na página oficial do Museu da Gente Sergipana:

O Largo da Gente Sergipana, uma das maiores homenagens à cultura popular de Sergipe, será inaugurado no próximo dia 17 de março às 17:30, durante as comemorações do aniversário de Aracaju. A instalação artística urbana integrada à paisagem natural do Rio Sergipe e ao Centro Histórico de Aracaju fortalece a identidade cultural do povo sergipano e contribui com o potencial turístico do estado. Durante a entrega do Largo a população sergipana, haverá cortejo com grupos culturais e apresentações musicais da Orquestra Jovem de Sergipe e do grupo Burundanga Percussivo, cortejo de tototós e show pirotécnico no Rio Sergipe (MUSEU DA GENTE SERGIPANA, 2018).

Durante a inauguração houve apresentações de alguns dos grupos folclóricos homenageados, shows com artistas locais e show pirotécnico. O descerramento da placa teve a participação de alguns representantes dos grupos folclóricos juntamente com personalidades políticas.

Figura 06: Aracaju/SE, Retirada de fitas de inauguração, 2018



Fonte: André Moreira/ASN, 2018

A imagem acima mostra a participação de Marilene dos Santos Moura que interpreta o personagem da Dona Deusa e ocupa o cargo de Mestra do grupo de Reisado São José presente no município de Japarutuba/SE, composto por vinte mulheres entre 30 e 80 anos, que foi resgatado no ano 2000. Entre as participantes realizamos uma breve entrevista com Vilma da Conceição Araújo, Enildes Gonçalves dos Santos e Marilene Moura. De acordo, com Marilene Moura (julho, 2021), o grupo foi uma alternativa encontrada pelas participantes como opção de lazer, pois algumas brincantes não tinham o hábito de saírem de suas residências para se divertirem. Dessa forma, Marilene Moura salienta que o reisado “é um remédio para nossos problemas, é uma terapia. Então o Reisado São José veio para nos abrilhantar, para melhorar nossa vida, a nossa alegria, o nosso prazer porque a nossa vida de antigamente não era nada fácil. Então foi o melhor presente que aconteceu na vida da gente” (Marilene Moura, julho/2021). Compartilhando desse pensamento, a entrevistada relatou que fazer parte do grupo “é muito bom pra minha cabeça, pra minhas pernas, mesmo que tenho problema, e eu me sinto muito bem brincando esse reisado” Enildes Golçalves (julho, 2021). As três entrevistadas informaram que se sentem representadas no Largo com por meio da escultura do boi do reisado.

Em entrevista durante a inauguração, o governador em exercício no período destacou que “essa é uma proposta integradora que nos remete aos grandes monumentos urbanos nacionais

e mundiais. O que pretendemos, entretanto, excede a simples instalação de um novo símbolo de Aracaju” (MINHA TERRA É SERGIPE, 2018). Com isso, podemos entender que o Largo está para além da sua estética, uma vez que remete as memórias e história do estado. Nesse sentido, o governador também defende que “[...] essa é uma festa popular e sendo popular, precisamos homenagear as pessoas que têm identificação e luta em favor dos movimentos populares”, disse, lembrando a formação histórica de Aracaju e destacando que a obra do Largo será objeto de pesquisa e valorização da cultura (MINHA TERRA É SERGIPE, 2018). A referida fala do governador reforça a importância deste estudo, que relaciona a cultura popular e o turismo inseridos num programa de mestrado.

Ao ser entrevistada durante a inauguração, Aglaé Fontes, curadora e pesquisadora da cultura popular sergipana declara:

Fico muito alegre quando vejo a cultura sergipana se expressar e ser homenageada. Acho que esse aniversário de Aracaju é muito especial, porque nele ganhamos um presente para a cultura do estado inteiro. Todos os grupos folclóricos estão aqui representados, e eles significam todas as etnias que constroem nossa identidade (SE NOTÍCIAS, 2018).

Lamentavelmente durante a pesquisa não conseguimos entrevistar Aglaé Fontes para compreendermos como um recorte das culturas populares, no caso o Largo da Gente Sergipana, pode representar a totalidade de grupos folclóricos que existe e/ou existiram em Sergipe, haja vista que o espaço não comporta a exposição estética de todos os grupos em questão. Essas etnias mencionadas são constituídas pela miscigenação dos negros, indígenas e europeus que estiveram presentes no estado, bem como a troca de experiência entre elementos culturais de cada uma dessas etnias.

Abaixo seguem algumas declarações concedidas por alguns brincantes das manifestações culturais presentes no Largo durante a sua inauguração.

Para os integrantes de cada um dos grupos, a satisfação de ver sua manifestação folclórica do coração imortalizada nas esculturas é motivo de grande alegria. É o caso de Éder Santana, de 34 anos, membro do grupo de Parafusos de Lagarto há 14anos. É difícil dizer a emoção que a gente sente de ver uma estátua do Parafuso, porque o grupo é centenário, mas muitas pessoas não conhecem sua história. Então, a gente acaba sendo esquecido. Hoje, tendo um marco do Parafuso, as pessoas vão procurar saber o que significa. Então, para a gente é importante, porque tem uma valorização cultural (SE NOTÍCIAS, 2018).

De acordo com a Lei 8.767/2020, o grupo folclórico ‘Os Parafusos’ do município de Lagarto foi reconhecido como Patrimônio Histórico, Cultural e Imaterial do Estado de Sergipe.

Figura 07: Aracaju/SE, Grupo Parafusos, 2018



Fonte: Arquivo pessoal Maria Ione, 2018

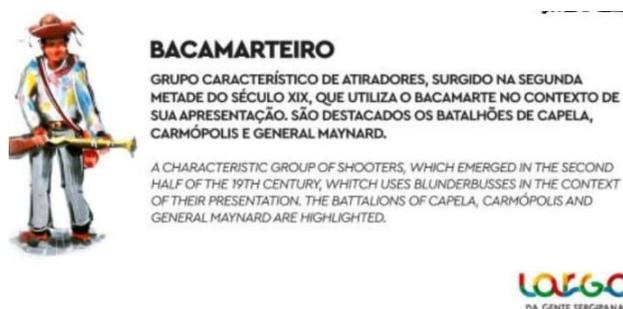
A imagem acima foi realizada durante a inauguração do Largo da Gente Sergipana com a presença de Maria Ione do Nascimento e o grupo Parafuso. Em breve entrevista, Maria Ione (julho, 2021) que ocupa o cargo de Presidente da Associação Folclórica do município de Lagarto, coordenadora de grupos folclóricos, que inclui os Parafusos, informou que as manifestações culturais presentes no Largo da Gente Sergipana representam a cultura local porque serviram de referência. Além de relatar que se sente muito bem representada e que o Largo “já está contribuindo com as culturas populares do estado porque é uma maneira de divulgação, está sendo muito positivo. É através das figuras que o interesse de conhecer o grupo se tornou maior”. A entrevistada relatou que o Largo não apenas contribui com o turismo da cidade de Aracaju, mas também para os municípios que possuem representação das esculturas.

Bárbara Cristina dos Santos, Mestra e responsável pela continuidade da manifestação cultural e religiosa do grupo das Taieiras do município de Laranjeiras/SE esteve presente com seu grupo na inauguração do Largo. Ao ser indagada sobre representação pessoal e do seu grupo, Bárbara Cristina (julho, 2021) informou que se sente representada através do Largo da Gente Sergipana porque “me vejo na manifestação que dou continuidade. É um orgulho ver a valorização e permanência dela” (Barbara Cristina, julho/2021). Tocando nesse ponto sobre continuidade, vale salientar que durante a pesquisa buscamos contato com algum

representante do grupo de Taieira do município de Japaratuba e descobrimos que o grupo não existia mais.

Realizamos uma entrevista com Valdeliso Bernadino Silva, integrante do grupo do Batalhão de Bacamarteiro do povoado Pinga Fogo, localizado no município de General Maynard/SE. Valdeliso Bernadino (julho/2021) informou que faz parte do grupo há 32 anos e há 4 anos ocupa o cargo de Coordenador Geral. O grupo é composto por 60 homens e 40 mulheres com apresentações fixas no período junino nos dias de São João e São Pedro em forma de cortejo, entretanto, podem se apresentar em outras datas conforme convites e eventos. Ao ser questionado se as manifestações culturais presentes no Largo representam o estado e o seu grupo, o entrevistado ressaltou que “não porque a nossa cultura sergipana não se resume somente nas manifestações apresentadas no Largo da Gente Sergipana” (Valdeliso Bernadino, julho/2021).

Figura 08: Placa Bacamarteiro, 2021



Fonte: Placa adaptada do *tour* virtual do Largo da Gente Sergipana, 2021

Embora exista no Largo uma placa que faz alusão a alguns grupos de Bacamarteiros sergipanos, tendo como destaque o grupo de General Maynard, Valdeliso Bernardino (julho, 2021) informou que um simples monumento não representa o seu grupo. A participação de Valdeliso Bernadino demonstrou que mesmo que a manifestação cultural do Bacamarteiro esteja compondo as esculturas do Largo da Gente Sergipana, não significa que todos os integrantes do grupo homenageados se sintam representados.

Segue depoimento de um integrante do Batalhão de Bacamarteiros, que diverge da opinião de um dos nossos entrevistados. Segundo a notícia,

O sentimento de Maurício Teles Santana, integrante do Batalhão de Bacamarteiros do Povoado Aguada, de Carmópolis, é semelhante. Tenho 40 anos, muitos deles

dedicados ao grupo. É uma emoção muito grande ver uma estátua retratando o que a gente faz todo dia. Só tinha visto pela televisão, agora posso ver pessoalmente e levar a foto para a família ver. Acho que Aracaju está de parabéns, ainda mais com esse monumento representando nossa cultura (SE NOTÍCIAS, 2018).

Os depoimentos acima demonstram a visão do público homenageado. Por esse motivo, realizamos entrevistas com integrantes de manifestações culturais sergipanas que não fazem parte da seleção das esculturas do Largo da Gente Sergipana e como resultado dessa etapa da pesquisa identificamos que os entrevistados se sentem representados no equipamento, mesmo não tendo uma escultura que retrate o seu grupo, estando de acordo com a escolha daquelas manifestações populares presente no Largo.

3.3 Repercussão

A repercussão sobre a construção do Largo ocorreu de variadas maneiras com opiniões divergentes favoráveis e desfavoráveis. As críticas que envolveram a obra desde a sua construção são de natureza estética, artística, financeira, política, simbólica, histórica e identitária. Podemos observar tais críticas em alguns jornais locais.

A natureza de um símbolo é sua relação com algo que unifique, identifique e seja referência de uma ideia presente na cabeça de muitos. Depois que ficou aparente a figura das estátuas na Rua da Frente, os debates travados mostraram que essa unidade não existe em torno delas por diversos motivos. Porém, o debate que surpreendeu foi a negação pelo desconhecimento da cultura sergipana [...] (EXPRESSÃO SERGIPANA, 2018).

Uma obra polêmica como o Largo da Gente Sergipana é previsível que haja conflitos originados por questões políticas, jogo de interesses, vaidade, desconhecimento, dentre outras possibilidades, que não nos cabe relatar por não integrarem a nossa problemática de investigação.

A carência existente que contribui para o desconhecimento da cultura sergipana remete a diversos aspectos, tais como: deficiência de estudos sobre as culturas locais nas instituições de ensino e aprendizagem; falta de investimento na cultura como possibilidade de ampliar o acesso aos sergipanos; bem como a dissociação entre cultura popular e cultura erudita. Por essas razões, é comum o estranhamento motivado pelas esculturas representativas da cultura local. Segundo a matéria divulgada,

prestes a ser inaugurado, o Largo da Gente Sergipana tem causado bastante polêmica. O mais novo ponto turístico de Aracaju custou R\$ 6,4 milhões sendo R\$ 2,225 milhões correspondentes aos serviços de infraestrutura, pagos pelo Governo do Estado e R\$ 4,2 milhões destinados à construção de oito esculturas, pagos pelo Instituto Banese (FAN F1, 2018).

Existem outras possibilidades de investir na cultura local como inclusão do tema no currículo escolar, oferta de cursos, oficinas, especializações, investimento financeiro para manutenção dos grupos folclóricos, entre outras possibilidades. Por essa razão, uma das críticas sobre a instalação do Largo da Gente Sergipana teve a motivação financeira com relação aos recursos utilizados. Em entrevista concedida ao Jornal Fan

Ezio reconheceu que o Estado enfrenta graves problemas nas áreas de Saúde Educação e Segurança, mas explicou que os recursos não podem migrar de uma pasta para outra. Os recursos do Estado são destinados a áreas específicas e só podem ser aplicados nas áreas que foram direcionadas, no caso, apenas na cultura (FAN F1, 2018).

Devido as críticas disseminadas em redes sociais por causa dos gastos financeiros com a obra do Largo da Gente Sergipana, o então governador Jackson Barreto destacou que um dos motivos da repulsa é o preconceito com a cultura popular do estado.

Aqueles que têm formação cultural compreendem que é papel do Governo fortalecer as raízes do povo, investindo na parte cultural e resgatando os grupos folclóricos tradicionais. O Largo em frente ao Museu da Gente Sergipana tem essa vertente, pois cada escultura representa uma dança, um viés do folclore sergipano e da cultura popular. Tem gente que não gosta da cultura popular e não tem uma visão concreta do assunto (CLICK SERGIPE, 2018).

O depoimento trata de uma opinião particular do entrevistado não devendo tomar como verdades absoluta por toda sociedade. Podemos problematizar os fatos sem deixar o reconhecimento dos seus benefícios.

De acordo com a matéria intitulada “Assim caminha a sergipanidade” de autoria do colunista Carlos Braz, publicada na página 93noticias.com.br, o autor afirma que diversos setores da sociedade civil lançaram duras críticas motivadas pela instalação do Largo da Gente Sergipana. Uma das críticas faz referência a estética da obra, descrevendo como “figuras toscas, onde a criatividade se faz ausente”. Tem-se também a seguinte indagação: Por que homenagear a cultura sergipana através do trabalho de um escultor alheio ao nosso universo cultural, quando temos escultores e artesãos capazes com trabalhos reconhecidos, e carentes de encomendas desse porte? O autor também faz críticas ao governador em exercício, por maximizar sua realização pessoal como sendo um sonho comum a todos e, por isso expõe o descaso com a manutenção de alguns museus importantes para o estado.

Também sugere soluções através de políticas públicas para autossustentação dos folguedos representados nas esculturas do Largo.

Em artigo publicado na página oficial da CUT/SE, o artista sergipano Antônio Cruz faz críticas não em relação a estética artística do Largo, mas sobre a motivação para escolha do artista responsável pela confecção das esculturas, que não tem relação com o estado de Sergipe. Além da ausência de um edital para seleção e escolha do profissional, que desse oportunidade de artistas locais mostrarem seus talentos.

Surpreendentemente, o universo cultural das artes visuais toma conhecimento, tardio, da construção de um conjunto de esculturas de porte monumental representando figuras do folclore sergipano, bem em frente ao Museu da Gente sergipana denominado de 'Largo da Gente Sergipana'. Ideia igualmente louvável, assim como foi o museu. Sabe-se também que, as esculturas monumentais a ser instaladas ali na margem do Rio Sergipe foram encomendadas a um artista baiano que mora e trabalha na Bahia. É sabido que na Lei 8666, que trata das licitações, oferece ao gestor público o conforto de, em se tratando de artista, não precisa fazer concorrência pública para a contratação. Torna-se de certa forma uma prerrogativa. O gestor pode argumentar também que procurou um artista com determinado estilo, notoriedade e capacidade de realizar a obra. Mas já é do conhecimento geral que notoriedade e publicidade quem gera é a visibilidade do trabalho na praça, em evidência nas galerias de arte e museus; e o envolvimento do artista no movimento cultural. Quanto à capacidade de realização dos artistas da nossa gente, não pode ser posta à prova e reprovada; ou se lhes foram apresentados os desafios e os artistas nunca fugiram. Porém, se a notoriedade obtida pelos artistas da nossa gente não sensibiliza o gestor público que precisa do trabalho deles, todo o esforço dos artistas parece em vão e a convergência artistas/cidade/gestor não se completa em benefício da sociedade (CRUZ, 2017, online).

Conforme pontuado acima pelo artista Antônio Cruz, elaboramos uma pergunta sobre essa temática da escolha do artista e ausência do referido edital para seleção do responsável pela confecção das esculturas. Para tanto, entrevistamos Ezio Deda sobre essa questão, dentre outras indagações, que contribuíssem com nossa investigação acadêmica e, em resposta o entrevistado explicou os motivos que determinaram a escolha do artista responsável pelas esculturas:

Acontece que a gente não tinha aqui em Sergipe nenhum artista plástico que tivesse o domínio em grandes estruturas com a complexidade que foi. Não estou falando apenas da questão estética, nem do talento, não é isso, ali existe uma obra de engenharia complexa. Aquelas esculturas são de fibra de carbono de poliéster, dentro tem uma estrutura de aço que foi calculada por um engenheiro no Rio de Janeiro, aqueles tubulões de aço onde elas estão fixadas em algumas situações estão fincadas há trinta metros abaixo no nível do piso do solo do rio. Estou falando de esculturas que chegam a pesar duas toneladas que precisou de um galpão com um pé direito de 11 metros para poderem se movimentar dentro desse galpão para poderem ser executadas. É uma estrutura muito complexa que foi modelada no barro primeiro, na argila para depois chegar na fibra de carbono de poliéster. Então, lamentavelmente a gente não tinha aqui ninguém com esse domínio para poder fazer um projeto dessa envergadura. Se fosse uma escala menor a gente teria sim, mas

nessa escala não tinha condição de ter alguém aqui que fizesse. Então, a gente foi buscar quem já tinha em seu currículo essa habilidade, essa capacidade curricular de poder executar algo que não nos causasse nenhum tipo de inconveniente ou transtorno (Ezio Déda, julho, 2021).

Diante do exposto acima, percebemos uma insatisfação do artista Antônio Cruz e do colunista Carlos Braz em relação a ausência de oportunidades para artistas locais. Salientamos que essa crítica é comum a alguns sergipanos que não integram o meio artístico. Nosso propósito com a resposta de Ezio Deda foi esclarecer os motivos que influenciaram na elegibilidade do artista.

3.4 As Manifestações Culturais Representadas no Largo

Lambe-Sujos e Caboclinhos, Cacumbi, Chegança, São Gonçalo, Bacamarteiro, Parafuso, Reisado e Taieira e o barco de foto são manifestações culturais, festas e folguedos presentes em Sergipe que possuem cada um escultura representativa no Largo da Gente Sergipana. Por essa razão, apresentaremos brevemente cada representação dessa cultura popular.

Ribeiro (2008) nos esclarece que o repertório musical se faz muito presente na apresentação da **Taieras** e que seu grupo é majoritariamente feminino. “Ao passo que sua relação com santos católicos confere às Taieiras uma característica religiosa, sua atuação em festas populares e seu repertório musical conferem-lhe uma característica profana, de diversão” (RIBEIRO, 2008, p.21). O autor salienta que nem todos os grupos de Taieiras se limitam a apresentações durante o calendário católico, porque os referidos grupos participam de “Festivais de cultura”, encontros folclóricos e festas populares. Ribeiro relata ainda, que em Sergipe podemos encontrar registro documental das Taieras a partir do século XIX nos municípios de São Cristóvão, Laranjeiras, Lagarto, Japaratuba e Aracaju, podendo também ter ocorrido em outros lugares.

Conforme Barreto (1997, p.91), a “**Chegança** é um auto popular de nítida intenção catequética, que teatraliza a luta entre os cristãos e mouros”. Dessa forma, o autor relata que esse folguedo pode ser encontrado em várias partes do Nordeste e se apresentam geralmente em períodos natalinos para exaltarem a vitória dos cristãos sobre os infiéis ou mouros. Para Santos (2014, p. 12), a Chegança tem sido registrada em diversos estados nordestinos, tais como Bahia (QUERINO, 1955), Sergipe (ROMERO 1954, DANTAS, 1976), Alagoas

(BRANDÃO, 1961) e Rio Grande do Norte (ANDRADE, 1959; SANTOS, 2014, p.12). Em Sergipe podemos encontrar o folguedo nos municípios de Itabaiana, Lagarto, Laranjeiras, São Cristóvão, Divina Pastora e na cidade de Aracaju.

Segundo Bomfim (2014), o culto a **São Gonçalo** é uma prática social encontrada em todas as regiões do Brasil, apresentada de diferentes formas. De acordo com o autor, o primeiro registro do culto dessa manifestação em Sergipe data de 1895. Bomfim, em seu estudo aborda o São Gonçalo da Mussuca localizado no município de Laranjeiras. É possível encontrar outros grupos que fazem referência a São Gonçalo nos municípios Itaporanga D'Ajuda, Poço Verde, Riachão do Dantas, Pião, São Cristóvão e Simão Dias.

O **Cacumbi** é um folguedo popular que teve sua origem perdida no tempo, impossibilitando o registro com precisão da sua fixação no país (JUNIOR, 2014). No entanto, “o folguedo vêm da variação de Autos e Bailados, como as Congadas, Guerreiros, Reisados, Lambe Sujos e Caboclinhos que são variações de dominações, mas que vem de um só referencial a “Luta entre o Rei negro e o Rei indígena” (JUNIOR, 2014, p.14). O autor informa que o Cacumbi era praticado por escravos africanos nos canaviais, representando as guerras entre reis e rainhas contra os escravos. Os Cacumbis podem ser encontrados nos municípios de Laranjeiras, Lagarto, Japaratuba e Riachuelo.

Carvalho *et al* (2015, p. 39-40) salientam que “os **Reisados** que derivam dos grupos Janeireiros e Reiseiros portugueses no século XIX, se caracterizam pelo petitório de Reis, portanto são reisados de modo genérico todos os grupos organizados, que do Natal a Reis, saem de porta em porta [...]. Dessa maneira, “o Reisado chegou ao Brasil por meio dos colonizadores portugueses e sofreu mudanças com a participação dos negros. Contudo, o reisado é um espetáculo popular das festas de Natal e Reis, cuja ribalta é a praça pública e a rua”. Os grupos de Reisados podem ser encontrados nos municípios de Laranjeiras, Japoatã, Pirambú, São Cristóvão, Santo Amaro das Brotas, Barra dos Coqueiros, Frei Paulo, Japaratuba e na cidade de Aracaju.

Para Santos (2016, p.14), “a manifestação cultural dos **Lambe-Sujo e Caboclinhos** consiste em representar por meio do teatro o conflito entre as lutas de classe”. Assim, “o grupo dos caboclinhos, trajados com sua indumentária indígena, são em menor número, tem como personagens além dos participantes, a rainha e a princesa, esta é raptada num dos momentos da encenação, e o desenrolar dar-se-á pela retomada da mesma” (SANTOS, 2016, p. 48).

Ressaltamos que a manifestação é característica dos municípios de Laranjeiras e Itaporanga D'Ajuda.

Conforme Gomes (2017), o município de Estância apresenta tradições singulares nos seus festejos juninos e é lugar de destaque por sua produção de fogos de artifício e pela cultura do barco de fogo, reconhecido como patrimônio imaterial do estado, por meio da Lei 7.690/2013. A autora salienta que,

segundo relatos recorrentes, o barco de fogo foi criado por Antônio Francisco da Silva Cardoso, conhecido popularmente como Chico Surdo. A princípio, ele fez o barco deslizar em um arame estendido sobre o Rio Piauitinga no bairro Porto D'Areia. Posteriormente, com a difusão dos saberes na comunidade, a denominada 'corrida de barco de fogo', criada na década de 1930, ocorre em uma corda de aço com cerca de 200 a 300 metros, estrutura construída pelos fogueteiros (GOMES, 2017, p. 82).

Embora o barco de fogo não se enquadre como folguedo por ser um artefato, sua confecção depende da figura do fogueteiro na produção da matéria prima utilizada na criação. Por essa razão, o barco de fogo é reconhecido como patrimônio imaterial porque considera-se o modo de fazer como forma de expressão popular.

“O folguedo dos **Bacamarteiros** tem sua origem que remonta ao período da escravidão no Brasil. Homens brancos e escravos negros dos engenhos de cana-de-açúcar juntavam-se para celebrar os santos do mês de junho, Santo Antônio, São João e São Pedro respectivamente” (REIS; NOGUEIRA, 2012, p.04). Dessa forma, é característico o uso de roupas coloridas que remetem ao período junino e as roupas utilizadas por cangaceiros, além do uso do bacamarte (arma de fogo usada com pólvora emitindo barulho e fumaça). Os Bacamarteiros em Sergipe são encontrados nos municípios de General Maynard, Carmópolis e Capela.

Avelino (2018, p. 195) destaca que o “**Grupo Parafusos** remonta ao século XIX e acredita-se que, quando surgiu o grupo era formado por escravizados que fugiam e roubavam as anáguas brancas das sinhazinhas deixadas no quaradouro dos varais das casas grandes”. O grupo é característico do município de Lagarto e foi reconhecido oficialmente como Patrimônio Histórico e Cultural de Natureza Imaterial por meio da Lei 850, aprovada pela Câmara Municipal e sancionada pela prefeitura em 2019.

4. AS MÚLTIPLAS FUNÇÕES DO LARGO DA GENTE SERGIPANA

Nesta seção trataremos sobre o Largo enquanto espaço multifacetado que possibilita diversas práticas, que englobam ações educativas, patrimoniais, solidárias, turísticas, entre outras, bem como práticas inovadoras. Isso porque, com o fechamento de galerias e museus para cumprimento do isolamento/distanciamento social por causa da pandemia do Covid-19, esses espaços buscaram se reinventar para manter o quadro de funcionários ativos e não permitir o fechamento desses ambientes. Para tanto, algumas ações foram realizadas, como a disponibilização do acesso remoto através de visitas virtuais como alternativa de entretenimento. Nessa perspectiva, o Museu da Gente Sergipana disponibilizou um *tour* virtual em suas instalações, envolvendo também o Largo da Gente Sergipana, que serão tratados neste capítulo.

4.1 Usos, Práticas e Contra-usos do Largo da Gente Sergipana

O Largo da Gente Sergipana é um equipamento público da cidade que possibilita a visitação de moradores, visitantes e turistas. O mesmo estimula o registro de fotografias, a observação do ritmo urbano da cidade (do trânsito de veículos, do Museu da Gente Sergipana, das embarcações tradicionais e do Rio Sergipe). Possibilita a visualização do município vizinho (Barra dos Coqueiros) e a Ponte do Imperador.

Enquanto extensão do Museu da Gente Sergipana, o Largo engloba várias práticas cotidianas por meio dos usos e ações desenvolvidas por seus usuários, que por vezes fogem ao que foi planejado por seus idealizadores, a exemplo das ações praticadas por meio da gravação de vídeos, apresentações culturais particulares, empreendedorismo informal, além de ações danosas, dentre outros usos e contra-usos (LEITE, 2004). Conforme salienta Certeau (1994, p.178), “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”.

Em primeiro lugar, se é verdade que existem uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede de prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais [...]. Da mesma forma o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui mas não por lá), do outro aumenta o número dos possíveis por exemplo, criando atalhos ou desvios) e o dos interditos (por

exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). Selecciona portanto (CERTEAU, 1994, p. 177-178).

Nesse sentido, o Largo da Gente Sergipana é um espaço que engloba várias possibilidades de usos múltiplos. Certeau (1994) trata dos usos e práticas, bem como as astúcias oriundas dessas ações. Nesse sentido, Proença (2004) se refere aos contra-usos que se afina com as astúcias tratadas por Certeau (1994).

Os espaços ao ar livre são locais que potencializam o desenvolvimento de atividades culturais e artísticas, lúdicas, educativas, dentre outras. Dessa maneira, esses espaços podem manifestar ações cotidianas da vida urbana proporcionando vitalidade ao espaço.

Figura 09: Aracaju/SE. Projeto Batendo Perna em Aracaju, 2020



Fonte: Projeto Batendo Perna em Aracaju, 01/2020

Nas imagens acima, temos o registro de um evento intitulado Batendo Perna em Aracaju³. Trata-se de um projeto desenvolvido pela Expressão Sergipana, que constitui um portal de notícias local, que desenvolveu um *city tour* pautado na história local, marcada pela visita de alguns espaços no Centro Histórico de Aracaju importantes na formação histórica, arquitetônica e cultural da cidade. O passeio foi conduzido pelo Guia de Turismo Elias Ramos e o historiador Osvaldo Ferreira Neto. Dessa forma, o evento finalizou sua atividade

³ Atividade divulgada na página da Expressão Sergipana em 23 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://expressaosergipana.com.br/batendo-perna-em-aracaju/>. Acesso em 25 de dezembro de 2019.

no Largo, por considerar sua relevância histórica e cultural que trata sobre alguns folguedos sergipanos. Assim, a referida atividade configurou uma prática com aspectos históricos, culturais, artísticos, educativos e patrimoniais no campo empírico e seu entorno como uma das possíveis formas de apropriação do espaço pesquisado.

Segundo Silva (2014), Certeau faz uma distinção conceitual entre espaço e lugar. Para o autor, lugar está relacionado à distribuição de elementos em relações de coexistência. Apenas a partir da apropriação pelos indivíduos é que o espaço se realiza como lugar. Indica a situação de “esta aí”, na qual as coisas estão em seus lugares próprios e distintos, que os definem. Traduz uma situação de estabilidade momentânea, portanto; é uma “configuração instantânea de posições”. Espaço, por sua vez, é definido por uma situação de movimento: entram em jogo “vetores de direção, quantidade de velocidade e a variável tempo”. Diferente do lugar, não tem a estabilidade, mas é marcado por transformações, pela ação de sujeitos (SILVA, 2014 p.66).

Em seu estudo Silva (2014), trata do turismo enquanto representação visual significativamente física da cidade no qual está inserida, potencializando um produto passível para o consumo turístico. Nesse sentido, entendemos que o consumo não é apenas financeiro se tomarmos como exemplo do nosso campo de pesquisa, que envolve o consumo paisagístico do entorno local.

Figura 10: Aracaju/SE. Contra-usos no Largo da Gente Sergipana, 2019



Fonte: Autora, 11/2019

A imagem anterior evidencia um exemplo de contra-uso desenvolvido pelo comércio informal da venda de água de coco e sorvetes, modificando a paisagem do equipamento através da ocupação dos vendedores e suas ferramentas de trabalho. Também podemos exemplificar como contra-usos a prostituição que ocorre no entorno do nosso campo empírico que antecede a sua construção, bem como a presença de pedintes que às vezes estão presentes no local.

Figura 11: Aracaju/SE. A pesca como contra-uso no Largo da Gente Sergipana, 2019



Fonte: Autora, 11/2019

Na imagem acima temos um contra-uso pela ação desenvolvida por um pescador que se apropriou do espaço para comercialização de seus produtos através da abordagem de visitantes. O que caracteriza um contra-uso é a maneira de apropriação de um determinado espaço para desenvolver atividades que não foram planejadas.

Figura 12: Aracaju/SE. A pesca como uso e prática no Largo da Gente Sergipana, 2021



Fonte: Autora, 04/2021

Nas imagens acima temos outro modelo de pesca que caracteriza a atividade como prática esportiva ou de lazer. Nesse exemplo não houve a comercialização e nem a abordagem aos visitantes no local. Assim, é interessante pensar na mesma ação com propósitos diferentes.

O Largo da Gente Sergipana é atualmente um dos principais atrativos turísticos do Centro Histórico de Aracaju em alusão a um recorte das manifestações culturais populares concentradas no interior do estado. Deste modo, o equipamento é parada obrigatória em quase todos os roteiros que percorrem a área central da cidade através de um *city tour* ou passeios particulares.

4.2 Dimensões Patrimoniais e Educacionais do Largo

De acordo com a Constituição do Brasil (1988), o patrimônio cultural é definido pelos “bens de natureza material e imaterial, tomado individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (art. 216). Estes incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. De acordo com Mello (2020, p.6), desde o final do século XX,

os intelectuais do patrimônio cultural têm buscado teorizar ‘a indissolubilidade entre a cultura material e imaterial’ apesar de seus conceitos se distinguirem junto aos órgãos de salvaguarda e legislação. Se o decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu a necessidade da preservação do patrimônio imaterial para sua democratização, também trouxe à tona a salvaguarda dos atores sociais que no palco da dinâmica brincante produzem histórias.

O supracitado decreto representa uma avanço sobre a ampliação no entendimento do patrimônio cultural anteriormente pensado a nível nacional por meio de grandes obras edificadas sem considerar as particularidades das produções humanas regionais.

Varella (2018, p.302) salienta que “o debate sobre as expressões populares, os modos, fazeres e saberes, cuja essência reside na imaterialidade dos vetores de transmissão cultural, é secular, com primórdios no século XIX, no Brasil, e fortalecimento na primeira metade do século XX”. Por essa razão, Telles (2018, p. 31) salienta que “é indispensável se valer de autores de outras áreas que compõem o campo do patrimônio cultural para tentar conhecer e operacionalizar tal conceito, uma vez que os estudos jurídicos, com poucas exceções, ainda se prendem demasiadamente ao direito positivado. O autor ressalta o uso da antropologia como um dos campos do conhecimento para tentar compreender o patrimônio cultural imaterial.

Nesse sentido, Telles (2018) salienta que os conceitos utilizados pelo regimento normativo do direito não suprimem o entendimento do patrimônio cultural imaterial. Dessa maneira, o autor propõe uma reflexão sobre a dicotomia existente entre o patrimônio material e o patrimônio imaterial, como se fossem algo diferente, considerando a atribuição valorativa que é posto entre ambos. Nesse contexto, Arantes (1990) chama atenção para a separação entre “fazer” e “saber”, uma vez que essa dissociação resulta em diminuição de valores e estabelece relações de poder sobre o labor de outros, o que ocasiona a desvalorização da cultura popular que detêm saberes e fazeres em sua imaterialidade. Para o autor, é preciso compreender a cultura no plural e no presente, uma vez que a cultura popular é dinâmica e diversificada, que dialoga com o contexto contemporâneo.

Oliveira (2020), desenvolveu um jogo educativo⁴, destaque no prêmio nacional de dissertação, como produto resultante da sua pesquisa de mestrado para tratar sobre o patrimônio cultural de Sergipe norteado pelo Largo da Gente Sergipana. Nesse sentido, a autora salienta que o seu produto tem como proposta tratar “o patrimônio cultural material (O Largo da Gente Sergipana), o patrimônio cultural imaterial (manifestações culturais que

⁴. Notícia publicada na página SEDUC em 02 ago. de 2021. Disponível em: <https://www.seed.se.gov.br/noticia.asp?cdnoticia=17344>. Acesso em: 05 de ago. 2021.

compõem o Largo) e o patrimônio que o cerca (o Rio Sergipe e o Museu da Gente Sergipana)” (OLIVEIRA, 2020, p.07). Partindo dessa concepção, o Largo da Gente Sergipana é um patrimônio material que dialoga com o patrimônio imaterial representado através das esculturas que integram o Largo cercado pelo patrimônio natural do rio Sergipe e o Museu da Gente Sergipana. Este último, por sua vez, engloba o patrimônio cultural tangível e intangível do estado. Nesse diálogo sobre patrimônio cultural, salientamos que o Largo da Gente Sergipana promoveu alterações na paisagem provocada pela sua imersão nas águas do rio Sergipe⁵ responsável pela divisão geográfica entre a cidade de Aracaju e o município de Barra dos Coqueiros³. Dessa forma, Scherer (2002, p. 85) salienta que “a paisagem urbanística relata também a história de cada sociedade, na medida em que todo espaço novo que é edificado dialoga com o espaço pre-existente”. Por essa razão, o Largo enquanto equipamento público urbano articula-se às esferas políticas, sociais e mercadológicas para retratar uma parcela do patrimônio cultural de Sergipe.

Silva (2019, p. 230) ao tratar sobre a potencialidade dos atrativos turísticos ressalta a viabilidade de novas práticas turísticas com embarque e desembarque em alguns pontos da cidade que possuem um píer em sua estrutura. Nesse contexto, o Largo da Gente Sergipana contempla um atracadouro de pequeno porte que possibilita a chegada para visitação por meio de variadas embarcações e dentre elas, destacamos as tototós definidas como “embarcações simples, construídas em madeira, com cabine para seus passageiros, que viajam sentados, cuja principal função é o transporte destes” (SANTOS *et al*, 2016, p.95). De acordo com o Decreto-Lei n. 7.320 no ano de 2011 as tototós receberam o título de Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado de Sergipe. Nesse contexto, Santos *et al*, (2016, p.95), salientam que as referidas embarcações são “muito tradicionais no uso, formato e estética, são sempre avistadas na travessia de pessoas que cruzam as margens das cidades de Aracaju e Barra dos Coqueiros, fazendo parte da paisagem, memória e identidade cultural da população do estuário do Rio Sergipe”. Vale ressaltar que o complexo estuarino do rio Sergipe possui significativa importância socioculturais, econômica, histórica, ambiental, patrimonial, pedagógica e turística.

⁵ SEPLANTEC (2002), salienta sobre a importância do rio Sergipe no contexto político, econômico, social e cultural do Estado.

³ Segundo fonte do IBGE o município de Barra dos Coqueiros fica à margem esquerda do rio Sergipe, bem defronte a cidade de Aracaju.

Josevanda Franco (2021), acredita que o Largo contribui com as culturas populares em Sergipe sob a luz da educação porque,

o projeto educacional do Museu da Gente Sergipana (MSG) é focado no público entre 10 e 14 anos. Todas as instalações, portanto, incluindo o Largo, tem um caráter pedagógico. Dito isso, em relação ao Largo as esculturas materializam as representações das manifestações, festas e folguedos, possibilitando aos visitantes a visão personificada dos elementos expostos (Josevanda Franco, junho/2021).

O Largo enquanto área externa do museu é também um espaço de memória podendo ser utilizado como recurso didático em consonância com o patrimônio natural do rio Sergipe, o centro histórico no entorno, o patrimônio imaterial que envolve as manifestações culturais e folguedos presentes no equipamento, dentre outras possibilidades.

4.3 O Largo da Gente Sergipana como recurso educativo em tempos de pandemia

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia resultante da presença da COVID-19, que segundo Oliveira *et al* (2020, p. 03), é considerada como “um surto de uma misteriosa pneumonia causada por uma variação do coronavírus cujo primeiro caso foi reportado em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China”. Por esse motivo, “em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a epidemia da COVID-19 constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, em 11 de março de 2020, uma pandemia” (OLIVEIRA *et al*, 2020, p. 01). De acordo com Oliveira *et al* (2020, p. 02) “o primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Tratava-se de um homem idoso residente em São Paulo/SP, que havia retornado de viagem à Itália. Em 17 de março de 2020 ocorreu o primeiro óbito por COVID-19 no país”. Deste modo, por causa do atual cenário decorrente da pandemia, a população mundial passou a vivenciar um cenário de isolamento social desde março de 2020. Na cidade de Aracaju/SE, o isolamento passou a ser seguido como medida de segurança preventiva para diminuir os riscos de contágio e a propagação do vírus. Diante desse cenário, a cidade passou a vivenciar um paulatino esvaziamento dos espaços públicos e privados de uso coletivo, sobretudo àqueles usados para atividades voltadas para o consumo, lazer, turismo, cultura e arte.

Nesse contexto, ressaltamos a importância dos espaços ao ar livre para população urbana aracajuana e seguimos as reflexões de Veloso (2000, p. 04), que compreende o “espaço público como espaço de comunicabilidade entre diferentes grupos sociais”. O autor destaca ainda as dimensões físicas, simbólicas e políticas em que estão presentes no espaço público,

considerando que este [...] apresenta-se, por excelência, como o cenário do encontro democrático e heterogêneo dos cidadãos” (BEZZERA; JÚNIOR, 2020).

A pandemia e o isolamento/distanciamento social têm contribuído para o esvaziamento dos espaços públicos e, assim configurando novos cenários na paisagem urbana. Com isso, é pertinente a observação levantada por Bezerra e Júnior (2020, on-line) em que “o conceito e a importância dos espaços públicos vêm sendo debatidos com maior frequência nas últimas décadas, em que se tentou propor uma configuração mais humanizada para estes espaços”.

Em contribuição ao enfrentamento atual diante da crise sanitária, foi instalado em frente ao Largo da Gente Sergipana um *stand* com sistema *drive-thru* para distribuição gratuita de máscaras para população, como forma de conscientização para o uso do equipamento de proteção. O uso de máscara é lei no estado, por meio do Decreto Nº 40.588, que obriga a população em geral a utilizar máscara durante circulação em ambientes externos com o objetivo de reduzir o contágio por COVID-19 em Sergipe. Essa dinâmica de *drive-thru* proporcionou agilidade na distribuição, redução de contato físico durante a ação e proporcionou a participação de pessoas em transportes públicos e particulares, atingindo assim um maior número de envolvidos. A ação teve início em 17 de maio de 2020, seguindo durante toda a semana em horário comercial das 8h às 18h com a presença de quatro colaboradores do Instituto Banese.

As máscaras distribuídas foram parte das 420 mil confeccionadas por costureiras residentes no município de Tobias Barreto, que integram o Complexo Industrial da respectiva cidade. Trata-se de uma ação conjunta entre o Grupo Banese e o Governo do Estado em parceria com a Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe (CODISE) e apoio da Secretaria de Educação de Nossa Senhora do Socorro, da empresa Pop Show Industrial e do Restaurante Comida Caseira. A iniciativa possibilitou a criação de 50 empregos temporários.

De acordo com entrevista concedida aos jornais locais, o diretor e superintendente do Instituto Banese, Ezio Déda:

A ideia de intervenção estética nas esculturas do Largo é uma tentativa de chamar atenção para a necessidade de utilizarmos as máscaras de proteção. Essa obra tão admirada por representar o nosso povo e nossa cultura, agora com os brincantes usando máscaras, se torna cenário de promoção ao acesso a esse equipamento tão essencial na prevenção do coronavírus (EZIO DÉDA, 2020, on-line).

Houve também a veiculação de um vídeo institucional divulgado e compartilhado em redes sociais com aproximadamente um minuto de duração e trilha sonora representativa da cultura local, que foi gravado durante a ação de distribuição das máscaras, mostrando todo o Largo e seu entorno. Além das imagens e da música, o vídeo traz a seguinte mensagem:

Vem ver, vem ver, vem ver... mais uma ação do Grupo Banese e Governo do Estado no combate ao coronavírus. Nosso Largo da Gente Sergipana se transforma para distribuir máscaras gratuitas à população reafirmando nosso compromisso social e cultural (INSTITUTO BANESE, 2020).

A simbologia que envolve a inserção de máscaras nas esculturas enquanto intervenção estética é reflexo de uma tendência realizada a partir de exemplos nacionais e internacionais, que diante da atual situação em decorrência da pandemia iniciou a prática do uso de máscaras em estátuas e esculturas ao redor do mundo com o intuito de chamar a atenção da população mundial para um problema global. Nesse sentido, conforme salienta Veloso (2000, p.01),

a crescente densidade que tem adquirido a cultura, e, as novas relações que a mesma tem mantido com a economia e com a política, conduzem à discussão sobre o modo como espaços estéticos, museus e galerias, interferem na configuração urbana, valorizando determinadas áreas, gerando novas formas de relação com a cidade e novas possibilidades de constituição do espaço público.

A inserção de máscaras em estátuas e esculturas ao redor do país e do mundo tem demonstrado a possibilidade de atribuir novos usos e sentidos aos espaços públicos urbanos, dialogando com as cidades em que estão inseridas. Assim, o referido ato de inserção de máscaras resulta em uma nova estética desses espaços podendo também ser compreendida como forma de expressão para atual situação.

Nesse âmbito, podemos citar como exemplo local, o Projeto Tamar, que buscando contribuir com ações afirmativas de combate ao COVID-19, seguiu uma tendência atual e, colocou uma máscara gigante em um filhote de tartaruga marinha situado no Oceanário de Aracaju. A máscara foi confeccionada com 1,60 cm pela equipe do projeto residentes no município de Pirambú. Vale ressaltar que foi no referido município que o Projeto Tamar inaugurou sua primeira base no Brasil em 1982. O Oceanário representa um dos locais de visitação da cidade aracajuana mais significativos para o desenvolvimento de atividades turísticas, de lazer e educativas.

Diante dos exemplos locais, podemos ressaltar a importância quanto ao novo uso desses espaços públicos que absorvem atividades educativas e turísticas em comum, na promoção de ações de conscientização da população em geral, utilizando a intervenção estética nas

esculturas como estratégia e, assim, possibilitando maior visibilidade ao local e um possível convite a visitação pós-pandemia.

Conforme ressalta Cabezudo (2004, p.13),

essa nova dimensão no conceito de cidade implica considerar que a educação das crianças, jovens e cidadãos em geral não é somente responsabilidade das instituições tradicionais (estado, família, escola), mas também deve ser assumida pelo município, por associações, instituições culturais, empresas com vontade educadora e por todas as instâncias da sociedade.

De acordo com a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), a Cidade Educadora é uma organização cujos membros são cidades engajadas em projetos para melhoria de vida de seus cidadãos (AIETA; ZUIN, 2012, p.194). Dessa maneira, ainda que Aracaju não integre uma organização de Cidade Educadora, a ação desenvolvida no Largo da Gente Sergipana por meio do uso de máscaras nas suas esculturas, distribuição e conscientização quanto ao uso de máscaras, potencializou a capacidade de interação entre instituições públicas e privadas de contribuir com ações afirmativas promovendo um diálogo entre educação, cidade, cidadania, cultura local e turismo.

Figura 13: Aracaju/SE. Inserção de máscaras nas esculturas, 2020



Fonte: Divulgação Governo de Sergipe, 2020

A realização da ação promoveu uma maior visibilidade ao Largo, inclusive noticiada em rede nacional (Bom dia Brasil /Rede Globo de TV), uma vez que o espaço traz um apelo visual que desperta atenção para aspectos da cultura local e da atividade turística. De acordo com

Oliveira (2020, p. 84), as aspirações no planejamento urbano contemporâneo devem pensar a “cidade ao nível dos olhos” em oposição ao modelo modernista que construíam grandes avenidas para aglomeração de pessoas. Nesse contexto, o autor ressalta a necessidade de priorizar os espaços públicos como “espinha dorsal dos planos de desenvolvimento, levando em consideração a experiência do pedestre e não mais a dos motoristas”.

Apesar do Largo está situado em um espaço de fácil visibilidade para contemplação da paisagem, possui limitações de acesso por causa da sua localização em via arterial, considerando os entraves para realizar a travessia na avenida, que por vezes acaba expondo os visitantes locais e turistas ao risco. Haja vista que o fluxo de veículos é intenso em horário comercial e o estacionamento fica na área interna do Museu da Gente Sergipana. Outro ponto relevante para esses apontamentos é com relação a sinalização que orienta os possíveis visitantes, que estão em seus veículos e não conhecem o local sobre a possibilidade de uso do estacionamento do (MGS). Durante as investigações *in loco* observamos que os veículos de turismo e particulares estacionam no acostamento da calçada do Largo por considerarem mais fácil, além das dificuldades de acesso elencadas.

Vale ressaltar que em decorrência da pandemia da COVID-19, há projeções que prevêem a preferência das pessoas após o período de distanciamento/isolamento social por espaços ao ar livre, longe de aglomerações, fatores que contribuem para visitaçã ao Largo pós-pandemia. Dessa forma,

Trata-se aqui de considerar o modo como os grupos sociais efetivamente viabilizam o acesso aos equipamentos urbanos, ocupam e se identificam com a cidade na qual vivem. Por outro lado, interessa saber quais as possibilidades e procedimentos estabelecidos pelas cidades para a vivência – reconhecimento do espaço urbano pelos cidadãos. Neste sentido, torna-se importante perceber de que modo as cidades ressaltam ou não sua dimensão cultural, e como se estabelece a simbiose entre cidade e cultura (VELOSO, 2000, p. 05).

A citação anterior salienta a importância do local diante do global na contemporaneidade, uma vez que tem sido cada vez mais comum a concorrência entre cidades. Nesse contexto, o Largo da Gente Sergipana absorve práticas cotidianas que intensificam a interação com a cidade, possibilitando moldar vivências sociais, educativas, artísticas, culturais e turísticas pautadas na cultura popular do estado, por meio de elementos da memória e das identidades locais.

O sistema *drive-thru* para esse tipo de ação ocorreu em outras cidades brasileiras, tanto na distribuição de máscaras quanto na realização de testes rápidos para o diagnóstico do COVID-19, bem como para arrecadação de alimentos e materiais de higiene, dentre outras ações. O fato é que se trata de uma adaptação para auxiliar no enfrentamento da pandemia.

Figura 14: Aracaju/SE. Ação COVID-19, 2020



Fonte: Reprodução/ Leonardo Souza, 2020

A pandemia e isolamento estão a revelar possíveis alternativas de adaptação encontradas pela sociedade em busca de novos modos de viver e do bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas diante do modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nesses primeiros anos do século XXI (SANTOS, 2020, p. 25).

Para Medeiros (2020) com a rápida proliferação do vírus, as cidades antes pensadas como espaços estratégicos para a produção da riqueza material, viram-se ameaçadas. Os conteúdos urbanos (leia-se relações sociais) produzidos durante décadas passaram a negar as formas arquitetônicas pensadas para produzir e circular riquezas, sendo gradativamente, sucumbidas pela nova forma de (con)viver na cidade. O autor se refere a mudanças de comportamentos em evidência nessa quarentena, como por exemplo, repensar as possibilidades de trabalho remoto, reduzir o consumo, valorizar o comércio local, reduzir os deslocamentos desnecessários, enxergar a cidade por outros ângulos valorizando a cultura, a arte, a identidade, memória, a paisagem considerando a coletividade, dentre outras possibilidades.

O setor de turismo já passa por mudanças há algum tempo e a crise mundial decorrente da pandemia está acelerando esse processo de maneira que o setor precisa se adaptar a essa nova

realidade, modificando padrões de segurança sanitária, oferta de serviços, tecnologia, padrões de comportamento e atendimento, valorização de destinos locais, dentre outras práticas. Para isso, os profissionais que trabalham direta ou indiretamente ligados às atividades do setor devem se adequar, ampliar seus conhecimentos, entender a atividade não apenas como indústria que visa o lucro em detrimento de outros valores.

Tem-se assim, a possibilidade de uma crescente procura e valorização do turismo cultural, contribuindo para a visitação e valorização do Largo da Gente Sergipana enquanto equipamento cultural da cidade. Provavelmente,

Os primeiros a saírem de suas casas, sairão com seus carros próprios para viagens curtas, isso porquê as companhias aéreas e outras empresas de transporte ainda serão evitadas (sim, mesmo com todos os cuidados tomados por essas empresas, as pessoas ainda resistirão a viagens assim). Essas pessoas vão querer ter total autonomia para ir e vir quando quiser e estarão muito bem dispostas a isso depois de longos meses dentro de casa (SEBRAE, 2020, p. 05).

Assim, como forma de resistência, tem-se a resiliência urbana, concebida como “[...] a capacidade dinâmica do sistema urbano, em todos os aspectos que o constituem, de manter, retornar, adaptar ou transformar rapidamente suas funções diante de um distúrbio ou mudança que limite suas possibilidades atuais ou futuras” (DEPINÈ, 2020, on-line).

Diante da pesquisa foi possível compreender que, enquanto equipamento público urbano, o Largo da Gente Sergipana buscou uma ressignificação do seu uso durante a pandemia, por meio da promoção no desenvolvimento da ação de enfrentamento a COVID-19. A ação se caracterizou como resposta ao enfrentamento da atual crise sanitária com impacto na vida urbana ocasionada pelo isolamento/distanciamento social, que impossibilitou a visitação ao referido espaço e a contemplação do seu entorno. Assim, a ação movimentou o Largo que esteve adormecido pela ausência de seus visitantes durante a pandemia, além da promoção e divulgação por meio da publicidade e propaganda instituídas.

4.4 O Largo da Gente Sergipana como *Drive Thru Solidário*

O Brasil ocupa a 74ª posição dos 100 países mais solidários do mundo. “A classificação do Brasil, no entanto, é ruim. Na América Latina, o país está na oitava colocação entre os mais generosos, sendo passado pelo Chile, Colômbia, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Peru e México - nesta ordem. Vence apenas para Argentina, Equador e Venezuela” (BESSA, 2019, on-line).

Dessa maneira, ações solidárias compreendem desde doações de bens materiais até trabalho voluntário.

Apesar da crescente mobilização em prol de ações solidárias em decorrência da pandemia pelo novo coronavírus no país, no início da pandemia houve uma intensa movimentação de doações, entretanto, “no final de maio, o crescimento do volume de dinheiro da filantropia começou a desacelerar e se estagnou desde então, de acordo com dados do Monitor de Doações da Associação Brasileira de Captadores de Recursos” (GAGLIONI, 2021, on-line). Nesse contexto, vale repensar sobre as possíveis causas que têm motivado essa queda em doações, considerando que o número de desemprego é grande e as oportunidades escassas, dentre outras motivações.

De acordo IDIS (2019, on-line), o World Giving Index (WGI) é uma pesquisa anual conduzida pelo Instituto Gallup de abrangência internacional em aproximadamente 155 países promovida pela Charities Aid Foundation (CAF) organização filantrópica inglesa. Para medir o nível de solidariedade desenvolvido em cada país, o instituto utiliza como metodologia de pesquisa entrevistas, por meio da análise de três pilares básicos a fim de descobrir dos entrevistados se: 1) ajudou um desconhecido, 2) doou dinheiro para uma organização, 3) realizou trabalho voluntário. Seguindo essa tríade podemos compreender que em uma campanha de doações temos a presença do trabalho voluntário das partes envolvidas, os doadores e o ato de ajuda ao desconhecido.

Em 2021 com o início da vacinação em combate a COVID-19, a prefeitura de Aracaju decidiu unir o necessário ao solidário por meio da campanha intitulada: Vacinação Solidária. A ideia foi arrecadar doações enquanto as pessoas eram vacinadas, por meio do sistema *drive-thru* e em Unidades Básicas de Saúde e (UBS), além de ponto de coleta localizado no prédio da Estação Cidadania. De acordo com a divulgação da prefeitura foram arrecadados em apenas três dias mais de “1,5 tonelada de alimentos não perecíveis, os quais serão entregues às famílias em situação de pobreza e extrema pobreza da capital sergipana” (SERGIPE NOTÍCIAS, 2021, on-line). Seguindo o mesmo processo de ações solidárias durante a pandemia, tem-se o Projeto Mãos Amigas, que já exista há alguns anos de forma efêmera, mas em decorrência da pandemia vem acontecendo com maior frequência. O referido projeto propôs ajudar famílias apoiadas pela Central Única das Favelas (CUFA) e Mesa Brasil com novo formato “para se adaptar às necessidades mais urgentes dos sergipanos, tem a proposta de arrecadar alimentos, através de pontos fixos e móveis distribuídos pela capital e em Nossa Senhora do

Socorro, e doações em dinheiro pela internet” (TV SERGIPE, 2021, on-line). Compartilhando dessas ações afirmativas diante do atual cenário em prol dos sergipanos, que enfrentam dificuldades sanitárias e financeiras, foi lançada a campanha Solidarize-SE. Dessa forma,

o Estado, por meio da Vice-governadora e da Secretaria da Inclusão e Assistência Social (Seias), em parceria com o Fórum Empresarial de Sergipe, a Associação Sergipana de Supermercados (Ases), o Sindicato Atacadista e Distribuidor de Sergipe (Sincadise), o Sindicato do Comércio Varejista (Sincovese), o Grupo Maratá, o Grupo FaSouto, a Cufa Sergipe e o Instituto Banese, lançam a terceira etapa da Campanha Solidarize-SE, com o objetivo de auxiliar milhares de pessoas que perderam suas fontes de renda na pandemia (SERGIPE, 2021, on-line).

O Largo da Gente Sergipana foi o local escolhido para executar da 3ª etapa da campanha com início em 22 de abril/2021. A ação durou aproximadamente 15 dias através sistema *drive thru* com funcionamento de segunda a sábado, das 8h às 16h, para arrecadação de alimentos não perecíveis, material de higiene pessoal e limpeza, máscaras e álcool 70%. Através do *stand* instalado no Largo foi possível divulgar a possibilidade de realizar doações monetárias, por meio de transferências bancárias e PIX para quem preferisse contribuir de forma remota.

Figura 15: Aracaju/SE, Campanha Solidarize SE, 2021



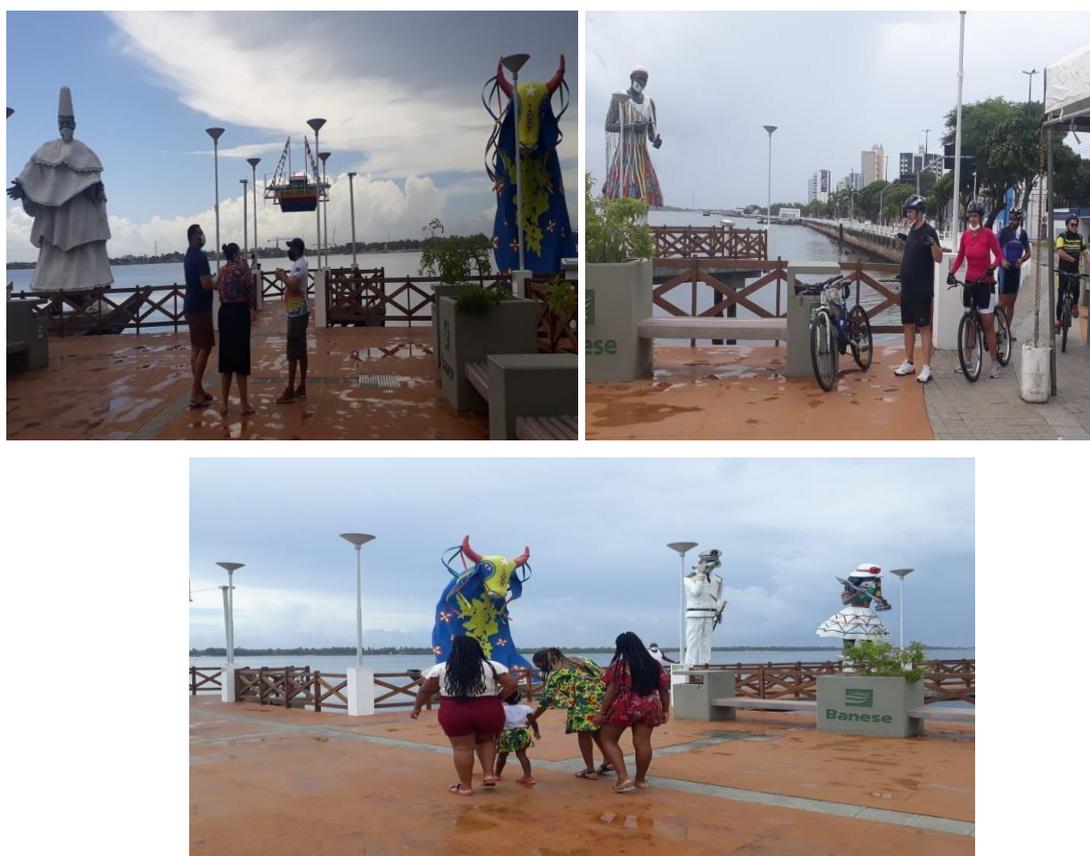
Fonte: Autora, 24/04/2021

O sistema *drive thru* é uma modalidade emergente para realização de diversas campanhas como vacinação, arrecadação de doações e entrega de produtos arrecadados, testagem para a COVID-19, dentre outras possibilidades. Esse modelo possibilita manter a solidariedade entre as pessoas nesse momento de distanciamento/isolamento social, minimizando os riscos de contágio pelo vírus para quem realiza doações, quem as recebe bem como quem trabalha na linha de frente do *drive thru*.

A escolha do Largo da Gente Sergipana para realização da referida campanha possibilitou o uso do espaço para uma ação afirmativa, promovendo a visibilidade e movimentação local. Provavelmente, campanhas nacionais e locais, a exemplo das já citadas anteriormente, com o sistema de arrecadações solidárias devem ter inspirado o processo de criação da campanha solidária no Largo, assim como a campanha para distribuição de máscaras realizadas no mesmo formato em 2020.

Durante pesquisa de campo realizada no período de execução da campanha, podemos observar um fluxo significativo de pessoas fazendo doações, a presença de guias de turismo, turistas e visitantes locais. Os visitantes chegavam ao Largo de várias maneiras, sendo por meio de veículos de turismo, transporte público e particular, bicicletas, motocicletas e a pé.

Figura 16: Aracaju/SE, o Largo em tempos de pandemia, 2021



Fonte: Autora, 04/2021

O mosaico de imagens acima realizadas durante pesquisa de campo mostra a permanência no Largo durante a atual pandemia. Entretanto, destacamos que nesse momento do registro fotográfico houve uma flexibilização das medidas restritivas do isolamento social. Contudo, houve uma queda significativa no fluxo de visitação motivada pelo distanciamento/isolamento

social. Nesse sentido, podemos citar como exemplos o *city tour* que antes operava com um número significativo de turistas. Durante a pesquisa de campo foi observado apenas um casal de turistas, conforme mostra a figura 16 durante o *city tour*. A parada por grupos de ciclistas é bem comum não apenas para descanso, mas também para contemplação do espaço e seu entorno.

Em 2020, a Associação Brasileira de Jornalistas de Turismo (ABRAJET Sergipe) lançou a campanha “Abraça o Destino”. Conforme salienta Atzingen (2020, on-line), “o destino inicial está localizado no município de Itabaiana, a 45 km de Aracaju, e é conhecido como uma grande reserva de manejo e cuidado com aves de rapina. Trata-se do Parque dos Falcões”. O referido parque foi contemplado com a campanha devido as dificuldades enfrentadas pelo fechamento do local para visitas. Nesse sentido, “o projeto pretende a cada semana envolver um roteiro sergipano com o intuito de fortalecer a estrutura nas respectivas localidades”. De acordo com o presidente da Abrajjet-Sergipe, “a ideia do projeto é acolher e, principalmente, ajudar roteiros locais que precisam de apoio neste período crítico. Trabalhamos com a divulgação de atrativos turísticos e achamos válido utilizar da comunicação para impulsionar a iniciativa” (Luiz Mendonça, 2021, on-line). No caso dessa campanha, a ajuda foi realizada através de arrecadação monetária repassada ao administrador e fundador do parque José Percílio e Alexandre Correia para manutenção local e alimentação dos animais.

Na cidade de Bonito (MS), foi lançada a campanha “Aquário Solidário” para ajudar famílias afetadas pela atual pandemia. A proposta é para que os moradores da cidade visitem o Aquário durante o atual mês de maio contribuindo com 1kg de alimento não perecível. Conforme salienta o proprietário, “estamos enfrentando uma crise muito forte, eu estava preocupado com a situação financeira do Aquário e foi assim que tive o estalo, com toda certeza devem ter pessoas com muito mais dificuldades e o momento é de darmos as mãos” (Tiago Perez, 2021, on-line). Esse exemplo do Aquário nos mostra que é possível usufruir do potencial turístico existente em determinados lugares para desenvolver ações afirmativas, que contribuam com o setor de alguma maneira que possa gerar, assim, uma contrapartida.

A campanha da solidariedade desenvolvida no Largo da Gente Sergipana é uma forma de uso do espaço em tempos de pandemia, somando-se a uma ação afirmativa com o propósito de chamar atenção da sociedade para contribuir com a campanha por meio de doações, além de promover a visibilidade do Largo enquanto equipamento turístico e cultural da cidade.

4.5 Tour virtual Museu da Gente Sergipana e Largo da Gente Sergipana

Devido a atual pandemia, o Museu da Gente Sergipana está fechado ao público para visitação em conformidade com o Decreto 40.600/ 2020 em seu art. 2º. Desde então, o museu vem desenvolvendo trabalhos internamente que dialogam com a proposta tecnológica e interativa do museu e ações de fomento a cultura local. Nesse contexto, foi desenvolvido um tour virtual de 360º para visitar o Museu e o Largo da Gente Sergipana.

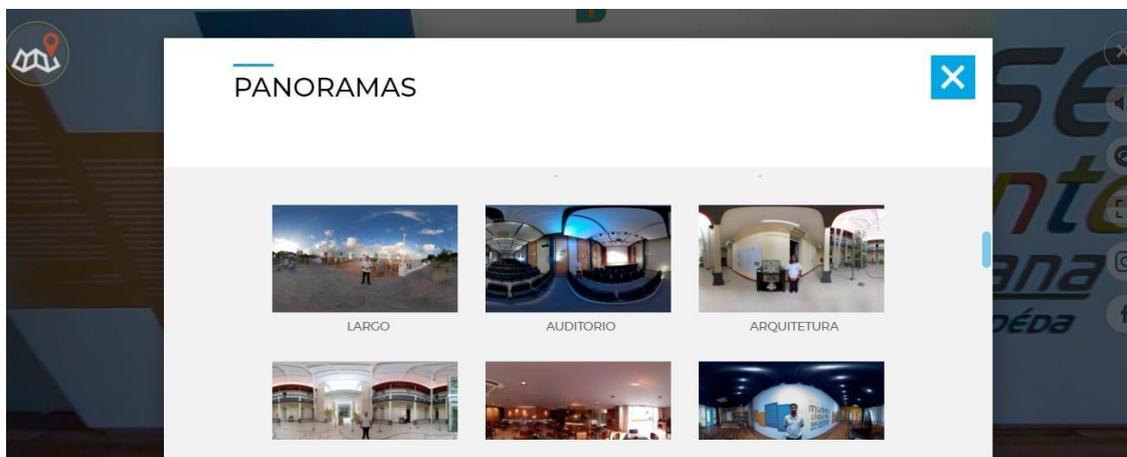
Figura 17: Tour virtual 360º, 2021



Fonte: página oficial do Museu da Gente Sergipana, 2021

O *tour* virtual em galerias e museus vem aumentando com o fechamento desses espaços, constituindo-se como uma forma de ressignificar o uso desses ambientes, proporcionando entretenimento e conhecimento de forma remota no cenário nacional e internacional. Imaginemos o poder de intercâmbio cultural desenvolvido com essas ações, encurtando distâncias e chegando até pessoas que não teriam acesso e possibilidade de conhecer um museu em outro país por exemplo.

Figura 18: Panoramas Tour virtual 360º, 2021



Fonte: adaptada do *tour* virtual do Largo da Gente Sergipana, 2021

Ao acessar o *tour* virtual é possível escolher entre os espaços a serem visitados, por meio da seleção de panoramas onde cada um possui um profissional do museu para contar sobre cada espaço visitado. Ao clicar no Largo, o *tour* começa na área externa ao museu e permite uma visita guiada em que o visitante vai clicando em algumas setas e sendo direcionados a determinados espaços do Largo. Em alguns pontos é possível ler as informações das placas que trata sobre as esculturas.

Figura 19: *Tour* virtual, Largo da Gente Sergipana, 2021



Fonte: Placa adaptada do *tour* virtual do Largo da Gente Sergipana, 2021

Os museus desenvolvem papéis importantes na sociedade, pois abrangem ações sociais, educativas e patrimoniais. Ainda é comum a associação dos museus como espaço de salvaguardar de objetos antigos. Por isso,

é fundamental olharmos para além das nossas fontes habituais. Este é o momento de ousar, de sermos inventivos, solidários, de nos abriremos para os diálogos possíveis e, mais do que nunca, de imaginar uma nova atuação dos museus na sociedade, não só no momento presente, mas também no futuro pós-pandemia (STUDART, 2020, on-line).

O Largo da Gente Sergipana enquanto extensão do museu possui um potencial relevante na atração de pessoas para apreciação do Museu da Gente Sergipana. Por esse motivo, “transformar os modos de presentificação dos museus na internet, buscando a criação coletiva de conhecimentos e a formação participativa, crítica, autoral e cidadã, faz parte do processo de ampliação do alcance social dessas instituições e sua democratização” (MARTI; COSTA, 2020, on-line). Dessa maneira, é possível ter acesso ao acervo de galerias e museus em lugares onde a ausência de poder aquisitivo é fator determinante no impedimento da visita presencial.

Apesar do *tour* virtual contribuir com a divulgação do Largo da Gente Sergipana em meio remoto, não é possível substituir as sensações sonoras, táteis e visuais de seu entorno. No entanto, é uma alternativa que deve permanecer pós-pandemia para pessoas que não tenham condições de vir até a cidade aracajuana, podendo também influenciar na tomada de decisão para escolha de Aracaju como destino turístico.

5. PERCEPÇÕES SOBRE O LARGO DA GENTE SERGIPANA

Desde o final da década de 1990, o Centro Histórico de Aracaju vem passando por algumas transformações, que inclui a reforma dos mercados municipais, a recuperação de antigos espaços sem uso, assim como a instalação de novos equipamentos com finalidades turísticas e culturais. Por esse motivo, buscamos analisar a relevância do Largo no Centro Histórico de Aracaju.

Com a crescente interação nas redes sociais, houve o estímulo de trocas de experiências de turistas em suas viagens, por meio de plataformas específicas como é caso do *TripAdvisor*. Deste modo, desenvolvemos uma netnografia para análise da reputação *online* do Largo a partir dos comentários e avaliações publicados na supracitada página. Tem-se também a análise sobre as percepções em torno do nosso objeto de estudo, por meio de conteúdos coletados durante as entrevistas com grupos focais, que por sua vez puderam expor suas opiniões sobre o Largo da Gente Sergipana.

5.1. A presença do Largo no Centro Histórico de Aracaju

De acordo com Diniz (2009), Aracaju surgiu com a proposta de estabelecer uma cidade portuária que favorecesse os contatos de exportação e importação da sua hinterlândia. Dessa forma, a cidade se transformaria na capital da Província, tornando-se o centro administrativo e político de maior relevância, bem como centro econômico em ascensão. Por essa razão, em 17 de março de 1855, “uma área praticamente desabitada daria lugar a uma cidade planejada, totalmente a ser construída, tendo apenas uns povoados próximos” (DINIZ, 2009, p. 72). Nesse contexto, Sebastião José Basílio Pirro, ficou encarregado de traçar e gerenciar o plano da capital aracajuana construída pelo engenheiro Pereira da Silva. O “plano de Pirro se constituía em um tabuleiro de xadrez, com algumas ruas retas e perpendiculares a uma retificação da curva do rio” (DINIZ, 2009, p. 74). Diniz (2009), ressalta que apesar do povoado do Santo Antônio do Aracaju ser elevado à categoria de cidade, Aracaju não se desenvolveu a partir desse povoado, mas à beira das águas de maior profundidade, bem próxima ao porto a ser construído, conforme a necessidade emergencial do momento. Diante do exposto, podemos compreender os motivos que levaram a transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju esclarecendo o processo de criação da cidade aracajuana e a importância do seu centro histórico na formação da cidade.

Silva (2009), ressalta sobre o declínio do centro das cidades motivado pelo crescimento e expansão territorial com maior intensidade até a década de 1980 e, posteriormente combinada com a popularização de *shopping centers* e/ou outras atividades comerciais e de lazer. Dessa maneira, “o centro tradicional deixa de ser o principal espaço da cidade, tanto sob um ponto de vista funcional e estrutural dentro do sistema intra-urbano, quanto em seu significado simbólico e cultural, em detrimento da diversidade e mistura sociocultural” (SILVA, 2009, p.141). Nesses termos, concentraremos nossa discussão sobre o processo de revitalização do Centro Histórico de Aracaju, enquanto região correspondente ao entorno do nosso campo empírico. Para tanto, delimitaremos um percurso iniciado nos mercados municipais percorrendo a avenida Ivo do Prado, mais conhecida como rua da Frente, até o Largo da Gente Sergipana. Por essa razão, precisamos compreender que

No final da década de 1990, frente à problemática em que se encontrava o Centro Histórico de Aracaju, o poder público municipal e estadual, através das políticas públicas de turismo da época, executou dois grandes projetos de revitalização na área central, um direcionado ao núcleo histórico e o outro aos Mercados Centrais, tendo como objetivo central inserir o uso turístico neste espaço (PINHEIRO; SANTOS, 2013, p.55).

Os mercados municipais Antônio Franco, Thales Ferraz e Albano Franco são espaços plurais onde se comercializam produtos representativos da diversidade cultural sergipana proveniente da gastronomia, artesanato, religiosidade, literatura de cordel, música, entre outros aspectos.

Figura 20: Aracaju/SE, Mercados Municipais, 1992-2020



Fotos: Lineu Lins, 1992; Davi Costa, 2020

Ana Libório, arquiteta e urbanista, integrou o grupo responsável pelo projeto de revitalização dos mercados municipais de Aracaju, que foi concluído no ano 2000. Após 20 anos do referido projeto a arquiteta e urbanista escreveu uma matéria sobre esse processo de transição. Ana Libório (2020) destaca os benefícios alcançados com o supracitado projeto de revitalização dos mercados e comenta que,

a partir disso passamos a integrar as políticas de preservação, uma vez que Aracaju, cidade nova e sem passado colonial, nunca era incluída nos programas nacionais de conservação do patrimônio histórico. Desde então tivemos vários monumentos restaurados, como o Museu Palácio Olímpio Campos, o antigo Atheneuzinho refuncionalizado para Museu da Gente Sergipana e, mais recentemente, a antiga Alfândega, onde funciona o Centro Cultural de Aracaju (LIBÓRIO, 2020, on-line).

Esse comentário complementa a nossa discussão sobre o cenário da cidade nos dias atuais. Dessa maneira, o Centro Histórico de Aracaju possui usos e práticas voltadas para o turismo e comércio durante o dia. E a partir das 18h, após o encerramento das atividades comerciais surgem os contra-usos da cidade (LEITE, 2004) dando espaço para o comércio de drogas, prostituição e ocupação mais intensa de moradores de rua, inviabilizando a ocupação para atividades de lazer no período noturno. Para resolver essa problemática é preciso desenvolver ações que estimulem o uso do Centro Histórico de Aracaju para atividades lúdicas, culturais, artísticas e turísticas através de setores públicos e privados. Nesse sentido,

O Centro Histórico de Aracaju guarda um potencial material e imaterial capaz de aumentar sua competitividade por meio de novas experiências turísticas, melhor ressignificação e uso dos equipamentos públicos, sobretudo os de arte e cultura, além de assegurar melhorias na sua organização espacial com intervenções capazes de solucionar problemas aparentes de acessibilidade, despoluição visual e área de convivência (SILVA, 2019, p. 243).

Algumas mudanças vêm ocorrendo gradualmente para contribuir com essa competitividade, no entanto, muito ainda precisa ser feito, sobretudo, a viabilidade da participação popular nesse processo. Por exemplo, no que compete a acessibilidade é viável a participação de pessoas portadoras de deficiência para opinar a respeito dessa temática sem considerar apenas o conhecimento técnico e científico, porque comumente nos deparamos com propagandas de divulgação de uma acessibilidade incompleta em espaços de lazer. Como exemplo dessas mudanças podemos elencar:

A criação do **Centro Cultural de Aracaju** inaugurado em outubro de 2014 no antigo prédio da Alfândega, situado na Praça General Valadão. De acordo com a seguinte notícia:

o imóvel foi erguido na segunda metade do século XIX, passando por reformas somente em meados do século seguinte, para então sediar a Receita Federal. Tombado por meio do decreto estadual nº 21.765, de 9 de abril de 2003, o estabelecimento foi transferido da União para a Prefeitura” (INFONET, 2014, online).

O referido prédio possui importância pautada no patrimônio cultural material e imaterial proveniente de elementos simbólicos, históricos e arquitetônicos, que ganhou um novo uso atribuindo sentido.

Figura 21: Do antigo prédio da Alfândega ao Centro Cultural de Aracaju/SE, 2010-2016



Fonte: Infonet, 2010; Blog Meu Destino, 2016

Houve também a transformação do antigo Terminal Hidroviário Jackson Figueiredo para o **Espaço Zé Peixe**. O local possui usos e práticas que englobam atividades turísticas, culturais e educacionais, por meio de um memorial sobre José Martins Ribeiro Nunes, popularmente conhecido como Zé Peixe, um sergipano que auxiliava grandes embarcações a percorrerem um caminho mais seguro nas águas do rio Sergipe. Portanto,

Um dos grandes ícones da cultura popular – reconhecido pela sua simplicidade e atos de grandeza e heroísmo [foi responsável por inúmeros salvamentos, tendo destaque para a ação que resgatou a tripulação do navio Mercury, em chamas, no alto mar, na década de 1970] – que atuou por quase toda a vida como prático marítimo, permanece vivo no imaginário de locais e turistas e tem sua história contada no Espaço Cultural Zé Peixe (MATTOS, 2016, on-line).

O espaço fortalece as memórias do homenageado, bem como elementos da cultura local que podem promover vitalidade ao ambiente com a junção do público local e turistas. Com efeito, conforme noticiado na época de criação, “o prédio promete fortalecer o turismo no Centro da capital e vai oferecer aos visitantes, além do acesso a peças e fotografias que fizeram parte da história do ícone sergipano, a oportunidade de encontrar vários ambientes em um só lugar” (G1 SE, 2015). Por essa razão, é um espaço de utilidade para locais e visitantes porque dispõe no mesmo ambiente de área gastronômica através da comercialização de doces caseiros e da presença do restaurante Caçarola com foco na culinária regional, venda de artesanato sergipano, Núcleo de Apoio ao Trabalho (NAT) e Ponto Banese utilizado para transações bancárias.

Figura 22: Aracaju/SE, Do antigo Terminal Hidroviário ao Espaço Zé Peixe, 2012-2015



Fonte: Infonet, 2012; Gov. Sergipe, 2015

A ponte Construtor João Alves foi inaugurada no ano de 2006 interligando a capital Aracaju ao município de Barra dos Coqueiros. Com efeito, o antigo terminal hidroviário ficou em

desuso e total abandono durante alguns anos, como local que outrora serviu para população realizar a travessia pelo rio Sergipe. Dessa forma, o Espaço Zé Peixe enquanto espaço de memória e equipamento turístico e cultural contribuiu positivamente com a paisagem turística e cultural da capital.

Seguindo mais adiante nos deparamos com a Ponte do Imperador. Trata-se na verdade de um píer originalmente construído em 1860 para ancorar o barco a vapor e recepcionar D. Pedro II e Dona Tereza Cristina. Após esse evento, o local serviu como integração do porto para importação e exportação de mercadorias.

Figura 23: Aracaju/SE, Ponte do Imperador, 2006



Fonte: IMD, 2006

Conforme mostra a imagem acima em 2006, o projeto Museu de Rua⁶ foi instalado na Ponte do Imperador através da exposição de uma maquete da cidade de Aracaju, que retratava a estrutura urbana da capital na década de 1940. Essa ação, proporcionou um novo uso do referido espaço para atração de turistas e locais atribuindo vitalidade ao lugar. Com o passar

⁶ Notícia divulgada em 06 de setembro de 2006 no site do Instituto Marcelo Deda Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/museu-de-rua-da-ponte-do-imperador-atrai-a-cada-dia-um-maior-numero-de-visitantes/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

dos anos foi realizado mudanças arquitetônicas no local, possibilitando a visitação turística e da população local com finalidades lúdicas e/ou educativas.

Em frente a Ponte do Imperador está localizada a Praça Fausto Cardoso, antiga Praça do Palácio. De acordo com Silva (2009), a referida praça foi um dos primeiros espaços livres na cidade de Aracaju, embora não estivesse prevista no plano inicial. Desse modo, “até a década de 1980 a praça Fausto Cardoso já foi muito frequentada, nela encontrava-se equipamentos de lazer de grande porte, como cinemas, sorveterias e docerias, que se localizavam nas suas proximidades” (SANTOS, 2020, p. 149). Com o esvaziamento do centro da cidade fora do horário comercial, a Praça Fausto Cardoso já não possui mais o mesmo fluxo de apropriação do espaço pela população.

Figura 24: Aracaju/SE, Vista aérea da Praça Fausto Cardoso, 2016



Fonte: Blog Bem-vindo à Sergipe, 2016

Diante do que foi exposto nesse tópico, percebemos que a revitalização do Centro Histórico de Aracaju abriu um leque de oportunidades para desenvolver visitas guiadas em espaços de memórias dispersos por todo o centro da cidade. Essas visitas podem ser operacionalizadas através de agências de turismo, através de grupos particulares e instituições de ensino. Com efeito, diversifica e amplia as possibilidades de lazer em Aracaju, desviando o foco que antes era muito evidente em atividades correlacionadas ao lazer/turismo de sol e praia.

Finalizando o percurso chegamos no Museu da Gente Sergipana, localizado em frente ao Largo da Gente Sergipana, que por sua vez, é considerado extensão do museu por dialogar com elementos da cultura sergipana, além do museu ser responsável pelos cuidados de manutenção do Largo.

O Museu da Gente Sergipana deu início ao processo de criação a partir do I Fórum da Sergipanidade, realizado pelo Instituto Banese no ano de 2010. Com efeito, “o fórum teve como objetivo debater e fortalecer a cultura sergipana através de iniciativas que promovessem o registro, proteção e divulgação do patrimônio cultural do estado” (ROCHA, 2017, p.82). Desse modo, “o antigo casarão, conhecido nos anos 60 e 70 como Atheneuzinho, estava abandonado e há anos não recebia nenhum tipo de serviço de conservação. No prédio, tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1985” (SERGIPE, 2007, on-line).

Figura 25: Do antigo prédio Atheneuzinho ao Museu da Gente Sergipana, 2007-2016



Fonte: Gov. Sergipe, 2007; Blog Meu Destino, 2016

A instalação do Museu da Gente Sergipana permitiu a recuperação de um prédio importante para memória social da cidade, que estava em estado de abandono, permitindo um novo uso do espaço que abriga o primeiro museu multimídia interativo do Norte e Nordeste. Dessa maneira,

O Atheneu Sergipense, fruto do desenvolvimento educacional de Sergipe foi responsável pela formação de nomes ilustres da Sociedade Sergipana. Porém o prédio que durante anos, sediou um dos maiores centros de educação de Sergipe, após várias outras funcionalidades, mesmo sendo tombado como Patrimônio Material de Sergipe no ano de 1985, passou por um período de abandono (SANTOS; SANTOS, 2013, p. 01).

Tratando-se da recuperação de um prédio reconhecido como patrimônio material do estado já representa uma ação de salvaguarda. Depois, tem-se as atividades desenvolvidas pelos educadores, que por sua vez, desenvolve o papel de mediador do patrimônio, além de outras atividades que integram o calendário anual de eventos do museu. Portanto, independente das críticas e questionamentos tecidas a respeito do museu por diversos segmentos da sociedade, é inegável o seu potencial turístico, cultural, patrimonial, educativo e social.

Diante das transformações ocorridas no Centro Histórico de Aracaju através da revitalização de antigos espaços sem uso, bem como a instalação de novos equipamentos turísticos e culturais tem-se o fortalecimento da comunicação entre patrimônio histórico presente na arquitetura com o patrimônio cultural imaterial. Por fim, considerando a atual crise sanitária causada pela pandemia do COVID-19, percebemos que a importância da reforma dos mercados municipais de Aracaju transcendem a questão estética, pois trata-se também de saúde coletiva, considerando que anteriormente os mercados eram espaços completamente insalubres.

5.2 Netnografia do Largo

Com o avanço da tecnologia existe uma crescente comunicação global por meio das redes sociais com ou sem interações simultâneas. Atualmente essas redes sociais representam um significativo veículo de informação apropriado pelo uso do marketing, publicidade e propaganda permitindo que qualquer pessoa munida de conhecimentos básicos na área digital desenvolva tais habilidades. Urry (2016) faz uma reflexão sobre o clássico “O olhar do Turista” escrito em 1990 e relata que não previa o avanço da internet tal como nos dias atuais. O referido autor faz referência a invenção da tecnologia móvel por meio dos telefones

celulares que permite e transforma as comunicações em movimentos. O site da *TripAdvisor* tem contribuído com a tomada de decisão na escolha por destinos turísticos, considerando que ao visitar um local é comum a busca na internet para descoberta de informações sobre possibilidades de lazer durante a estada.

Oliveira e Porto (2016, p. 30) tratam sobre a importância da extração de dados em ambiente web como ferramenta de apoio para elaboração de indicadores turísticos. Não por acaso, escolheram o *TripAdvisor* pois, “o site atua em 48 países e está disponível em 28 idiomas”. Ou seja, o referido site possui alcance global. “Fundado em 2000, trata-se de um site de viagens que fornece informações e opiniões de conteúdos relacionados ao turismo [...]. Foi um dos primeiros a adotar um conteúdo gerado pelo usuário – avaliações ou reviews de clientes sobre estabelecimentos e atrações” (LIRA, 2020 on-line). Por essa razão, o site foi escolhido para execução da netnografia utilizando como amostra 56 avaliações sobre o Largo da Gente Sergipana, que foram publicados entre setembro de 2018 e fevereiro de 2021. Desta forma, buscamos substituir as entrevistas *in loco*, pelas avaliações do referido site, considerando a impossibilidade de permanência no campo empírico decorrente da pandemia da COVID-19. Consideramos que

A web 2.0 deu origem à novas formas de sociabilidade e comunicação que se pautam em um modelo em que tanto o emissor quanto o receptor são autores da mensagem (modelo todos-todos/emissor e receptor = autor). Sendo assim, as produções autorais online (textos, imagens, sons) podem ser armazenadas, compartilhadas e remixadas na rede, em múltiplos formatos híbridos, a qualquer hora e em qualquer lugar (mobilidade ubíqua), por qualquer usuário (MARTI; COSTA, 2020, On-line).

Nesse contexto, analisaremos os comentários com a finalidade de identificar dados e informações sobre a percepção dos usuários do site. Para tanto, coletamos, sistematizamos e analisamos os comentários por meio da classificação de alguns dados disponíveis, sendo: local de origem dos usuários do site, data, título dos comentários, comentários publicados e avaliações atribuídas.

Utilizamos Urry (1996) para compreendermos os vários olhares que permeiam o nosso campo empírico. Segundo o autor, o olhar do turista não é universal porque depende da contextualização histórica e social ao qual o turista está inserido. Por essa razão, Urry (1996) divide o olhar do turista em romântico e coletivo. “A forma romântica do olhar do turista, na qual a ênfase é colocada na solidão, na privacidade e em um relacionamento pessoal e semi-espiritual com o objeto do olhar” (URRY, 1996, p. 69). Já o olhar coletivo possui como

característica a aglomeração que atribui “sentido carnavalesco a um lugar” (URRY, 1996, p.70). Ou seja, indicando que esse deve ser visitado. Nesse contexto, o olhar romântico é atribuído as classes mais abastardas, enquanto que o olhar coletivo é associado as classes mais populares. O autor defende que o olhar do turista depende do que ele contrasta em seu cotidiano, sobretudo, no ambiente de trabalho e no lar. Seguindo esse pensamento, Silva (2004, p. 22) salienta que “não é difícil perceber que a principal estratégia do mercado de turismo é o estabelecimento de antítese entre realidade e imaginário, entre a festa e o cotidiano, entre os lugares de trabalho e os lugares de lazer”.

Figura 26: Demonstrativo *TripAdvisor*, 2021



Fonte: *TripAdvisor*, 2021

De acordo com a ilustração acima, as avaliações publicadas pelos usuários do site sobre opiniões que remetem ao nosso campo empírico são compostas em sua maioria por avaliações positivas. Nesse sentido, essas referências podem contribuir com a reputação on-line do Largo, mediante o público em potencial que busca por informações no site do *TripAdvisor*. Horodyski e Knechtel (2017, p. 04) consideram que a “reputação online é uma ferramenta que se for utilizada, possibilita a melhoria de produtos e serviços turísticos”. Já Araújo (2017, p. 204) trata da diferença entre presença on-line e reputação online e, ressalta que “indivíduos, grupos e empresas podem contar com uma reputação online positiva ou negativa mesmo que ainda não se façam presentes em ambientes digitais no ciberespaço com contas em blogs e perfis em mídias sociais” (ARAÚJO, p. 204, 2017). O autor quer dizer que a reputação online não depende da presença online para existir, considerando que a reputação online pode ser compreendida como uma forma de expressão divulgada em plataforma digital em que indivíduos podem expor suas opiniões a respeito de um produto, serviço, empresas e, equipamento turístico, como exemplifica nossa pesquisa. Dessa maneira, o Largo não possui um perfil na plataforma digital, ou seja, não dispõe da presença online mencionada pelo autor,

entretanto, possui uma reputação online atualmente positiva. Segundo Silva *et al* (2019, p.154), “optar pelas atividades que serão empreendidas no destino ao longo do período da visita: os turistas, no geral, realizam uma busca para tentarem planejar ‘o que fazer’, quais atrativos visitar e o que é indispensável de se conhecer ao longo da viagem”

Conforme análise das avaliações e comentários publicados na página da *TripAdvisor*, a origem dos turistas que visitaram e/ou passaram pelo Largo da Gente Sergipana que envolve o período de setembro de 2018 a fevereiro de 2021 são:

NORDESTE – Salvador (BA), Fortaleza (CE); **CENTRO OESTE** – Goiânia (GO), Brasília (DF), Campo Grande (MS); **SUDESTE** – Lagoa Santa (MG), Divinópolis (MG), Timóteo (MG), Vitória (ES), Campos do Jordão (SP), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Araçatuba (SP), Taquaritinga (SP), São José da Bela Vista (SP), Ribeirão Preto (SP), Niterói (RJ); **SUL** – Porto Alegre (RS), Medianeira (PR), Pelotas (RS), Caxias do Sul (RS), Terra Rica (PR), Londrina (PR).

Das 56 avaliações, identificamos três comentários com mensagens negativas, conforme relatado por um turista da região Sudeste: “Ridículo não pelas obras pois o artista não tem culpa, ridículo porque o dinheiro público foi usado de maneira errada” (Sorocaba, junho, 2019). Esse comentário demonstra uma insatisfação com relação ao uso do dinheiro público, mas não tece críticas mais específicas a respeito do espaço e nem informa se visitou o local ou conheceu de passagem. O que sabemos é que a origem do comentário é da região Sudeste. Salientamos que não faz parte do nosso estudo discussões sobre o orçamento financeiro do Largo, considerando que o nosso propósito pauta na relação das culturas populares com o turismo no espaço urbano, utilizando o Largo como recorte. Entretanto, enquanto análise netnográfica devemos compartilhar alguns comentários positivos e negativos. Dessa maneira, o turista comenta

Muito legal um lugar que pensa em sua cultura e história, mas esse monumento não foi uma visita legal, pois tem umas estátuas gigantes, mas as placas de bronze foram roubadas. Uma das estátuas não podia chegar perto porque tinha uma máquina com uma corda (isso que era um dia de semana de maio), e tinha um portãozinho de madeira no deck que estava aberto, e qualquer um (talvez crianças) poderia descer e lá embaixo não tem guarda corpo para o rio... Tudo meio abandonado sem ninguém olhando, sem explicação, nada... A única coisa que valeu a pena foi o pôr do sol no rio! Completamente diferente do Museu da Gente Sergipana que fica em frente, esse sim é o oposto, bonito, bem cuidado, etc! (Ribeirão Preto, junho/2019).

Sobre esse comentário, o que podemos esclarecer é que no período citado, o Largo estava em manutenção na pintura das esculturas e, por esse motivo o uso que da supracitada máquina. Entretanto, a execução do trabalho não justifica o descuido com relação ao acesso para o deck. Sobre as explicações, o Largo possui placas informativas sobre cada escultura, período de inauguração e equipe técnica, permitindo uma visita autoguiada. Em alguns casos existem agências que promovem *city tour* com parada no Largo e a presença de um guia de turismo para maiores informações sobre o equipamento e a cultura sergipana.

O relato a seguir foi retirado do corpus textual dos comentários que evidencia a visitação do Largo durante a atual pandemia: “belo lugar, muito bem conservado. As estátuas que representam a população de Sergipe são muito bem feitas e estavam todas de máscaras devido ao período de pandemia que estamos vivendo” (São Paulo, setembro, 2020). Segundo estudo desenvolvido pelo Sebrae (2020), com as mudanças no setor de turismo decorrentes da pandemia do COVID - 19, existe uma probabilidade de viagens curtas, em família e carros próprios, isso porque companhias aéreas e empresas de transportes serão inicialmente evitadas impulsionando um turismo com mais autonomia. Nesse contexto, tem-se assim a possibilidade de uma crescente procura e valorização do turismo cultural, contribuindo para a visitação e valorização do Largo da Gente Sergipana enquanto equipamento cultural da cidade.

Apesar da crise sanitária, o uso turístico em espaço público é menos ariscado se comparado com ambientes fechados, com efeito, é possível visitar o Largo pela sua localização ao ar livre onde o risco de aglomerações é baixo devido a pouca procura e fechamento do museu. Tratando sobre o Largo enquanto equipamento público, destacamos o comentário que segue, que descreve o referido espaço como: “o Largo da Gente Sergipana é um monumento que consiste em oito estátuas que representam o folclore da região. Muito bonito. Atração gratuita. Vale a pena conferir” (Brasília, fevereiro, 2021). Esse comentário nos chamou a atenção porque nos remete a ideia de democratização da cultura, considerando que qualquer pessoa pode visitar de forma gratuita. Nesse sentido, destacamos outra percepção do turista, “as imagens são de encher os olhos. Porém, não é fácil estacionar para apreciar e tirar fotos. Fica no caminho do Mercado Municipal e do Centro Histórico. Chama a atenção pelo tamanho das estátuas e da qualidade de quem esculpiu” (Porto Alegre, março, 2019). O referido comentário reforça nossa percepção de que o Largo foi construído estrategicamente no Centro Histórico da cidade próximo a outros equipamentos culturais e turísticos.

O autor, discorre sobre a relação do turismo com a fotografia embasada em oito características essenciais, tais como: 1) a apropriação do que está sendo fotografado, 2) transcrição da realidade por meio de imagens, 3) idealização do objeto fotografado, 4) capacidade de apresentar uma miniatura do real fotografado, 5) os fotógrafos enquanto semióticos amadores, 6) democratização das experiências humanas através das imagens, 7) a fotografia por persuasão imposta aos turistas como obrigação, 8) fotografias comprobatórias do destinos visitado. Assim, o autor conclui que,

a fotografia, portanto, está intimamente ligada ao olhar do turista. As imagens fotográficas organizam nossas expectativas ou nossos devaneios sobre os lugares que poderíamos contemplar. Escolhemos parcialmente para onde ir, a fim de capturar imagens em um filme. A obtenção de imagens fotográficas organiza em parte nossas experiências enquanto turistas. Nossas recordações dos lugares onde estivemos são estruturadas em grande medida através das imagens fotográficas e o texto, sobretudo verbal, que tecemos em torno dessas imagens quando as mostramos para os outros. Assim, o olhar do turista envolve irredutivelmente a rápida circulação das imagens fotográficas (URRY, 1996, p.187).

A partir das discussões sobre o local diante do global, enquanto diferencial no cenário competitivo que envolve a atividade turística e a cultura local, podemos pensar na fotografia como recurso de divulgação. Nesse sentido, um turista comenta: “o local mostra o folclore sergipano. Bom para visitar conhecer um pouco mais da cultura do local e tirar fotos” (Goiânia, outubro, 2028). Esse comentário retrata de forma sucinta a relevância das fotografias associada à cultura local.

A categoria cidade é evidente na nuvem de palavras comentadas, tanto por turistas quanto residentes locais. O Largo da Gente Sergipana está situado, estrategicamente, no início do centro histórico da cidade, estando próximo a outros equipamentos culturais e turísticos, inserida no circuito urbano. Por esse motivo, é possível desfrutar de um passeio a pé para reaver as memórias da cidade, provar a gastronomia local, fazer compras, fotografar e interagir com residentes locais. Dessa forma,

para todas as pessoas que viajam a Aracaju não devem deixar de conhecer o Largo da Gente Sergipana, com monumentos que contam a cultura de nossa terra, de uma forma apreciativa com os principais personagens da cultura sergipana. É uma parada obrigatória para quem vem a Aracaju (ARACAJU, janeiro/2019).

De acordo com Silva (2019, p.34) o “turismo evoluiu para uma atividade econômica revestida pelos precedentes do modelo capitalista de consumo, tendo como principal produto as paisagens e, nelas, seus equipamentos e serviços”. Nesse âmbito, podemos imaginar que uma

visita ao Museu da Gente Sergipana pode resultar em consumo de produtos locais comercializados em seu interior. Conforme notícia publicada na Revista Casa Vogue sobre lojas de destaque em museus brasileiros tem-se que “a loja da instituição se chama Loja da Gente, o espaço completa o mergulho do visitante a Sergipe por meio do artesanato feito pelo seu povo” (OLIVEIRA, 2020, on-line). A revista mostra alguns trabalhos comercializados na loja e seus respectivos artistas. A referida loja foi só um exemplo dentre outras possibilidades em alusão ao consumo mencionado por Silva (2019). Nesse contexto tratado pelo autor, o Largo da Gente Sergipana possui a paisagem como pano de fundo podendo contribuir de alguma maneira com produtos e serviços prestados pelo turismo local. Uma referência sobre essa discussão está presente no seguinte comentário: “logo que você sai do Museu da Gente Sergipana, vale a pena atravessar a avenida e apreciar a paisagem do outro lado, com as esculturas e a vista lindíssima da cidade. Também um belo lugar pra tirar boas fotos. Recomendo o passeio” (São Paulo, março, 2019).

A palavra lugar é uma categoria em destaque nos comentários extraídos da nuvem de palavras. Urry (2016) fala em “reflexividade turística” para tratar dos regionalismos em que cada lugar pode trabalhar o seu “potencial turístico” dentro dos padrões emergentes do turismo global. Ao tratar sobre o turismo global, o autor alerta:

Ao lado dos turistas e dos viajantes globais, nos muitos ‘lugares vazios de encontro’ ou ‘não lugares’ da modernidade, como a sala de embarque do aeroporto, a rodoviária, o terminal ferroviário, o posto de serviço da estrada, o porto, entre outros, estão incontáveis exilados globais (MACCANNELL, 1992; AUGÉ, 1995). Eles estão fugindo da fome, da guerra, da tortura, da perseguição e do genocídio, à medida que a desigualdade social e econômica – e os deslocamentos populacionais que são sua consequência – se expandiu nos anos recentes, forçando muitas pessoas a se moverem (URRY, 2016, p.144).

Partindo da ideia de “lugares vazios” e “não lugares”, utilizaremos como exemplo uma estação rodoviária que para um turista configura o local de partida para um destino, enquanto que para outro representa o início de um destino de fuga motivado por várias razões e, por esse motivo, as pessoas são levadas a se deslocarem do seu lugar de origem. Essa movimentação humana é responsável por trocas culturais significativas. De certa maneira a tecnologia desempenha um papel importante nesse processo porque a globalização como conhecemos atualmente só é possível pelo uso da internet juntamente com equipamentos eletrônicos. Assim, como lugar a palavra cultura é destacada em nossa nuvem de palavras. Desta maneira, “a importância da viagem para a cultura – e como as culturas, em si mesmas, viajam – pode ser vista a partir da nacionalidade. A narrativa nacional de um país é central

nesse processo” (URRY, 2016, p. 151). Por exemplo, o Brasil ainda é associado como o país do futebol, da feijoada carioca, das escolas de samba, das paisagens do Rio de Janeiro, dentre outros costumes e estereótipos sem considerar as especificidades regionais. Entretanto, não é uma regra geral, pois existem pessoas, empresas e instituições públicas e privadas que buscam por mudanças de comportamento derivadas dessas narrativas.

Ao se referir do Largo, os visitantes utilizam as palavras monumento, esculturas, estátuas e bonecos. Do ponto de vista artístico “a definição mais tradicional de escultura é uma obra obtida pelo processo de esculpir” (CARNEIRO, 2017, p. 20). Dessa forma, compreendemos que uma escultura pode ser empreendida de variadas maneiras com uso de diferentes técnicas e matérias-primas. Ao tratarmos sobre monumento “o sentido original do termo é do latim *monumentum*, ele próprio derivado de *monere* (advertir, recordar), o que interpela a memória (CHOAY, 2014, p.17). Conforme o comentário seguinte, o Largo “é um monumento incrível é muito bem feito, uma verdadeira atração da cidade e de Aracaju. Os bonecos são incríveis e sua história muito interessante” (Divinópolis, outubro, 2019). O sentido de monumento utilizado no supracitado comentário remete ao Largo como um espaço de memória local. Nesse sentido, o comentário seguinte informa “local pequeno, mas significativo. Os bonecos estão muito bem conservados, vale foto em vários horários pois são iluminados à noite. Bem em frente ao Museu da Gente Sergipana. Tem placas informativas do significado de cada um. As fotos ficam bem legais e coloridas” (Niterói, janeiro, 2020). Quanto ao uso do termo bonecos não identificamos a expressão com sentido pejorativo, mas talvez uso inapropriado para referência ou simplesmente um atributo ingênuo. De acordo com Alves (2011, p.09) “uma estátua constitui um monumento que visa a demarcar ações humanas ou personalidades individuais, caracterizada pela eternização ao perpassar do tempo”. Geralmente as estátuas são associadas a imortalidade que remetem relações de poder, entretanto, não podemos afirmar que seja essa a motivação dos visitantes quanto ao termo empreendido.

Como resultados dessa análise identificamos que a maioria dos comentários publicados é positivo e, associado com a cultura local evidenciando um potencial turístico, fotográfico e artístico do Largo, contribuindo com a reputação on-line, que por sua vez, pode influenciar na escolha de Aracaju como destino turístico.

5.3 Análise das Entrevistas com Grupos Focais

Como parte da metodologia aplicada a esse estudo dividimos alguns grupos focais para realização de entrevistas por meio de encontros virtuais e um encontro presencial, formulários on-line, bem como entrevistas por *Whatsapp*. Dessa forma, participaram dessa etapa da pesquisa brincantes da cultura popular não representados nas esculturas no Largo da Gente Sergipana, brincantes da cultura popular representados nas esculturas do Largo da Gente Sergipana, Guias de Turismo e colaboradores do Museu da Gente Sergipana.

A formação do grupo focal por brincantes não representados nas esculturas do Largo surgiu a partir da banca de qualificação, quando os avaliadores sugeriram a elaboração dos referidos grupos para posterior entrevista integrada a metodologia com a proposta de ouvir e dar voz a esses brincantes. Nesse sentido, percebemos a diferença entre falar por um indivíduo e deixar que esse se expresse por si e/ou por um grupo ou comunidade ao qual pertence. O uso dos grupos focais contribuiu com discussões que trataram do protagonismo das culturas populares em nosso estudo. Desse modo, o grupo focal formado por brincantes representados pelos folguedos presentes nas esculturas do Largo é relevante para compreendermos se houve impactos em suas vidas após a construção do Largo.

A formação do grupo focal com colaboradores do museu representados por estagiários e colaboradores efetivos surgiu a partir da pesquisa de campo, que foi realizada durante a campanha solidária desenvolvida no Largo da Gente Sergipana em uma conversa informal com esses profissionais.

A formação do grupo focal com guias de turismo regionais e nacionais surgiu pela importância desses profissionais na contribuição da divulgação do Largo enquanto atrativo turístico regional, bem como os aspectos históricos e culturais da cultura sergipana.

Para Trad (2009, p.788), as entrevistas com grupos focais têm por finalidade “captar impressões dos informantes, valorizando, portanto, dimensões simbólicas e/ou subjetivas”. Dessa forma, “esta técnica prevê a obtenção de dados a partir de discussões cuidadosamente planejadas onde os participantes expressam suas percepções, crenças, valores, atitudes e representações sociais sobre uma questão específica num ambiente permissivo e não-constrangedor” (WESTPHAL; BÓGUS; FARIA, p.473). Para Ressel *et al* (2008, p.780) os grupos focais são definidos como “grupos de discussão que dialogam sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Essa técnica distingue-se por

suas características próprias, principalmente pelo processo de interação grupal, que é uma resultante da procura de dados”. Ou seja, essa análise definida como técnica aplicada a pesquisa qualitativa prioriza a interação do grupo com o pesquisador, que por sua vez, identifica possíveis respostas para sua investigação.

O processo de escolha na formação desses grupos se deu durante algumas reuniões entre orientadora e pesquisadora. Dessa forma, como proposta para execução das entrevistas semiestruturadas, que contou com a realização dos grupos focais, foi necessário estabelecer algumas etapas que compreenderam: 1) definição dos grupos focais, 2) elaboração do roteiro de entrevista, 3) contato e agendamento das entrevistas, 4) execução das entrevistas focais, 5) análise das entrevistas.

Na etapa de elaboração do roteiro de entrevista, buscamos identificar o nível de conhecimento e a percepção dos brincantes sobre o Largo. O contato e agendamento das entrevistas com os referidos grupos ocorreu por telefone intermediado por pessoas mais próximas aos grupos e redes sociais. A execução das entrevistas ocorreu em ambiente virtual, presencial, gravada e autorizada pelos entrevistados, seguindo um roteiro de entrevista semiestruturada conforme apêndices deste estudo. Por fim, a análise das entrevistas ocorreu por meio das audições das gravações transcrevendo algumas falas na íntegra.

A dinâmica das entrevistas virtuais pela plataforma *Google Meet* se deu através de um rodízio de perguntas para que todos os entrevistados respondessem aos questionamentos. Para democratizar o diálogo, optou-se que todos os participantes tivessem um momento para expressar suas opiniões e sugestões sobre o tema abordado, que envolveu o protagonismo das culturas populares em Sergipe, bem como o Largo da Gente Sergipana enquanto atrativo turístico-cultural e representação simbólico-identitária do estado. Houve também a realização de entrevistas via WhatsApp em que foi enviado um roteiro de perguntas para os entrevistados com a realização de videochamada. Além do formulário on-line que foi enviado por e-mail para cada participante.

Brincantes de Manifestações Culturais não Presentes no Largo da Gente Sergipana

Para operacionalização desta etapa realizamos três encontros para execução das entrevistas semiestruturadas, sendo dois encontros virtuais e um presencial. Assim, esta fase da pesquisa contou com um total de onze brincantes entrevistados, utilizando-se de um roteiro com seis

perguntas abertas e fechas direcionadas a grupos focais formados por brincantes e mestres da cultura popular, que não tiveram as manifestações culturais representadas nas esculturas presentes no Largo. Dessa forma, a composição desse grupo dividiu-se em subgrupos sendo: um grupo representado por brincantes da Batucada presente no município de Estância/SE. Nesse grupo tivemos a participação de Mariana Michelle Nascimento Santos (Brincante, Mestre e Coordenadora da Batucada, integrante da Associação de Batucada, Reisado e Festejos Juninos do município); José Carlos Santana Santos (fundador de Batucada, fundador de escola de samba e presidente da Associação de moradores); Adonnys Diniz Santos (Diretor de espetáculo, cenógrafo e figurinista e carnavalesco); Gerson Luiz Rodrigues Almeida (Presidente de Batucada, Quadrilha Junina e Bloco Carnavalesco). Vale ressaltar que no município de Estância ocorre grande incidência de desfiles de Escolas de Samba e Grupos Carnavalescos durante o período do carnaval, por essa razão, esse universo carnavalesco também faz parte das culturas populares presentes no município. Para tanto, a entrevista se deu em ambiente remoto por meio da plataforma *Google Meet* no dia 27 de novembro de 2020 a partir das 14h com a participação dos referidos brincantes, orientadora e pesquisadora da supracitada pesquisa com duração aproximada de duas horas.

Figura 28: Entrevista com Grupo Focal Estância/SE, 2020



Fonte: Autora, 2020

A entrevista com o Grupo Focal representado por brincantes da Quadrilha Junina ocorreu em 27 de novembro a partir das 19h30 por meio da plataforma *Google Meet* com aproximadamente duas horas de duração. Contou com a participação de quatro brincantes e um colaborador que atua no universo das quadrilhas juninas, por meio da organização desses grupos. Dessa forma, tivemos Daniel Santos, Wilker Félix, Jadielson Vieira, Kleyson Barreto (todos quadrilheiros que já atuaram em grupos de Aracaju e Carmópolis/SE) e Jackson Teixeira (atuante em outras funções nas quadrilhas juninas).

Figura 29: Entrevista com Grupo Focal Quadrilha Junina, 2020



Fonte: Autora, 2020

A entrevista com o Grupo Focal da Caceteiras do Rindú de São Cristóvão/SE foi realizada de forma presencial no povoado Pedreira em São Cristóvão, no dia 29 de dezembro de 2020, a partir das 14h com aproximadamente duas horas de duração. No caso específico desse grupo não foi possível realizar entrevista virtual devido as dificuldades de internet e habilidades com a tecnologia. O referido grupo não foi contemplado com representação estética através de escultura no Largo da Gente Sergipana. O grupo focal contou com a participação de três brincantes sendo: Maria Acácia (brincante e líder de grupos folclóricos), Maria de Lurdes e Lúcia Santos (brincantes).

Figura 30: São Cristóvão/SE, Caceteiras do Rindú, 2020



Fonte: Autora, 2020

A imagem anterior retrata um momento em que a entrevistada Maria Acácia comenta sobre o livro Cantos e Encantos da 4ª cidade mais antiga do Brasil, de autoria de Mônica Maria Liberato e Lício Valério Lima Vieira. O referido livro trata das culturas populares presentes

em São Cristóvão/SE no qual o seu grupo aparece como um dos protagonistas. Dessa forma, os autores salientam que

As caceteiras é um grupo de dança de roda de herança cultural de família que existe há 154 anos, com início através da avó do Mestre Rindú que foi passando para novas gerações da família. É uma dança de origem escrava que nos festejos juninos saíam nas ruas para brincar. Para elas isso é motivo de orgulho e reconhecimento dos esforços para manutenção dos seus saberes e fazeres populares (LIBERATO; VIEIRA, 2019, p.73).

Esse livro simboliza a representação e valorização de elementos do patrimônio cultural e das culturas populares sergipanas passada de gerações por meio dos saberes e fazeres contemplados pela imaterialidade.

Todos os brincantes entrevistados concordaram com a escolha das manifestações culturais presentes no Largo e informaram que se sentem representados, exceto um componente da quadrilha junina, por reconhecerem a importância de ver a imagem de brincantes de outros grupos, entretanto, gostariam que a representação de seus grupos estivessem presentes de alguma maneira mesmo que não fosse por meio de uma escultura como as que estão presentes no Largo, mas poderia ser através de pintura por exemplo.

De acordo com a entrevistada “quando o turista vem pra ali, ele vai assistir elas ali, olhar, ele sabe que em Sergipe tem os grupo folclórico” (Maria de Lurdes, dezembro, 2020). A brincante se refere a representação dos grupos folclóricos enquanto símbolo-identitário do estado e que ao visitar o Largo é como se o visitante estivesse assistindo uma apresentação *in loco*.

Todos os entrevistados foram unânimes em concordar que o Largo contribui com as culturas populares em Sergipe e com o turismo pelo seu potencial de espetacularização visual e divulgação da cultura sergipana, sobretudo, através das fotografias tiradas no Largo e levadas ao destino de origem dos visitantes e turistas. Alguns brincantes sugeriram que houvessem apresentações de grupos folclóricos e artistas sergipanos de forma presencial e/ou por meio de telões digitais, assim como a instalação de stands de fomento da cultura regional, dentre outras possibilidades. Essas sugestões partiram da concepção dos entrevistados, em outras palavras, para que houvesse uma apropriação do espaço para uso cultural e artístico da comunidade local e apreciação dos visitantes e turistas, haja vista, a possibilidade de usos e práticas disponíveis.

Acho que foi um marco da nossa cultura a nível de modernidade porque nunca se usou tanto aqui no nosso estado monumentos com tamanha grandeza que retratasse

tão bem os nossos movimentos folclóricos e a figura do brincante como todo, inclusive, quando o projeto foi finalizado não tinha nosso barco de fogo, aí foi uma grande conversa na nossa cidade, muita indignação porque que o barco de fogo não estava lá inserido e, na época a professora Aglaé¹ mencionou que o barco de fogo não era um folguedo né e, daí outras situações foram acontecendo e conseguimos que fosse introduzido ao centro do monumento a figura do barco de fogo como representatividade, isso é uma grande conquista porque traz visibilidade tanto para o movimento folclórico quanto para a questão ilustrativa da nossa cidade a nível de visibilidade, conhecimento, entendimento e história como acontece os movimentos (Adonnys Diniz, novembro/2020).

Diante da justificativa, do barco de fogo não ser um folguedo, e por esse motivo, não ter sido elegível inicialmente para integrar o Largo é cabível uma definição a respeito, assim, “todo folguedo está associado a um conjunto de costumes religiosos e profanos, a certos tipos de comidas e doces, a tais ou quais vestimentas, ao comércio destes e daqueles artigos populares” (CARNEIRO, 2008, p. 112). Ou seja, um folguedo precisa de brincantes em sua composição e, está ligado ao folclore por meio de um manifesto religioso (sagrado) e profano (a festa, a música e dança) para caracterizar tal celebração.

Ao tratarmos sobre representatividade das culturas populares sergipanas no Largo, o entrevistado foi questionado sobre se sentir representado no local e responde:

Como manifestação do povo eu acho que tudo o que for relativo, que vai retratar a ideia de uma cidade, de um município, de um estado, de uma federação, que seja ouvido como todo porque eu confesso que nós ficamos tristes quando não tínhamos representação e não deram uma justificativa plausível e, quando você pergunta se as pessoas se sentem representadas naqueles municípios que não estão inclusos ali, não é? Porque o artista por si só, o brincante, não tem a seriedade do trabalho dele. É aquela manifestação sempre simples que é do povo, do povo humilde, não tem riqueza né? Então a autoestima desses grupos nem sempre é tão elevada quando essa representação histórica e cultural que se tem. Hoje a gente deu um avanço muito grande, a gente conversa, a gente discute, mas ainda é muito pouco. Precisa trazer para esses brincantes, para nós agentes culturais, folcloristas mestres a real situação. Que os governos pensem nisso quando contratarem os pesquisadores e que os pesquisadores também ouçam a população e vejam de que forma elas querem se sentir representadas (Adonnys Diniz, novembro/2020).

Diante do comentário exposto, percebemos o quanto é importante a participação dos atores sociais responsáveis pela produção das culturas populares. Assim, “em um nível diferente de abstração, podemos dizer que a autogestão e a auto sustentabilidade comunitárias são os princípios que organizam a produção das culturas populares, enquanto a oralidade é o seu meio predominante de expressão e de transmissão” (CARVALHO, 2010, p.44). Dessa maneira, a sobrevivência das culturas populares depende de modestos recursos materiais, mas com riqueza de significados para sua reprodução e manutenção. Sobre a escolha das esculturas no Largo, José Carlos da Batucada de Estância/SE, relata:

Eu concordo porque a nossa geração de hoje, a juventude hoje não lembra do movimento cultural, então assim, pra juventude, pra criança que hoje não tem aquele estímulo na escola como a cultura é forte e, a gente cada vez mais está perdendo a essência da cultura através dessas músicas que hoje não traz nada de bom para essa juventude. Então ali, os pais, as mães que vão levar seus filhos naquele monumento ali, eles vão explicar e dialogar com seus filhos como o estado de Sergipe é forte na cultura. Então, pra mim, pra nossa região, nossa cidade de Estância que está representada pelo barco de fogo não tem nada melhor que aquele monumento tá levando a nossa história e pra o turista que vem de outros estados que vem visitar nossa cultura (José Carlos, novembro/2020).

O comentário acima, retrata a percepção do brincante sobre o potencial de divulgação do seu município, por meio da escultura do barco de fogo inserida no Largo, assim, percebemos o referido espaço como lugar de memórias e histórias com um leque de oportunidades a serem trabalhadas.

Ao ser indagada sobre a contribuição do Largo para atividade turística, a brincante relata: “eu acredito sim que contribui pra nossas tradições porque os turistas que vem de outros lugares sempre tiram fotos e levam para fazer as divulgações. Então eu acho que contribui bastante e quem vai sempre quer voltar e não vem só leva mais, mais dois, mais três e vai” (Michelle Nascimento, novembro, 2020). Compartilhando desse pensamento,

Através daquele monumento Sergipe recebe muitos turistas, já recebia através da Orla de Atalaia. Muitos turistas baianos vêm visitar nosso estado e sempre vai visitar lá o museu, então foi bem sugerido né, o turismo do estado, eu ainda tenho certeza que vai ser uma das grandes indústrias do nosso estado vai ser o turismo (José Carlos, novembro/2020).

É interessante a percepção dos brincantes diante da atividade turística, considerando que não é preciso possuir erudição na área para compreender que o turismo, se bem elaborado e descentralizado, pode ser um aliado importante das culturas populares, contribuindo com o diferencial do local diante do global a partir da valorização do seu potencial cultural regional.

No grupo focal da quadrilha junina dos quatro entrevistados, apenas o quadrilheiro Jadielson Vieira informou não se sentir representado pela ausência da representação estética do seu movimento (a quadrilha junina) no Largo. Todos os integrantes desse grupo informaram que conheceram o Largo pelas redes sociais, alguns antes da inauguração através da observação durante o período de construção. Isso porque fazia parte do itinerário cotidiano, entretanto, apenas o entrevistado Daniel Santos informou ter visitado o espaço. Referindo-se a escolha dos folgedos presentes no Largo, o entrevistado discorre:

“Isso aí é originalidade é da terra. Acredito que por isso que a quadrilha não entrou, é raiz, é originalidade, é da terra, entendeu? É de cada cidade, eu acredito que é por isso que estão mais em evidência pelas histórias, pelo folclore popular, esses negócios tudo aí (Wilker Félix, novembro/2020). Concordando com a fala anterior,

Mesmo a quadrilha junina sendo tão forte no estado não é algo nosso, como é forte aqui, como é Pernambuco, como é forte em Alagoas, é forte em vários outros estados. Aquelas manifestações folclóricas são únicas no estado de Sergipe. Eu acho que é por isso que há essa imposição em querer dar ênfase aqueles grupos folclóricos (Jadielson Vieira, novembro/2020).

Todo o grupo focal da quadrilha junina concordou que a referida manifestação cultural pode ser encontrada em várias regiões do país, ou seja, não é uma manifestação genuína de Sergipe e, por essa razão, acreditam que a quadrilha junina não tenha sido elegível para integrar as esculturas do Largo.

Ao ser indagada sobre se sentir representada através dos folguedos presentes no Largo, a entrevistada responde, “tem muitas brincadeiras da gente aqui que vem de Portugal pra cá a história já vem de lá”, ou seja, essa fala remete a fatos históricos que aprendemos sobre a colonização do Brasil pelos portugueses. Depois, a brincante afirma que se sente representada, entretanto, pontua, “eu queria que apresentasse uma figura que fosse daqui de São Cristóvão porque só tem tudo de Laranjeiras e da gente não botou, não botou Barra dos Coqueiros nem nada” (Maria Acácia, dezembro, 2020). De fato, as esculturas presentes no Largo são em sua maioria folguedos de Laranjeiras porque alguns até possuem o mesmo nome do folguedo, contudo, as indumentárias e estética são características dos grupos encontrados em Laranjeiras.

Entrevista com representante do Samba de Roda do município de Japaratuba/SE

No dia 05 de julho de 2021 tivemos um retorno das perguntas enviadas para Sueli Santos Leite, contra-mestra do Samba de Roda do quilombo de Patioba no município de Japaratuba/SE. A entrevistada relatou que é filha da Sra. Maria Juliana, Mestra do referido grupo composto por vinte e cinco mulheres.

Figura 31: Japaratuba/SE, Sueli Santos Leite, 2020



Fonte: Arquivo pessoal, Sueli Santos Leite, 2020

A ilustração 31 mostra a entrevistada em frente a uma escultura na Praça da Matriz localizada no município de Japaratuba/SE, que homenageia o seu grupo de samba de roda. Sueli Santos Leite (julho, 2021) relatou que já visitou o Largo da Gente Sergipana e se sente representada lá porque faz parte de um grupo folclórico. A entrevistada informou que concorda com a escolha das manifestações culturais no Largo, porque é uma forma de mostrar o folclore existente em Sergipe.

Embora no Largo da Gente Sergipana tenha uma escultura que faz alusão a manifestação cultural do Lambe-Sujo e Caboclinhos, alocamos nessa seção que trata de entrevistados de grupos não contemplados no Largo, porque existe uma diferença estética na referida escultura entre a supracitada manifestação cultural que será esclarecida mais adiante. Nesse contexto, entrevistamos Jadson Loriano, educador social e líder do grupo dos Lambe-Sujos e Caboclinhos do povoado Duro no município de Itaporanga d'Ajuda/SE.

Inicialmente foi perguntado se o líder conhecia o Largo da Gente Sergipana e respondeu que não conhecia, mas ouviu falar. Por esse motivo, enviamos algumas imagens do Largo e da placa informativa que trata sobre a manifestação cultural em questão. Depois perguntamos se as esculturas que contemplam o Largo representam o estado. Jadson Loriano respondeu:

Eu acho que falta mais manifestações, é preciso ser descoberta mais manifestações culturais, mais manifestações folclóricas que existem, inclusive, no nosso estado, por exemplo a gente aqui no Caboclinho e Lambe-Sujo. Eu não soube que a gente estava representado lá. Então, eu acredito que teria que haver um investimento melhor e maior em descoberta de mais grupos culturais (Jadson Loriano, junho/2021).

Esse comentário nos faz refletir sobre a invisibilidade de alguns grupos folclóricos sergipanos. Por exemplo, os Lambe-Sujo e Caboclinhos do município de Laranjeiras é muito conhecido, enquanto, os grupos de Lambe-Sujo e Caboclinhos presentes nos municípios de Itaporanga e Indiaroba são pouco repercutidos entre os locais. Os grupos de Laranjeiras e Itaporanga possuem aspectos históricos e estéticos semelhantes, entretanto, possuem diferenças quanto aos personagens, organização e apresentação.

A festa do Lambe-Sujo e Caboclinhos do município de Laranjeiras foi reconhecida como Patrimônio Imaterial do povo sergipano pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN) no ano de 2019. No mesmo ano, foi protocolado na Câmara Municipal um projeto de Lei para reconhecimento⁷ da festa do Lambe-Sujo e Caboclinhos do município de Itaporanga D'Ajuda como patrimônio Cultural e Imaterial.

De acordo com Jadson Loriano (junho,2021), o seu grupo conta com a participação de aproximadamente cinquenta participantes divididos em dois lados seguindo o modelo de uma quadrilha junina sem dispersão entre os integrantes. Assim, o grupo percorre alguns povoados em forma de cortejo e não pintam o público com o xadrez vermelho e preto utilizado para coloração da pele durante as apresentações.

⁷ Notícia publicada no site faxaju em 18 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.faxaju.com.br/index.php/2019/11/18/projeto-torna-festa-do-lambe-sujos-patrimonio-cultural-de-itaporanga/> Acesso em: 29 jul. 2021.

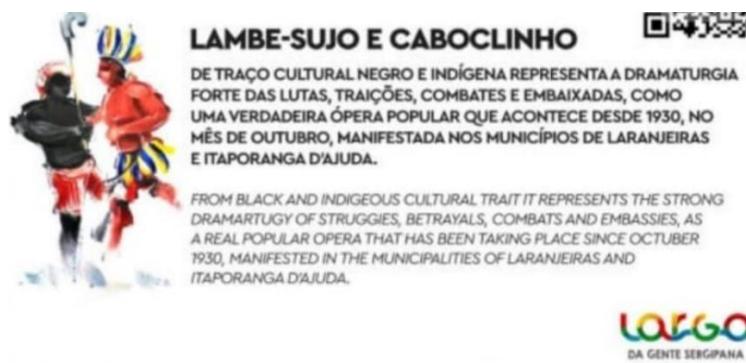
Figura 32: Esculturas Lambe-sujo e Caboclinhos, 2020



Foto: Autora, 2020

Ao visualizar imagens das esculturas dos Lambe-Sujo e Caboclinhos Jadson Loriano (junho, 2021) informou que a principal diferença entre a representação do seu grupo e as esculturas é porque seu grupo não utiliza os armamentos simbólicos que integram as esculturas. Por esse motivo, a impressão transmitida é que as referidas esculturas fazem alusão ao grupo de Laranjeiras.

Figura 33 : Placa Lambe-Sujo e Caboclinhos, 2021

Fonte: Placa adaptada do *tour* virtual do Largo da Gente Sergipana, 2021

Contudo, conforme mostra na ilustração 33, cada escultura possui uma placa informativa com breve contextualização sobre cada escultura e o município onde essas representações podem ser encontradas.

Ao mostrar uma imagem de todo o Largo e principalmente das esculturas do Lambe-Sujo e Caboclinhos para perguntar sobre as características de seu grupo e descobrir se o entrevistado concordava que as supracitadas esculturas representam o seu grupo, o mesmo respondeu que

representa em partes porque a principal diferença está no armamento simbólico do arco e flexa que faz parte das esculturas.

Figura 34: Itaporanga/SE, Lambe-Sujo e Caboclinhos, 2018



Fonte: Arquivo pessoal Jadson Lorian, 2018

Nas imagens acima temos à direita Jadson Lorian representando o personagem do Mestre ou Rei dos Caboclinhos, no centro tem os personagens conhecidos como Velhos dos Caboclinhos e dos Lambe-Sujos que fazem parte da apresentação, bem como auxiliam na organização e atuação do grupo, à esquerda mostra as personagens da Rainha, em vermelho representa os Caboclinhos e em preto com amarelo representa os Lambe-Sujo.

Jadson Lorian (junho, 2021) informou que os Caboclinhos atualmente são representados por jovens e crianças enquanto que os Lambe-Sujo por adultos, tendo como única figura feminina que integra o grupo a personagem da Rainha. As apresentações ocorrem no último domingo de outubro e, os ensaios iniciam com aproximadamente um mês de antecedência, sendo aberto ao público interessado em assistir.

Eu acredito que nós somos nada mais, nada menos que os guerreiros da cultura que permanece e que ajuda a tradição. Nós temos uma origem cinquentenária porque nosso grupo se apresenta aqui na comunidade há mais de cinquenta anos de geração para geração. Isso significa que meu avô já presenciou, meu pai já brincou, meus filhos brincam (Jadson Lorian, junho/2021).

Os brincantes responsáveis pela continuidade de seus grupos se organizam independente da de políticas públicas, instituições de ensino, iniciativa privada ou de qualquer outra maneira de

contribuição. Simplesmente, esses grupos resistem a temporalidade transmitindo suas práticas e conhecimentos, sobretudo, através da oralidade.

Grupo focal formado por Guias de Turismo

O Grupo Focal representado pelos Guias de Turismo regionais e nacionais ocorreu no dia 07 de maio de 2021, a partir das 19h com aproximadamente três horas de duração, por meio da plataforma *Google Meet*. Esse grupo focal teve a participação de oito profissionais sendo eles: André Valença (Guia de Turismo, Mestrando em Culturas Populares - UFS, Bibliotecário, Artista visual professor de Artes da rede pública de ensino); Beto Lima (Guia de Turismo especialista em turismo personalizado); Cristina Santos (Guia de Turismo, Consultora de Turismo e Acessibilidade para Pessoas com Deficiência - PCD e Turismóloga); Irma Karla (Guia de Turismo e Presidente do Sindicato dos Guias de Turismo de Sergipe); Maria Divani (Guia de Turismo e empreendedora na área); Valeska Lima (Guia de Turismo, Turismóloga, Técnica em Eventos); Vera Lúcia Albina (Guia de Turismo e Turismóloga); Nilsylaine Barbosa (Guia de Turismo, Turismóloga, Técnica em Hotelaria, Administradora, Especialista em planejamento do Turismo).

Figura 35: Entrevista com Guias de Turismo, 2021



Fonte: Autora, 2021

A importância de incluir esse grupo focal na pesquisa é justificada pela atuação profissional desenvolvida por esse grupo de profissionais, mediante a divulgação do Largo da Gente Sergipana enquanto atrativo turístico local que dialoga com elementos históricos e culturais importantes na formação da cultura sergipana.

As temáticas tratadas durante a entrevista despertaram reflexões sobre acessibilidade para pessoas com deficiência; a presença das culturas populares sergipanas; como ocorrem a visitação ao Largo por grupos guiados pelos referidos profissionais, bem como a opinião pessoal e profissional de cada entrevistado mediante o Largo e o seu entorno.

O Guia de Turismo tem um papel importante no desenvolvimento da atividade turística e, com efeito, agrega valor ao destino. Desta maneira, pode contribuir com o universo das culturas populares através da condução de seus guiamentos regionais. Por esse motivo, optamos por incluí-los como grupo focal elegível para entrevista com alguns profissionais que representam essa categoria, compartilhando conosco suas experiências e opiniões sobre o nosso campo empírico.

De acordo com Decreto Nacional nº 946 (1993), em seu artigo 4º, as atividades do profissional Guia de Turismo são divididas por categorias, sendo:

- 1) Guia Regional - quando suas atividades compreenderem a recepção o traslado, o acompanhamento, a prestação de informações e assistência a turistas, em itinerários ou roteiros locais ou intermunicipais de uma determinada unidade da federação para visita a seus atrativos turísticos;
- 2) Guia de Excursão Nacional - guia de excursão nacional - quando suas atividades compreenderem o acompanhamento e a assistência a grupos de turistas, durante todo o percurso da excursão de âmbito nacional ou realizada na América do Sul, adotando, em nome da agência de turismo responsável pelo roteiro, todas as atribuições de natureza técnica e administrativa necessárias à fiel execução do programa;
- 3) Guia de Excursão Internacional - quando realizarem as atividades referidas no art. 4º, inciso II do supracitado Decreto, para os demais países do mundo;
- 4) Guia especializado em atrativo turístico - quando suas atividades compreenderem a prestação de informações técnico-especializadas sobre determinado tipo de atrativo natural ou

cultural de interesse turístico, na unidade da federação para qual o mesmo se submeteu à formação profissional específica.

Por essas razões, “considera-se Guia de Turismo o profissional que exerça as atividades de acompanhamento, orientação e transmissão de informações a pessoas ou grupos, em visitas, excursões urbanas, municipais, estaduais, interestaduais, internacionais ou especializadas” (BRASIL, 1993, art. 1º). Vale ressaltar sobre a confusão com relação a nomenclatura deste profissional, isso porque Guia de Turismo é diferente de guia turístico que remete a roteiros impressos ou digitais que fazem referência a um destino.

De acordo com Zettermann (2016, p. 04), o profissional Guia de Turismo desenvolve dentre suas atribuições o papel de educador patrimonial. Porque,

se faz em todos os instantes do seu guiamento quando necessita desenvolver diversas estratégias educacionais, tais como a interpretação do patrimônio, fazendo com que os turistas deixem de ver o patrimônio cultural da localidade visitada apenas como objeto de contemplação, mas também, como fonte de conhecimento, de forma a motivar a eles a terem respeito pelos elementos multiculturais do destino turístico visitado, reconhecendo a importância deste patrimônio cultural para a comunidade local e, assim, consequentemente, sentirem-se também responsáveis pelo mesmo.

Por essa razão, conforme salienta a entrevistada Irma Karla (maio, 2021), que representa o Sindicato dos Guias de Turismo de Sergipe (SINGTUR), “o Guia de Turismo tem a responsabilidade de preservação do patrimônio. É uma das responsabilidades que nós temos e as pessoas desconhecem”. Nesse contexto, cabe aos profissionais da classe mediar o diálogo e ações que contemplem a temática do patrimônio cultural desde a preservação na estrutura física, bem como na sustentabilidade cultural, interferindo quando necessário perante a sociedade e órgãos competentes.

“Enquanto muitos guias têm vocação e orgulho de representar e explicar sobre o ambiente natural e cultural onde vivem, outros têm uma orientação mais comercial do trabalho” (PAZINI; BRAGA; GÂNDARA, 2017, p.175). No grupo focal entrevistado não identificamos esse perfil comercial, considerando que todos enfatizaram a importância da cultura regional em seus discursos e a preferência em parar no Largo da Gente Sergipana sempre que possível. Isso porque existe o guiamento através de agências de turismo e formação autônoma de grupos. Conforme salienta Nilsylaine Barbosa (maio, 2021),

Quando a gente faz por agência de receptivo às vezes eles pedem para fazer só panorâmico porque tem um horário pra cumprir, porque tem horário pra estar no restaurante tal horário. Quando a gente faz privativo, assim, a gente dá o nosso tempo porque na maioria das vezes a gente já fez um cronograma com as paradas e tudo (Nilsylaine Barbosa, maio/2021).

O Largo da Gente Sergipana, apesar de todas as críticas atribuídas por diversos segmentos da sociedade tem contribuído com mais uma opção de atração cultural na cidade, além da possibilidade de ser utilizado, trabalhado e pesquisado sobre diferentes perspectivas. O grupo focal presente nessa análise foi diverso em sua composição, porque houve uma troca de experiências mediadas pela teoria e prática. Desse modo, Beto Lima (maio, 2021) salienta,

De fato, o Largo da Gente Sergipana é uma forma da gente reconhecer a nossa cultura, é uma forma de enfatizar o que temos de bom fora do convencional do turismo. O Largo da Gente Sergipana é um convite à nossa identidade cultural. É você visitar Lagarto, Laranjeiras, Capela e os Bacamarteiros e tantas outras manifestações folclóricas, manifestações estas que fazem parte da nossa cultura, que fazem parte da nossa história (Beto Lima, maio/2021).

Ao utilizar o termo convencional, o Guia quer dizer sobre o potencial existente e comercializado como destino de sol e mar em passeios clichês. Sergipe vai além disso, se pensarmos num turismo cultural. Nesse sentido, o Largo da Gente Sergipana pode ser trabalhado sobre diversas perspectivas. Além disso, o local está imerso nas águas do rio Sergipe, que é um patrimônio natural onde pode ser visto as embarcações Tototós (reconhecidas como Patrimônio Cultural de Sergipe). No Largo é possível ver a cidade de Aracaju de forma ampla até o outro lado do rio onde fica localizado o município de Barra dos Coqueiros, a ponte Construtor João Alves, um marco para o turismo e o desenvolvimento local do município de Barra dos Coqueiros e a capital sergipana, a Ponte do Imperador e parte do centro histórico de Aracaju.

Seguindo as premissas da comunicação, o Guia de Turismo em atividade desenvolve o papel de emissor de informações, no qual tem o poder de persuasão para que os receptores, no caso turistas, recebam a mensagem enviada por ele transmitida. Assim, esse profissional é de extrema importância para disseminação e divulgação de elementos da cultura regional. Dessa forma,

O aprendizado constante depende dos próprios guias, que além de seguir os seus próprios interesses, precisam ter uma abrangência de conteúdo dentro da sua área de atuação. Pois o seu nível de conhecimento influencia o estilo e complexidade da comunicação da informação, em diferentes contextos e propósitos (PAZINI; BRAGA; GÂNDARA, 2017, p.174).

O Guia de Turismo está na linha de frente no acompanhamento do turista, sendo a ele atribuído o sucesso ou insucesso de um passeio. Por isso, se faz necessário a busca pelo conhecimento e acompanhamento das mudanças ocorridas no setor turístico e cultural do estado. Portanto, a entrevistada Cristina Santos comenta sobre a importância dos Guias de Turismo estarem sempre aprimorando seus conhecimentos em relação a cultura regional para transmitir informações corretas sobre o atrativo turístico a ser apresentado para os turistas. Em razão disso, destaca

Eu vejo ainda muito pouco dos guias falando da história de cada um e descrevendo essa história de cada um e nós precisamos estudar e aprimorar cada dia mais a história da cultura. Não é dizer ali tem um boneco, não é isso, é dizer de onde vem aquele boneco, quantos anos tem, o que que ele representa, qual é a cultura. Não é só religião é a cultura (Cristina Santos, maio/2021).

O Largo da Gente Sergipana é frequentemente associado as esculturas dos orixás presente no Dique Tororó em Salvador/BA, isso porque, foram confeccionadas pelo mesmo artista plástico com características estéticas em comum. Entretanto, possuem simbologias e significados diferentes porque as esculturas do Largo representam alguns folguedos sergipanos que possuem elementos religiosos em sua composição, enquanto que as esculturas dos orixás remetem as religiões afro-brasileiras. Portanto, o Guia de Turismo precisa saber como fazer essa distinção para apresentar aos turistas quando necessário.

Considerando que o Guia de Turismo precisa dialogar com o grupo durante todo o trajeto e suas paradas, Vera Lucia (maio, 2021) ressalta a praticidade na metodologia utilizada para explicar sobre o Largo.

Eu como guia de turismo, me facilita bastante porque às vezes a gente fica assim contanto história e não tem. E os monumentos lá do Largo da Gente Sergipana eu vou em cada um e falando esse daqui representa a cidade de Lagarto, esse daqui representa [...]. Que pena que os próprios sergipanos não deem valor e não procurem saber da cultura que o seu estado tem. Eu digo seu Estado porque não sou daqui, mas me considero quase sergipana (Vera Lúcia, maio/2021).

O *city tour* é um passeio pela cidade caracterizado pela visita em alguns atrativos turísticos relevantes para a história local em um curto período de tempo. Compartilhando do mesmo pensamento mencionado por Vera Lúcia, Valeska Lima, relata que durante a visita no Largo é possível falar de vários municípios em um mesmo espaço, facilitando o diálogo. Entretanto, ressalta que sentiu falta do Samba de Coco por ser uma manifestação cultural presente em Aracaju e comumente presente em eventos locais. O Samba de Coco também foi citado por

Nilsylaine Barbosa e André Valença pela sua incidência em Aracaju e na chamada Grande Aracaju como Barra dos Coqueiros e Nossa Senhora do Socorro.

Embora Sergipe seja territorialmente o menor estado do país, trata-se de um estado rico em diversidade cultural e natural que contempla um significativo potencial turístico utilizado por alguns segmentos do setor. Dessa maneira:

Nosso estado é pequeno, mas se a gente for olhar com uma certa profundidade, nosso estado ele é lindo, ele é maravilhoso. Eu tenho certeza que cada um de nós teve familiares que veio de um município [...] cada um desses municípios tem culturas populares diversificadas de acordo com o contexto e espaço geográfico que não estão sendo representados ali dentro do Largo. Espero que o Governo de Sergipe olhe para outros municípios [...]. A gente não vê esses grupos ali no Largo, e eu acho que cultura popular ela é vivência, ela é afetividade, se você não participa daquilo, você não tem ligação com aquilo, você não tem apreço por aquilo. Quem tem apreço é quem está lá dançando, tá lá no cotidiano. (André Valença, maio/2021).

André Valença se referiu a ausência de grupos folclóricos se apresentando no Largo para que sejam apreciados, considerando que durante tais apresentações é possível sentir os elementos culturais por meio do movimento corporal durante a dança, ouvir as músicas e observar os instrumentos utilizados, visualizar as expressões corporais dos brincantes e como eles se comunicam entre si. Para o referido entrevistado, não é suficiente olhar as esculturas sem conhecer as manifestações culturais *in loco*. Nesse contexto, André Valença, reflete a respeito da população aracajuana não se identificar com o Largo da Gente Sergipana. Por esse motivo, comenta

apesar de Sergipe ser pequeno, os aracajuanos não visitam esses municípios da forma como eles devem ser visitados e nem no momento em que essas manifestações estão acontecendo porque elas são efêmeras, né? Elas acontecem em determinado momento, elas têm início, meio e fim. E aí eu me questiono muito. Será que é por isso que o cara que é Uber e taxista às vezes passa informação errônea para o turista que não está lá no *city tour* com um guia? Justamente porque esse taxista que mora em Aracaju não se identifica com essa manifestação cultural porque essas manifestações que estão ali elas não são abordadas em Aracaju? Será que é por isso que o Aracajuano não se vê ali naquelas esculturas? (André Valença, maio/2021).

Aspectos das culturas populares não são prioridade no nosso sistema de ensino, portanto, é mais difícil sua compreensão. De fato, o Largo representa apenas um pequeno recorte dos grupos folclóricos existentes em Sergipe e, apesar desse equipamento turístico está localizado na capital sergipana os folguedos que lá estão representados não são muito bem difundidos na cidade.

O Largo da Gente Sergipana, considerado como uma extensão do Museu da Gente Sergipana proveniente da sua relação de tutela norteia outras discussões sobre representatividade. Afinal quem é a gente sergipana? Para Irma Karla (maio, 2021), os dois equipamentos turísticos se complementam,

Ali está a representação das principais manifestações que nós temos porque não tinha como colocar todas ali. A partir do momento que você vai visitar o museu vai conhecer as outras manifestações, então ali é simplesmente uma forma, assim, de incentivar que visite o museu que está em frente. Eu creio nessa possibilidade, que a gente tá fazendo city tour eles estão deslumbrando aquelas esculturas naquele local. A gente vai criar o incentivo deles visitarem o museu que é em frente. A gente fala pra que crie esse incentivo – olha ali é o museu que tem essa representatividade aqui, então a gente fala para que na volta do tour a gente possa parar. É uma forma de incentivar a visita ao museu. É uma réplica aqui é um pedaço pequeno, mas lá dentro você vai ver mais cultura, mais interatividade, mais história do povo sergipano. Eu acho que ali tá suficiente. (Irma Karla, maio/2021).

Sobre representatividade foi levantado uma discussão sobre a imagem do Boi. Assim, a Guia Nilsylaine Barbosa (maio, 2021) comenta que já ouviu críticas sobre a escultura do Boi por não representar Sergipe, devido a associação com o Bumba meu Boi ou boi-bumbá encontrado no estado do Maranhão. Muitas pessoas desconhecem que aquela escultura é um personagem que integra os grupos de reisado sergipanos. Nesse sentido, o Guia Beto Lima (maio, 2021) salienta que “se eles acham que o representa mais o Maranhão é porque o Maranhão está fazendo sua parte em enfatizar a sua cultura. Se nós fizéssemos o mesmo com certeza conheceriam”. De acordo com Alencar (1998, p.107), “por causa da presença do Boi, algumas pessoas pensam que temos Bumba-meu-boi no folclore sergipano, o que não é verdade. Para alguns estudiosos o Bumba pode até ter nascido do reisado”. Outras indagações surgem em torno dessa discussão como o uso da escultura do Boi em substituição a uma representação da imagem humana na figura do brincante do reisado.

Continuando o diálogo sobre a representatividade dos sergipanos no Largo da Gente Sergipana, Maria Divani declara:

Quando eu falo, nem cito tanto os municípios eu cito a história da escultura e depois o município do qual se deu origem. Mas se for observar, ele pertence a todo Sergipe e, não só de Lagarto, Laranjeira...Porque aqueles acontecimentos foram marcos históricos. Quando um negro se veste de anáguas para se fingir de assombração e fugir da escravidão [...]. A escravidão é uma coisa a nível de mundo, então aquilo ali toca o povo brasileiro (Maria Divani, maio/2021).

De acordo com a entrevistada, ao levar grupos de turista para conhecerem o Largo prioriza os aspectos históricos. Por esse motivo, acredita que a representatividade vai além dos municípios onde abriga os grupos folclóricos representados, envolvendo elementos em

comum a outros municípios que não estão diretamente contemplados com escultura. Sobre o grupo de Parafusos de Lagarto, ela associa esse grupo com a escravidão ocorrida no país e, por essa razão, acredita que o referido grupo representa o povo brasileiro de alguma maneira. Maria Divani demonstrou tanto interesse nos acontecimentos históricos e culturais do estado, que comentou sobre a preferência de alguns grupos de turistas que querem inicialmente visitar as praias e, como estratégia, ela utiliza vídeos e imagens do Largo para despertar o interesse do grupo em visitar o local, desviando o foco do turismo de sol e praia para experiência mais voltada aos elementos da cultura regional.

O tema acessibilidade teve um protagonismo importante durante o referido grupo focal, que nos convida a refletir a respeito no contexto do turismo acessível e o nível de acessibilidade na cidade aracajuana. De acordo com o Ministério do Turismo (2009, p.27), o uso do termo Turismo Acessível foi criado para estabelecer a “possibilidade e condição do portador de deficiência alcançar e utilizar, com segurança e autonomia, edificações e equipamentos de interesse turístico”. Nesse contexto, a entrevistada Cristina Santos (2021) é pessoa com deficiência, usuária de cadeira de rodas. Por essa razão, desenvolve um papel importante na sociedade representando as pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Seu trabalho é voltado para consultoria com a proposta de transformar um equipamento e/ou atrativo turístico em um espaço acessível para todos. Dessa forma, salienta:

O meu sonho é lutar por essa causa. Ver milhares de pessoas com deficiência e pessoas idosas tendo acesso a esses lugares, inclusive o Largo da Gente Sergipana que não é acessível, que não é para um todo, é para uma parte de um todo. E quando eu falo uma parte de um todo, eu estou falando da metade das pessoas com deficiência, eu não estou falando de um todo dos andantes, das pessoas ditas normais. É até uma parte das pessoas com deficiência que tem acesso, e acessibilidade volto a dizer não é uma letra em braile, não é um curso de capacitação em libras, não é isso. A acessibilidade ela vai no olhar inclusivo, um olhar humano (Cristina Santos, maio/2021).

Cristina Silva reconhece a relevância do Largo para o turismo, bem como sugere uma reflexão sobre a acessibilidade no local, podendo ser promovida através de um profissional capacitado e bem informado para atender o público de pessoas com variadas deficiências. Por esse motivo, salienta “espero que a minha fala seja ouvida, que não seja silenciada, que vocês Guias façam o que eu não posso fazer. Levar um turismo inclusivo porque eu sozinha não consigo. Eu consigo com um grupo” (Cristina Santos, maio/2021).

Acessibilidade está para além de adaptações físicas em equipamentos turísticos porque é fundamental profissionais capacitados para atender o público de pessoas com deficiência, por

esse motivo, Cristina Silva trata da importância de manter um Guia de Turismo capacitado para atender uma pessoa com deficiência, promovendo uma experiência turística adequada a necessidade do (PCD), ou seja, é promover uma equidade e não oferecer tratamento igual para desiguais. Para ela, um guia capacitado é um Guia de Turismo com conhecimento em libras para se comunicar adequadamente com um deficiente auditivo, até mesmo um profissional que transmita as informações em detalhes para um deficiente visual, estimulando seu imaginário. Por essas razões, a entrevistada chama atenção para os diversos tipos de deficiências e suas especificidades porque é comum a associação de pessoa com deficiência ligadas a deficiência física com uso de cadeira de rodas e como consequência os entres de barreiras arquitetônicas. No contexto do turismo acessível no Largo da Gente Sergipana destaca:

O que eu queria que acontecesse ali para aprimorar, para melhorar a questão da acessibilidade era um guia capacitado. E o que seria um guia capacitado? Ele falando em libras porque existe vários tipos de deficiência, não existe uma deficiência só, ‘um cadeirante’, que não é cadeirante é pessoa com deficiência PCD. Quando as pessoas falam em acessibilidade, elas falam voltado para uma pessoa que usa cadeira de roda e não é isso. Quando chega um cego lá, fica uma coisa fria porque tem deficientes que o celular não tem crédito, o celular não tem a finalidade de tá descrevendo aquele monumento. Quando tem um guia, uma pessoa humana, ele traz aquela coisa humana[...]. O governo deveria primeiro colocar uma estrutura na mídia porque você não ver na mídia, alguma coisa digital falando que o deficiente pode acessar o Largo Sergipano, somente diz que ali é um Largo Sergipano. Você não diz que um profissional em libras vai estar lá para falar a história de cada um, você só ver uma folha escrita dizendo sobre cada estátua e a acessibilidade vai além disso, ela pede mais para essas pessoas com deficiência. Eu acho que falta mais isso, falta toda uma estrutura nas paradas porque o motorista ele não para naquele ponto e quando para no ponto um pouco antes do Largo da Gente Sergipana tem um buraco enorme para o deficiente passar, então tem toda uma estrutura pra chegar no atrativo. Isso estou falando do deficiente pobre porque o deficiente rico pega um Uber e para na porta. Existe dois tipos de deficiente o deficiente rico e o deficiente pobre. E qual é a maior que tem em Aracaju? É o deficiente pobre e é a realidade da gente brasileira. Então, a gente tem que ver também de como pegar esse público de pessoas com deficiência pra visitar esse Largo da Gente Sergipana (Cristina Santos, maio/2021).

Cristina Santos salienta sobre a necessidade de adaptações no Largo da Gente Sergipana para receber pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, ressaltando que as placas em braile por si só não representam acessibilidade como um todo e defende a presença de um profissional que acompanhe o deficiente visual auxiliando na promoção de uma experiência sensorial. Feito isso, deverá ser amplamente divulgado na mídia que o equipamento está apto a receber essas pessoas com suas diversas necessidades através de suas instalações físicas, bem como profissionais capacitados para atender essa demanda. Pois, “acessibilidade é garantir que todos exerçam seus direitos de ir e vir, de acesso ao transporte, à comunicação, à educação, ao trabalho e ao lazer” (MTUR, 2009, p.27).

De acordo com Irma Karla presidente do Sindicato dos Guias de Turismo de Sergipe (SINGTUR), se for solicitado com antecedência é possível direcionar um profissional com conhecimento em libras para acompanhar o guiamento de pessoa com deficiência auditiva, por exemplo. Entretanto, o Guia Beto Lima destaca que não tem demanda de pessoas com deficiência para o *city tour*. Cristina Silva informa que “a questão não é se tem demanda ou não” e associa a ausência de pessoas com deficiência em espaços de lazer porque a maioria desses ambientes não possui a acessibilidade necessária. Seguindo a discussão sobre acessibilidade, André Valença sugeriu algumas ações para promover a acessibilidade no Largo por meio da inclusão de caixas de som para transmitir as músicas que compõem o repertório presente nos folgedos e a confecção de esculturas em miniatura 3D para que um deficiente visual possa ter uma experiência sensorial através da audição e tato. Irma Karla tece um contraponto sobre a inclusão de caixas de som por causa maresia do ambiente, segurança desses equipamentos tecnológicos e os recursos financeiros necessários para a manutenção.

Diante do que foi exposto sobre acessibilidade para pessoas com deficiência seria preciso uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema com profissionais de turismo, pessoas com deficiência, gestores públicos e privados para dialogarem a respeito e descobrirem juntos a melhor maneira de resolver essa questão.

Os obstáculos que impedem a execução da acessibilidade ainda são muito evidentes nas instalações físicas e no atendimento com hospitalidade da pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida. Por essa razão, buscamos uma reflexão sobre a possibilidade de desenvolver práticas de turismo acessível aspirando que o Largo da Gente Sergipana possa torna-se referência em equipamento turístico acessível para pessoas com deficiências contribuindo, talvez, com pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que o turismo enquanto fenômeno social se apropria do espaço geográfico e os transforma para o seu desenvolvimento, a partir de elementos presentes da cultura e identidade que determinados lugares possuem. No entanto, é necessário planejamento e políticas públicas de fomento ao turismo e cultura local. Por isso, serão necessárias políticas públicas de incentivo à cultura local, que possam dar vida aos equipamentos públicos de uso coletivo tanto para os locais quanto para os turistas, de forma que promova os elementos culturais, bem como possam gerar contrapartida aos atores sociais, que produzem e praticam as culturas populares. Isso pode ser pensado e realizado por meio de parcerias entre os setores públicos, privados e instituições de ensino.

Pesquisar sobre o Largo da Gente Sergipana foi desafiador, considerando que a investigação iniciou aproximadamente um ano após a sua inauguração e sem produções científicas anteriores publicadas para que pudéssemos utilizar como referência. Havia apenas breve notícias que tratavam sobre a construção, inauguração, repercussão, divulgação ou críticas a respeito. Para dificultar ainda mais, fomos acometidos pela pandemia que se tornou fator limitante nessa investigação, considerando o fechamento do Museu da Gente Sergipana e o distanciamento/isolamento social que inviabilizou a investigação *in loco*.

Criado inicialmente com a proposta de dialogar com o Museu da Gente Sergipana, acompanhado de forte apelo visual, sugerindo a valorização de um recorte significativo das culturas populares do estado, o Largo da Gente Sergipana é atualmente um dos principais atrativos turísticos do Centro Histórico de Aracaju, concebido pela força de articulação de um agente financeiro (Instituto Banese), um arquiteto (Ezio Déda) e o Estado. Para tanto, foi realizado uma ampla pesquisa histórica sobre as manifestações, festas e folguedos envolvendo os 75 municípios presentes em Sergipe para seleção de um pequeno número das manifestações culturais para exposição. Atualmente, com aproximadamente três anos e meio de existência, o Largo já não é alvo de tantas críticas como outrora, como ocorreu na época da inauguração.

Diante da pesquisa, consideramos que o Largo da Gente Sergipana potencializa os roteiros turísticos no centro histórico, que por sua vez contemplam o patrimônio cultural material através de prédios antigos, que conservam parcialmente e/ou integralmente sua arquitetura inicial. A relação do Largo com outros equipamentos públicos ocorre através de usos turísticos, culturais, lúdicos, educativos, culturais e artísticos manifestados através da

interação dos visitantes com o espaço geográfico, que contempla a área central da cidade. Deste modo, o Largo da Gente Sergipana é um espaço de múltiplos usos acerca das práticas caracterizadas pelas ações humanas, como resultado das relações sociais praticadas por seus visitantes. Isso porque, trata-se de um monumento cercado pelo patrimônio natural do rio Sergipe, que faz referência ao patrimônio imaterial presente nas manifestações culturais populares do estado. Além disso, constitui-se como uma extensão do Museu da Gente Sergipana, que tem como características um acervo etnográfico. Nesse sentido, o Largo possui um significativo potencial para desenvolver ações de educação patrimonial.

Diante dos resultados, o estudo apontou o Largo da Gente Sergipana promoveu alterações na paisagem integrada ao rio Sergipe atribuindo-lhe o papel de novo cartão postal inserido no Centro Histórico de Aracaju, transformando elementos culturais em potencial turístico e contribuindo para a divulgação dos elementos simbólicos e identitários do estado. Além de estimular o fortalecimento da capital enquanto destino turístico-cultural, por meio da associação das culturas populares com a capital sergipana.

Após diálogos realizados com atores sociais que fazem parte das culturas populares no estado, percebemos que a maior parte dos entrevistados que integram diversos grupos folclóricos afirmaram que se sentem representados e concordam com a escolha das manifestações culturais presentes no Largo da Gente Sergipana, inclusive aqueles que não possuem escultura da manifestação cultural do qual fazem parte.

Por fim, esperamos que essa pesquisa possa contribuir com estudos futuros sobre o Largo da Gente Sergipana, estimulando discussões acerca da sua integração ao Centro Histórico de Aracaju, além de propor reflexões a respeito do turismo como aliado no processo de valorização e preservação do patrimônio cultural imaterial do estado, bem como a ampliação de pesquisas sobre a relação entre as culturas populares e a atividade turística.

REFERÊNCIAS

- AVELINO, C. B. S. **Os sentidos da liberdade**: trajetória, abolicionismos e relações de trabalho no Vale do Cotinguiba no pós abolição (Sergipe 1880-1930). 2018. Tese (Doutorado em História) –Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, 2018.
- AIETA, V. S.; ZUIN, A. L. A. Princípios norteadores da Cidade Educadora. **Revista de Direito da Cidade**, v. 4, n. 2, p. 193-232, 2012.
- ALVES, K. *et al.* Fotografia como técnica de coleta de dados nas pesquisas qualitativas da área da saúde: scoping review. **Atas CIAIQ**, v.2, 2019, p-154-163. Disponível em: file:///C:/Users/adyli/Downloads/2014-Texto%20Artigo-7482-1-10-20190620.pdf. Acesso em: 10 de maio, 2020.
- ANDRADE, W. L. de. **Entre desafios e possibilidades**: a cultura popular na historiografia. *Multi - Science Journal*, p. 30 – 38, 2015. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/multiscience/article/view/41/22>. Acesso em: 30 abril, 2020.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2009.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- AYLA, M. I. N.; AYLA, M. (Orgs.) **Metodologia para pesquisa das culturas populares**: uma experiência vivenciada. Crato: Edson Soares Martins, 2015.
- AZEVEDO, D. S. **Turismo, Patrimônio Cultural e Identidades Consumo**: construindo sergipanidades, 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão, 2014.
- ALENCAR, A. D. F. de. **Danças e folguedos**: iniciação ao folclore sergipano. Aracaju: Secretaria de Estado da Educação do Desporto e Lazer, 1998.
- ARRUDA, D. O.; SILVA, M. B. O.; MARIANI, M. A. P. Análise da imagem do destino turístico Rio de Janeiro, com base em comentários publicados no site da *TripAdvisor*. **Revista de administração Unimep**, Piracicaba, v. 18, n. 2, p. 123-144, maio/ago. 2020.
- ARAÚJO, R. F. Presença e reputação online de pesquisadores em redes sociais acadêmicas: implicações para comunidade científica. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v.12, n. 2, p. 202-211, out.2017.
- ALVES, F. das N. Estátua ganha vida nas páginas dos jornais: uma perspectiva caricatural da arte estatuária. **Historiæ**, Rio Grande, 2 (3), p. 9-34, 2011.
- ANDRADE, D. Estátuas do Largo da Gente recebem máscaras para incentivar uso do equipamento pela população. **AJU NEWS**, Aracaju, 18 maio 2020. Disponível em: <https://ajunews.com.br/covid-19-estatuas-do-largo-da-gente-recebem-mascaras-parincentivar-uso-do-equipamento-pela-populacao/>. Acesso em: 19 maio 2020.

ATZIGEN, P. Jornalistas de Sergipe fazem campanha em prol de Parque dos Falcões. São Paulo, 13 de maio 2020. **Diário do Turismo**. Disponível em: <https://diariodoturismo.com.br/jornalistas-de-sergipe-fazem-campanha-em-prol-de-parque-dos-falcoes/>. Acesso em: 16 maio 2021.

BESSA, S. Brasil é 8º no ranking da solidariedade na América Latina. **Diário de Pernambuco**, Recife, 16 de outubro de 2019. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br/noticia/cadernos/mundo/2019/10/brasil-e-o-8-no-ranking-da-solidariedade-na-america-latina.html>. Acesso em: 24 abril 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. W; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARRETO, L. A. **Um novo entendimento do folclore: e outras abordagens culturais**. 2º ed. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.

BARRETO, L. A. **Sergipanidade: um conceito em construção**. Disponível em: <http://grupominhaterraesergipe.blogspot.com/2012/10/sergipanidade-um-conceito-em-construcao.html>. Acesso em: 06 ago. 2021.

BARRETO, J. C.; CRUZ, M. de F. P. da; PIMENTEL, L. C. de M.; MELO, Vera M. Paisagem mercadoria: uma discussão sobre o consumo das paisagens urbanas. **Paisagem Ambiente**, nº. 22, São Paulo, p. 144-152, 2006.

BOMFIM, W. de J. **Identidade, memória e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca (SE)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

BURKE, P. **Cultura Popular na idade Moderna**. Companhia de Bolso, São Pulo, 2010.

BRENNER, E. L.; LOPES, M. A transversalidade da cultura e a paisagem turística. **Habitus**, Goiânia, v. 8, n.1/2, p.151-164, jan./dez. 2010.

BEZERRA, M. A.; JÚNIOR, M. F. C. **Cidades, espaços públicos e comportamento: discussões sobre o cenário urbano no contexto de pandemia global**. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/cidades-espacos-publicos-e-comportamento-discussoes-sobre-o-cenario-urbano-no-contexto-de-pandemia-global/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BARRETO, J. M. INSTALAÇÃO. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/ter> Acesso em: 20 de mai.2020. Verbetes da Enciclopédia.

BRASIL, Presidência da República. Decreto Nº 946, 1º outubro de 1993. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d0946.htm#:~:text=1%C2%BA%20C3%89%20considerado%20Guia%20de,visitas%2C%20excurs%C3%B5es%20urbanas%2C%20municipais%2C. Acesso em: 09 maio 2021.

BRAZIL, Ministério do Turismo. **Turismo Acessível**: introdução a uma viagem de inclusão. Brasília: MTUR, 2009.

CABEZUDO, A. Cidade educadora: uma proposta para os governos locais. *In*: GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A. **Cidade educadora**: princípios e experiência. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Buenos Aires: Ciudades Educadora América Latina, 2004.

CANCLINI, N. G. **Cultura populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, K. D.; SIMÕES, M. L. N. Turismo e patrimônio cultural sob o olhar do sujeito-morador: uma leitura do bairro da Praia Grande, São Luiz, Maranhão (Brasil). **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v.4, n. 1, p. 12-31, abril 2011.

CARVALHO, J. *et al.* Entre pétalas e espinhos: Dona Rosa e o Reisado do Bom Jardim. **Cadernos de Graduação Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 35-49, mar. 2015.

CAVALCANTI, M. L. V de C. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 147, p. 69-78, 2001.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 11º ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CONCEIÇÃO, M. R. M.. Materialização de políticas culturais: o Museu da Gente Sergipana e a construção de identidades. *In*: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL – POLITICAS CULTURAIS, SETOR DE POLITICAS CULTURAIS – FUNDAÇÃO CASA RUI BARBOSA, Rio de Janeiro, 2013, p. 45-56.

CHOAY, F. Alegoria do patrimônio. Tradução: Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2014.

CARNEIRO, I. A. Artes visuais: práticas tridimensionais. Curitiba, Inter Saberes, 2017. (Série Teoria e Prática da Artes Visuais).

CARNEIRO, Edson. **Dinâmica do folclore**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. (Coleção Raízes).

CARVALHO, J. J de. ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, Recife, ano 14, vol.21 (1): p. 39-76, 2010.

CÉSAR, L. Grupo Banese e Governo do Estado distribuem máscaras no Largo da Gente Sergipana. **SERGIPE MAIS**, Aracaju, 17 maio 2020. Disponível em: <https://sergipemais.com.br/se/grupo-banese-e-governo-do-estado-distribuem-mascaras-no-largo-da-gente-sergipana/>. Acesso em: 19 maio 2020.

DAVIES, R. A cultura é o futuro das cidades. *In*: TEIXEIRA COELHO (Org.). **A cultura pela cidade**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural 2008, p. 71-86.

DINIZ, D. N. L. Aracaju: a construção da imagem da cidade. 2009. 270 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

DEPINÈ, Á. Resiliência urbana e o impacto da Covid-19 nas cidades. In: **VIA Estação do conhecimento**. Florianópolis, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://via.ufsc.br/resiliencia-urbana-covid-19/?lang=es>. Acesso em: 25 jul. 2020.

DOS SANTOS, G. N.; ARAGÃO, I. R.; SOUZA, A. M. B. Patrimônio cultural naval e proposta de roteiros turísticos para as embarcações tototós pelo estuário do Rio Sergipe **Caderno Virtual de Turismo**, v. 16, n. 2, p. 93-110, jun./2016.

ESTÁCIO, V. Decreto obriga uso de máscara por toda população em Sergipe. **INFONET**, Aracaju, 27 abr. 2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/saude/decreto-obriga-uso-de-mascara-por-toda-a-populacao-em-> Acesso em: 19 maio 2020.

EXPRESSÃO SERGIPANA. O Largo não aceita pensamento estreito Disponível em: <https://expressaosergipana.com.br/o-largo-que-nao-permite-pensamento-estreito/>. Acesso em 02 de junho de 2020.

FARTHING, S. **Tudo sobre Arte**. Tradução Paulo Polzonoff Jr. *et al.* Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FRANZEN, L. I. ; WEICH, C.; SILVA, A. P. A relação entre o turista e a paisagem no espaço turístico natural. In: I SEMINÁRIO EM PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. Universidade de Caxias do Sul, 2010, p. 01-12.

FERRONATO, M. Z. A Relação da paisagem com o turismo: uma reflexão teórica. **Revista Partes**, dez/2010. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2011/07/07/a-relacao-da-paisagem-com-o-turismo-uma-reflexao-teorica/>. Acesso em : 11 jun. 2020.

FANTINEL, L. D.; SILVA, A. R. L da. Dilemas e implicações do uso da observação enquanto técnica em detrimento da etnografia. In: XXXVIII ENCONTRO DA ANPAD, Rio de Janeiro, 2014, p. 01-16.

FRANCO, P. dos S. Cartões postais: o real e o imaginário nas entrelinhas da imagem turística. In: II SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, Caxias do Sul, 2004, p. 1-16.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GAGLIONI, C. A queda das doações na pandemia e os caminhos para ajudar. **Nexo**, 23 mar 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/23/A-queda-das-doa%C3%A7%C3%B5es-na-pandemia.-E-os-caminhos-para-ajudar> Acesso em: 24 abril 2021.

GAGLIARDI, C. M. R. Turismo e cidade. In: FORTUNA, C.; PROENÇA, R. L. (Orgs). **Plural de cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009, p. 245-263.

GOULART, B. A redescoberta das culturas populares: novos conceitos, atores sociais, políticas e circuitos. *In*: 32º REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Rio de Janeiro, 2020.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. **Grupo Banese e Governo do Estado distribuem máscaras do Largo da Gente Sergipana.** Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/governo/grupo_banese_e_governo_do_estado_distribuem_mascaras_no_largo_da_gente_sergipana. Acesso em: 19. maio 2020.

G1 SERGIPE. Escultura de tartaruga marinha recebe máscara gigante na Orla de Aracaju. Aracaju, 28 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2020/05/28/escultura-de-tartaruga-marinha-recebe-mascara-gigante-na-orla-de-aracaju.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2020.

G1 SERGIPE. Espaço Zé Peixe será inaugurado nesta terça-feira. G1 SE, Aracaju 18 maio 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2015/05/espaco-ze-peixe-e-inaugurado-nesta-terca-feira.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SERGIPE. Secretaria de Educação realiza vistoria em prédio da antiga sede. Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/educacao_cultura_esportes/secretaria-de-educacao-realiza-vistoria-em-predio-da-antiga-sede. Acesso em: 20 jun. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HORODYSKI, G. S; KNECHTE, E. A. O. Marketing Digital e reputação online no Turismo: um estudo no destino de Ponta Grossa, Paraná. *In*: XXVI ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, Ponta Grossa, 2017, p. 01-05.

IDIS. Doação e cidadania: como pensa e age o doador brasileiro. **Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social**, Pinheiro, 18 julho 2019. Disponível em: <https://www.idis.org.br/doacao-e-cidadania-como-pensa-e-age-o-doador-brasileiro/>. Acesso em: 25 abril 2021.

IDM - INSTITUTO, MARCELO DEDA. Ponte do Imperador traz história de Aracaju através do Museu de Rua. Aracaju: IDM, 2006. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/ponte-do-imperador-traz-historia-de-aracaju-atraves-do-museu-de-rua/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Barra dos Coqueiros/SE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/barra-dos-coqueiros/panorama>. Acesso em: 29 set. 2020.

INFONET. Centro Cultural de Aracaju será inaugurado dia 20. INFONET, Aracaju 14 outubro 2014. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/centro-cultural-de-aracaju-sera-inaugurado-no-dia-20/>. Aceso em: 16 jun. 2021.

JORGE, T. A; SILVA, P. V. Análise de conteúdo por meio de nuvem de palavras de postagens em comunidades virtuais: novas perspectivas e resultados preliminares. **Atas CIAIQ**, v. 2, p. 41-48, 2019.

LAKATOS, M. E.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIRA, A. Como funciona o *TripAdvisor* para empresas: o guia completo. *In: Harmo feedback intelligence*. **Harmo**, São Paulo, 03 set. 2020. Disponível em: <https://harmo.me/blog/como-funciona-o-tripadvisor/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

LEAL, R. E. da S. A etnografia no estudo do turismo sob a perspectiva antropológica. *In: VII SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO*, São Paulo, 2010, p. 01- 12.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 7. ed. Campinas: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

LEAL, R. E. da S. O saber antropológico na formação acadêmica em turismo: contribuições, desafios e dilemas. *In: 29º REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, Natal, 2014, p. 01-12.

LEAL, R. E. da S. **Visitando o Nordeste na Web: um estudo sobre a comunicação dos portais e sites turísticos governamentais**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2006.

LEAL, R. E. da S. **Barco de fogo**. Brasília: Câmara dos Deputados, Palácio do Congresso Nacional, 2019.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de paisagem e urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 24, p. 109- 123, 2008.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T.; PRÁ, K. R. D. A documentação no cotidiano da intervenção dos assistentes sociais: algumas considerações acerca do diário de campo. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v.6, n. 1, p.93-104, jan./jun. 2007.

LIBERATO, M. M.; VIEIRA, L. V. L. **Cantos e Encantos da 4ª cidade mais antiga do Brasil**. Aracaju: J Andrade, 2019.

LIBORIO, A. Revisitando o Mercado Municipal de Aracaju aos 20 anos de sua reforma. F5 News, Aracaju 20 set 2020. Disponível em: <https://www.f5news.com.br/cotidiano/revisitando-o-mercado-municipal-de-aracaju.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MAGNANI, J. G. C. Antropologia Urbana. **Revista Antropol.** USP, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.

MAGNNI, J. G. C. Etnografia como prática de experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p-129-56, jul./dez. 2009.

MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In*: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. DE L. (Orgs.) **Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 01- 30.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: um novo olhar sobre a cidade. **Espaços Urbanos, GVExecutivo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 38-41, jul./dez. 2013.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. *In*: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO/2012, Brasília, UNB, 2013, v. 38, n.12, 2012, p. 53-73.

MATTOS, M. Espaço mantém viva a memória de Zé Peixe. GOVERNO DE SERGIPE, Aracaju 25 outubro 2016. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/Educa%C3%A7%C3%A3o,%20Cultura%20e%20Esportes/es-paco-mantem-viva-a-memoria-de-ze-peixe>. Acesso em: 13 jun. 2021.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista Rae'Ga** Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/878d/66c29eb9ad6171a80cf2e14aea5b38f0284f.pdf>. Acesso em: 20 jun., 2020.

MARCONI, M. de A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. 7º ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MILAGRES, V. R.; SOUZA, L. B. Ensaio sobre paisagem e o turismo: uma viagem além das disciplinas. **Revista Geografia**, Londrina, v. 21 n. 1, p. 37-63, jan./abr. 2012.

MELINS, M. **Aracaju que vi e vivi: anos 40 e 50**. 2º ed. Aracaju: NORGRAF, 2011.

MEDEIROS, J. F. da S. A Pandemia e seus (des) caminhos. **Revista Brasileira de Geografia Econômica** ano IX, n. 18, p. 01-05, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/13141>. Acesso em: 21 mar. 2020.

MELLO, J. C. Prefácio. *In*: OLIVEIRA, E. d. F. **Jogo Ponteiros da Memória: Educação Patrimonial no Ensino de História em Sergipe**. 2020. 81 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. p. 6.

MARTI, F. COSTA, A. Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura** [on-line] maio de 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107>. Acesso em: 16 maio de 2021.

Museu da Gente Sergipana. Visite o museu sem sair de casa: tour virtual do museu 360º. Disponível em: <http://www.museudagentesergipana.com.br/>. Acesso em: 16 maio 2021.

NOBREGA, A. Brincante: o encontro do popular e erudito a serviço da cultura e da educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano XIV, n. 3, p. 85-93, set/dez 2009.

OLIVEIRA, F. B. de. Como repensar as cidades a partir da pandemia do coronavírus. *In*: BORGES, A.; MARQUES L. **Coronavírus e as cidades no Brasil**: reflexões durante a pandemia. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2020. p. 82-86.

OLIVEIRA, W. K. de; DUARTE, E.; FRANÇA, G. V. A. de; GARCIA, L. P. Como o Brasil pode deter a COVID-19. **Epidemiol Serv Saúde**, Brasília, 29 (2), p. 01-08, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v29n2/2237-9622-ress-29-02-e2020044.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, A. C. de; LUCAS, T. C.; IQUIAPAZA, R. A. O que a pandemia da COVID-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução? **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.29, p. 01-15, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/tce/v29/pt_1980-265X-tce-29-e20200106.pdf. Acesso em: 29 jul. 2020.

OLIVEIRA, A. N. de. Da multiplicidade de olhares para o conceito de paisagem à atratividade para o turismo. *In*: I SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA E GESTÃO TERRITORIAL E XXXIV SEMANA DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, 2018, p. 279-294.

OLIVEN, R. G. **A antropologia de grupos urbanos**. 6º Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, R. A.; PORTO, R. M. A. B. Extração de dados do site *TripAdvisor* como suporte na elaboração de indicadores do turismo de Minas Gerais: uma iniciativa em Big Data. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 26-37, 2016.

OLIVEIRA, J. 3 lojas de museus pelo Brasil que você precisa visitar. **Casa Vogue**, Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Cidade/noticia/2020/01/3-lojas-de-museus-pelo-brasil-que-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

OLIVEIRA, E. D. F. **Jogo Ponteiros da Memória: Educação Patrimonial no Ensino de História em Sergipe**. 2020. 81 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

PASSOS, E. M. **Intervenções urbanas e ressignificações no centro de Aracaju: um estudo acerca do Beco dos Cocos**, 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão, 2013.

PAZINI, R.; BRAGA, D.C.; GÂNDARA, J. M.G. A importância do guia de turismo na experiência turística: da teoria à prática das agências de receptivo de Curitiba/PR. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p.162-182, ago. 2017.

PAES, M. T. D. **Gentrificação, preservação patrimonial e turismo**: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 3, dez. 2017, p. 667-684.

PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

POLON, L. C. K. Identidade e consumo: reflexões “pós-modernas”. **Socias e Humanas**, Santa Maria, v. 28, n. 3, p. 36-48, set./dez. 2015.

PAULINO, T. Culturas populares: trajetórias conceituais e construções de sentido. **Revista Ambivalências**, São Cristóvão, v. 3, p. 255-278, jul./dez. 2015.

PROJETO TAMAR. Disponível em: <http://www.tamar.org.br/base.php?cod=26>. Acesso em: 23 jul., 2020.

RAYEL, R S. Paisagens turísticas: conexões ambientais e educacionais. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 26, n. 47, p. 629-639, 2016.

PINHEIRO, R. C. S.; SANTOS, C. A. de J. Evolução Urbana, Cultura e Turismo no Centro Urbano de Aracaju- SE. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.6, n. 11, p. 46-67, abril 2013.

RIOS, S. O. Rios.; COSTA, J. M. A.; MENDES, V. L. P. S. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Discursos fotográficos**. Londrina, v.12, n. 20, p. 98-120, , jan/jul 2016.ROCHA, G. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. **Revista Mediações**, Londrina, v. 14, p. 218-236, 2009.

ROCHA, I. S. da C. Museu, cultura e criatividade: o Museu da Gente e as políticas públicas no Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

RESSEL, L. B. *et al.* O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 17(4), p.779-786, out./dez. 2008.

SÁ CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. de B. (Orgs). **Espaços livres do Recife**. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ UFPE, 2000.

SCHERRER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo. *In*: YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.83-105.

STUDART, D. C. Pandemia global de covid 19 e impactos para os museus: crise ou oportunidade? **Revista Museu** [on-line] maio 2020. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-crise-ou-oportunidade.html>. Acesso em: 16 maio 2021.

STUDART, D. C. Pandemia global de covid 19 e impactos para os museus: crise ou oportunidade? **Revista Museu** [on-line] maio 2020. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2020/8539-pandemia-global-de-covid-19-e-impactos-para-os-museus-crise-ou-oportunidade.html>. Acesso em: 16 maio 2021.

SERGIPE, G. **Decretos**. Secretaria de Estado da Saúde. Disponível em: <https://todoscontraocorona.net.br/decretos/>. Acesso em: 16 maio 2021.

SERGIPE, G. Governo de Sergipe e parceiros lançam 3º etapa da campanha Solidarize-SE com drive thru no Largo da Gente Sergipana. **Secretaria de Estado da Inclusão e**

Assistência Social, Aracaju, 22 abril 2021. Disponível em: <https://www.inclusao.se.gov.br/governo-de-sergipe-e-parceiros-lancam-3a-etapa-da-campanha-solidarize-se-com-drive-thru-no-largo-da-gente-sergipana/>. Acesso em: 24 abril 2021.

SERGIPE, G. Governo e parceiros lançam 3º etapa da campanha Solidarize-SE nesta quinta 22. **Sergipe Governo do Estado**, Aracaju, 20 abril 2021. Disponível em: https://www.se.gov.br/noticias/Inclus%C3%A3o%20Social/governo_e_parceiros_lancam_3_etapa_da_campanha_solidarize_se_nesta_quinta_22. Acesso em: 24 abril 2021.

SERGIPE, N. Campanha Solidária da Prefeitura de Aracaju arrecada 1,5 tonelada de alimentos em três dias. Aracaju, 08 abril 2021. **Sergipe Notícias**. Disponível em: <https://imprensa24h.com.br/campanha-solidaria-da-prefeitura-de-aracaju-arrecada-15-tonelada-de-alimentos-em-tres-dias/#.YKERx6hKjIU>. Acesso em: 16 maio 2021.

SANTOS, M. F. Formas expressivas de um mestre: a mediação entre margem e centro nos folguedos de Sergipe. In: **29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA**, Natal, 2014, p. 01-20.

SANTOS, V. R. dos. **Performance e contradição social na festa dos Lambe Sujos e Caboclinhos em Laranjeiras/SE**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão, 2016.

SANTOS, K. J. S.; SANTOS, J. D. C. dos. Colégio Atheneu Sergipense: História, Memória e Patrimônio Cultural. In: **VII COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**, São Cristóvão, 2013, p. 01-08.

SILVA, L. B. e. **Cidade/arte**: a instalação e sua transmutação em objeto expandido no meio urbano. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais UFSM/RS**, ano 2, 2009, p. 1-17.

SILVA, M. da G. L. da. **Cidades turísticas**: identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2004.

SILVA, C. H. M. **Espaços públicos fortes**: transformações e ressignificações do centro da cidade de Aracaju, São Cristóvão, Editora UFS, 2014.

SOUZA, A. A. Debates sobre cultura, cultura popular, cultura erudita e cultura de massa. In: **XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, Campina Grande, INTERCOM – Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014, p. 01-14.

SOTRATTI, M. A. A produção turística das cidades atuais: imagens e representações simbólicas de espaços e lugares. **Geo UERJ**, ano 13, v. 2, n. 22, p. 250-272, 2011.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Finisterra**, Lisboa, ano 36, v. 72, 2001, p. 37-53. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1620>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SANTOS, M. J. S.; SANTOS, A. R. O (re) significado das praças centrais de Aracaju, Sergipe: sociabilidade, territorialidades e tangenciamento. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO ONLINE DE GESTÃO URBANA**. Tupã, 2020, p. 141-155.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SEBRAE. **O guia para o turismo em tempos de pandemia**. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [online], 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/GuiaparaoTurismoemTempoDePandemia.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

SILVA, J. A. **Organização sócio-espacial do turismo de Aracaju/SE: a governança como diferencial competitivo**. 2019. 344 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão, 2019.

SILVA, C. H. M. Espaço público político e urbanidade: o caso do centro da cidade de Aracaju. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2009.

SILVA, M. B. O. *et al.* Gastronomia no *TripAdvisor*: o que os turistas comentam sobre os restaurantes de Bonito- MS? **Rosa do Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 11, n.4, p. 875-892, out./dez. 2019.

SILVA, M. B. O. *et al.* Como os turistas percebem os atributos de atrativos turísticos em Bonito (MS)? Uma análise com base em comentários publicados no *TripAdvisor*. **Revista Turismo – Visão e Ação**, Balneário Camboriú, v. 21, n.2, p. 150-172, fev. 2019.

SILVA, K. Aquário de Bonito lança campanha solidária em prol das famílias afetadas pela pandemia. 04 maio 2021. **Bonito Notícias**. Disponível em: <https://www.bonitonoticias.com.br/bonito-ms/noticia/geral/aquario-de-bonito-lanca-campanha-solidaria-em-prol-das-familias-afetadas-pela-pandemia#:~:text=A%20pandemia%20trouxe%20dificuldades%20para,chamada%20de%20%22Aqu%C3%A1rio%20Solid%C3%A1rio%22>. Acesso em: 16 maio 2021.

SERGIPE, G. Largo da Gente é presente do governo para Aracaju. Disponível em: <https://www.se.gov.br/noticias/Governo/largo-da-gente-e-o-presente-do-governo-para-aracaju-declara-jackson-durante-inauguracao-no-aniversario-da-cidade>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SERGIPE. Secretaria de Estado do Planejamento e da Ciência e Tecnologia – SEPLANTEC. Superintendência de Recursos Hídricos – SRH. **Gestão participativa das águas de Sergipe**. Aracaju, 2002.

SERGIPE, G. Estátuas do Largo do Largo da Gente Sergipana recebem máscaras contra COVID-19. **INFONET**, Aracaju, 18 maio 2020. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/estatuas-do-largo-da-gente-sergipana-recebem-mascaras-contra-covid-19/>. Acesso em: 19 maio 2020.

SANTOS, A. L. Aracaju amanhece com estátuas usando máscaras de proteção contra corona em ação social. **SOLUTUDO**, Aracaju, 18 maio 2020. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/aracaju/aracaju-amanhece-com-estatuas-utilizando-mascaras-de-protecao-contra-corona-em-acao-social/>. Acesso em: 19 maio 2020.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas em saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol.19 n.3, p. 777-796, 2009.

TELLES, M. F. de P. A negação do patrimônio cultural imaterial. *In*: SOARES, I. V. P.; PRAGMÁCIO, M. (Orgs). **Tutela Jurídica e Política de Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial**. Salvador: JusPodivm, 2018, p. 29-44.

TRZASKOS, L. A.; BAUM, J.; TROBIA, G. PAISAGEM NATURAL E CULTURAL: possibilidades de desenvolvimento turístico na Colônia Sutil em Ponta Grossa – PR. *In*: II SEMINÁRIO DOS CURSOS DE CIÊNCIAS APLICADAS FECILAM. Faculdade Estadual de Ciências e Letras Campo Mourão, Paraná, 2011.

TV SERGIPE. Mãos Amigas 2021 visa arrecadar doações e em dinheiro para famílias atendidas pelo CUFA e Mesa Brasil. Aracaju, 14 abril 2021. **TV Sergipe**. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/noticia/maos-amigas-2021-vai-arrecadar-alimentos-e-doacoes-em-dinheiro-para-familias-apoiadas-pela-cufa-e-mesa-brasil.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2021.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel SESC, 1996. (Coleção Megalópoles).

URRY, J. Globalizando o olhar do turista. Tradução de Natália Otto. **Plural**, São Paulo, v. 23, n.2, p. 142-155, 2016.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Ciência, Educação e a Cultura. Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural Disponível em: http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf. Acesso em: 04 ago. 2021.

VELHO, G.; MACHADO, L. A. A organização social do meio urbano. *In*: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 76. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1977. P. 71-82.

VELHO, G. Antropologia urbana : encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

VELOSO, M. M. S. Espaço público, estética, política e memória. *In*: 27ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Brasília, 2000.

VOGUEL, D. Das pro-cidades às *smart cities*: reflexão a partir do coronavírus. *In*: BORGES, A.; MARQUES L. **Coronavírus e as cidades no Brasil**: reflexões durante a pandemia. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2020. p. 49-53.

VARELLA. G. Política de preservação do patrimônio cultural imaterial e os bens culturais em espécie. *In*: SOARES, I. V. P.; PRAGMÁCIO, M. (Orgs). **Tutela Jurídica e Política de Preservação do Patrimônio Cultural Imaterial**. Salvador: JusPodivm, 2018, p. 301- 322.

WESTPHAL, M. F; BÓGUS, C. M; FARIA, M. de M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol Oficina Sanit Panam**, Washington, 120 (6), p. 472-482, 1996.

ZETTERMANN, G. A atuação do guia de turismo como educador patrimonial. *In*: XIII Encontro Nacional de História Oral, Porto Alegre, 2016, p. 01-17.

APÊNDICE 01- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA EZIO CHRISTIAN DÉDA DE ARAÚJO

- 1- Como se deu o processo de criação do Largo da gente Sergipana?
- 2- O Largo da Gente Sergipana é muito comparado com os orixás do Dique Tororó o Largo foi inspirado nas referidas esculturas?
- 3- De acordo com a página oficial do Museu da Gente Sergipana o Largo da Gente Sergipana é uma “instalação artística urbana”. Nas artes Visuais a definição de instalação artística parte da concepção de uma instalação provisória como forma de expressão Nesse contexto, o que define uma instalação artística na arquitetura ?
- 4- Na sua opinião o Largo da Gente Sergipana contribui com as culturas populares de Sergipe ? De que forma?
- 5- Como o Largo da Gente Sergipana pode contribuir com a cidade de Aracaju e o turismo local?
- 6- Houve participação popular dos brincantes que integram as manifestações culturais representadas no Largo em alguma das etapas do processo de criação e/ou construção da obra ?De que forma?
- 7- Muitas críticas são tecidas pela ausência de edital para escolha de artista sergipano na confecção das esculturas do Largo . O que pode esclarecer a respeito?
- 8- Houve resistência por parte de alguma instituição para obter apoio ou autorizações PARA para construção do Largo da Gente Sergipana?
- 9- O que pode discorrer em resposta às críticas tecidas por vários campos da sociedade pelo uso do dinheiro destinado a construção do Largo da Gente Sergipana?

APÊNDICE 02- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA
JOSEVANDA MENDONÇA FRANCO

- 1 – Como se deu o processo de curadoria para escolha das esculturas do Largo da Gente Sergipana?
- 2 - Qual o critério utilizado para seleção das esculturas Largo da Gente Sergipana?
- 3 – Houve dúvidas e/ou dificuldades durante o processo de curadoria? Quais?
- 4 – Na sua opinião Largo da Gente Sergipana contribui com as culturas populares? De que forma?
- 5 – Como o Largo da Gente Sergipana pode contribuir com a cidade de Aracaju e o turismo Local?
- 6 – É verdade que o barco de fogo foi incluído após reivindicações dos brincantes de Estância? Qual a sua opinião a respeito?
- 7 – Já ouvi críticas que tratam da imagem do boi no lugar da figura humana do brincante de reisado. O que pode responder sobre essa crítica?
- 8 – Qual a sua opinião sobre as críticas tecidas por diversos campos da sociedade pelo uso do dinheiro destinado a construção do Largo da Gente Sergipana?
- 9 – Na sua opinião qual a relação do Largo da Gente Sergipana com o termo sergipanidade?

APÊNDICE 03 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA INTEGRANTES DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PRESENTE NAS ESCULTURAS DO LARGO DA GENTE SERGIPANA

1. Você concorda com a escolha das manifestações populares presente Largo da Gente Sergipana? Por quê?
2. Você acha que as manifestações culturais presentes no Largo da Gente Sergipana representam o estado? Por quê?
3. Você se sente representado Largo da Gente Sergipana? Por quê ?
4. Você acredita que o Largo da gente Sergipana pode contribuir com a cultura popular de alguma maneira? Como?
5. Houve alguma diferença para o seu grupo após a construção do Largo da Gente Sergipana? Quis?
6. Você acredita que o Largo da Gente Sergipana contribui de alguma forma com a cidade de Aracaju e o turismo local ? Como?
7. Teria alguma sugestão para melhoria do Largo da Gente Sergipana? Qual?

APÊNDICE 04 – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA INTEGRANTES DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS QUE NÃO FAZEM PARTE DAS ESCULTURAS DO LARGO DA GENTE SERGIPANA

1- Você conhece Largo da Gente Sergipana em Aracaju/SE?

2- Se sim,

A) Como você conheceu?

B) Qual a sua opinião sobre o Largo?

3. Você concorda com a escolha daquelas manifestações populares para compor Largo da Gente Sergipana? Por quê?

4. Você acha que as manifestações culturais presentes no Largo da Gente Sergipana representam o estado? Por quê?

4. Você se sente representado no Largo da Gente Sergipana? Por quê?

4- Você acredita que o Largo da Gente Sergipana pode contribuir com a cultura popular de alguma maneira? Como?

6- Você acredita que o Largo da Gente Sergipana contribui de alguma forma com a cidade de Aracaju e o turismo local? Como?

APENDICE 06 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO ENTREVISTA PARA ENTREVISTA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTA

Eu _____,
 RG _____, **AUTORIZO** entrevista respondida sobre o Largo da
 Gente Sergipana para uso no material escrito desenvolvido para a Dissertação de Mestrado,
 ou ainda em qualquer material de divulgação científica de pesquisas e relatórios, sem
 qualquer ônus, à aluna/pesquisadora **Adinóia da Conceição Lima**, RG nº 1.308.974 SSP/SE,
 do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade
 Federal de Sergipe, sob orientação da Prof.^a Dra^a Rosana Eduardo da Silva Leal.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo, livre e
 espontaneamente o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título de direitos
 autorais conexos à minha entrevista. Assino a presente autorização em de igual teor e forma.

São Cristóvão, _____ de _____ de 2021.

 NOME - ASSINATURA

APÊNDICE 07 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE ENTREVISTA



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A UTILIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DE
ENTREVISTA**

Eu _____,

RG _____, **AUTORIZO** o uso da gravação da minha entrevista para ser veiculada no material escrito desenvolvido para a Dissertação de Mestrado, ou ainda em qualquer material de divulgação científica de pesquisas e relatórios, sem qualquer ônus, à aluna/pesquisadora **Adinóia da Conceição Lima**, RG nº 1.308.974 SSP/SE, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe, sob orientação da Prof.^a Dra^a Rosana Eduardo da Silva Leal.

Deste modo, por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo, livre e espontaneamente o uso acima descrito sem que nada possa ser reclamado a título de direitos autorais conexos à minha entrevista. Assino a presente autorização em de igual teor e forma.

São Cristóvão, _____ de _____ de 2020.

NOME - ASSINATURA